

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Giulianna Girardi Domeneghini

**A Representação da Peste nas Cartas de Petrarca:
Entre Fortuna, Medo e Esperança**

Porto Alegre

2024

GIULIANNA GIRARDI DOMENEGHINI

A Representação da Peste nas Cartas De Petrarca: Entre Fortuna, Medo e Esperança

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira.

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Girardi Domeneghini, Giulianna
A Representação da Peste nas Cartas de Petrarca:
Entre Fortuna, Medo e Esperança / Giulianna Girardi
Domeneghini. -- 2024.
77 f.
Orientador: Igor Salomão Teixeira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Peste no século XIV . 2. Cartas da Idade Média.
3. Francesco Petrarca. 4. Representações. I. Salomão
Teixeira, Igor, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Se eu começasse estes agradecimentos da forma como havia pensado fazer, sei que receberia muitas respostas negativas daqueles que acreditaram em mim nesses últimos anos. Eu começaria com “esse trabalho seria impossível sem o auxílio de...”. Imagino agora muitas pessoas dizendo “tu faria um trabalho excelente de qualquer maneira”. Agradeço a vocês não só por acreditarem em mim e me fazerem acreditar no meu potencial, mas também por me darem a confiança de que seria possível um processo calmo, feliz e repleto de aprendizados.

Chegada a hora de citar nomes, não posso iniciar sem mencionar aqueles que se empenham todos os dias para melhorar a vida dos outros. Uma faculdade é sempre um desafio, e a concretização de um curso universitário lidando com uma doença crônica é ainda maior. Agradeço à minha médica, Bruna, por todo o apoio, nossas tentativas e erros, e pelo acompanhamento mesmo nas horas mais inesperadas. À minha outra Bruna, fisio, que foi um presente na minha vida, pela amizade que cultivamos ao longo do caminho e pela oportunidade de compartilhar minha experiência. À minha fisio da capital, Juliara, por me resgatar em momentos difíceis. À Carline, que ouviu todas as minhas histórias, medos e esperanças. E, é claro, à toda a família da Funcorp, pelo suporte imensurável e pela vontade de superar desafios. Principalmente, ao Nico, que me recebeu; ao Fábio, pela motivação contínua; e ao Matheus, pelas nossas conversas. Vocês mudam vidas!

À minha própria família, por me apoiar em minha trajetória. À minha mãe, por ler inúmeros textos e ter a vontade de aprender comigo tudo que trazia da UFRGS. Sou feliz em fazer parte da segunda geração formada em uma universidade pública. Ao meu pai, por incentivar o que eu queria fazer e me permitir tomar um espumante de vez em quando. Ao meu irmão, apesar de eu não cursar o que ele queria, pela diversão (o desafio vai chegar pra ti também). Aos meus avós, por traçarem o início desse caminho e amor por nossa história. À família de Porto Alegre, pelos inúmeros cafezinhos. Espero estarmos juntos para comemorar a oitava formatura dos Girardi na UFRGS.

Às pessoas que começaram a pensar o futuro comigo: Kami, Leti, Gi e Manu. Às amigas que fim nos últimos anos e que compartilham comigo o curso de História: à Clara, colega medievalista, ao Maester e Alana, medievalistas inesperados, à Andressa, ex-medievalista, aos não-medievalistas, Laura e Matheus. Ao Lorenzo, não posso agradecer por não gostar de Idade Média, mas posso agradecer muito por todo resto. Vamos construindo de tijolinho em tijolinho. Valorizo muito todos vocês e estarei pronta para ler todos os TCCs futuros.

Finalmente, à própria universidade, à ciência brasileira e ao CNPq, da qual fui bolsista, e aos professores que marcaram minha passagem pela Ufrgs. Agradeço à Cássia, pelo incentivo, principalmente na volta ao modo presencial, e por aceitar realizar todas as minhas ideias malucas e ler textos bem mais compridos do que deveriam ser. Ao Pedro, pelo interesse no meu trabalho e pelas trocas de aprendizado e experiências que tivemos nos últimos semestres. Ao Igor, meu orientador, que aceitou um trabalho sobre um tema que, diversas vezes, rendeu alguns comentários curiosos de quem me conhecia. Tua paixão pelo estudo da Idade Média se distingue no teu trabalho e nas tuas aulas!

A todos, meu muito obrigada! Vocês não tornaram só esse trabalho o melhor que poderia ser, mas permitiram que eu fosse o mais feliz possível ao realizá-lo!

RESUMO

Este trabalho visa compreender as maneiras como Petrarca representou a epidemia de Peste na sua correspondência pessoal. Petrarca foi um dos autores mais profícuos do século XIV, compondo a coleção *Rerum Familiarum Libri* com 350 cartas para amigos próximos e personagens políticos importantes à época. A coleção se insere em um projeto em que Petrarca busca moldar e interpretar seu próprio lugar no mundo, de modo a ficar conhecido para a posterioridade. Os Familiares formam uma espécie de autobiografia, intencional em todos os detalhes, que é o legado moral de Petrarca. Tendo vivenciado dois grandes surtos de Peste, esse tema afetou sua escrita e impactou a formação dos Familiares. Destacam-se aqui as 10 cartas em que trata do assunto, selecionadas para análise neste trabalho considerando que cada carta e a coleção em que ela está inserida funcionam como instrumento de perpetuação de uma intenção ou de um discurso específico. O conceito de representação de Roger Chartier é mobilizado de modo a pensar as construções sociais da realidade, em que Petrarca, a partir de suas intenções, fundamenta sua representação da Peste. Outros três conceitos, Fortuna, Esperança e Medo, são empregados devido à maneira como são utilizados por Petrarca para retratar sua experiência com a Peste, o que permite o entendimento da construção literária de sua representação da Peste. Nessa conjuntura, espera-se demonstrar que a representação da Peste insere-se num contexto bastante complexo e deve ser analisada entre a experiência descrita e a intenção da descrição dessa experiência. O produto dessa representação, ademais, não é único e imutável, e mesmo que sua experiência seja negativa, nem sempre tem resultado negativo.

Palavras-chave: Representações; Cartas; Peste no Século XIV; Francesco Petrarca

ABSTRACT

This work aims to understand the ways in which Petrarch represented the Plague epidemic in his personal correspondence. Petrarch was one of the most prolific authors of the 14th century, composing the collection *Rerum Familiarum Libri* with 350 letters to close friends and important political figures of the time. The collection is part of a project in which Petrarch seeks to shape and interpret his own place in the world, in order to become known for posterity. The Familiars form a kind of autobiography, intentional in every detail, which is Petrarch's moral legacy. Having experienced two major outbreaks of Plague, this theme affected his writing and impacted the formation of the collection. Highlighted here are the 10 letters that deal with the subject, selected for analysis considering that each letter and the collection in which it is inserted function as an instrument for perpetuating an intention or a specific discourse. Roger Chartier's concept of representation is mobilized in order to think about the social constructions of reality, on which Petrarch, grounded on his interests, bases his representation of the Plague. Three other concepts, Fortune, hope and fear, are mobilized due to the way they are used by Petrarch to portray his experience with the Plague, which allows the understanding of the literary construction of his representation of Plague. At this juncture, I hope to demonstrate that the representation of the Plague is inserted in a very complex context and must be read between the experience described and the intention of describing that experience. The product of this representation, moreover, is not unique and immutable, and even when the Plague experience is negative, it does not always have a negative outcome.

Keywords: Representations; Letters; Plague in the 14th Century; Francesco Petrarca

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I. ESTUDO DE CARTAS DA IDADE MÉDIA E SUAS COMPLEXIDADES	14
1.1. Cartas da Idade Média.....	14
1.2. Coleções de cartas medievais	19
1.3. A representação no estudo de cartas medievais.....	23
II. A CONSTRUÇÃO DA COLEÇÃO <i>RERUM FAMILIARUM LIBRI</i> E DE UMA IMAGEM PARA A POSTERIDADE.....	27
2.1. Petrarca escritor: a criação de si	33
2.2. A composição dos Familiares.....	41
III. A REPRESENTAÇÃO DA PESTE NOS <i>RERUM FAMILIARUM LIBRI</i>.....	41
3.1 A Fortuna e a busca pela virtude.....	49
3.2 Entre a Fortuna, o medo e a esperança.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

INTRODUÇÃO

Em junho de 1349, Francesco Petrarca (1303-1374) terminava seu relato sobre o tempo atribulado em que vivia e o enviava a seu amigo Ludwig Von Kempfen, a quem chamava de Sócrates. Ele temia descrever os acontecidos recentes devido a necessidade de relembra-los para colocá-los em texto¹:

Eu ainda não havia satisfeito a Fortuna pois ela teve de me atacar novamente com armas mais afiadas e teve que acrescentar até mesmo a loucura dos homens ímpios à ira de Deus. Que infortúnio! Agora estou começando a falhar e, assim como acontece com o terror que primeiro ataca aqueles que estão prestes a sofrer medos, agora tremo de um frio sombrio. Cheguei ao ponto em que tenho medo de recordar e relatar o que deve ser dito (FAM VIII, 9)².

Esse relato, inserido na coleção *Rerum Familiarum Libri* como nona carta do oitavo livro (VIII, 9) é envolto em tensão e suspense, sendo usado por Petrarca para refletir sobre a fragilidade humana frente ao desconhecido e aos golpes incessantes da Fortuna³ que assolaram sua vida. Dentre esses, a Peste de 1348, que provocou uma série de óbitos de amigos próximos a Petrarca, foi um dos mais fortes.

Nascido em Arezzo em uma família próspera, Petrarca passou a infância próximo a Florença e, após, nas redondezas de Avignon, pois seu pai decidiu seguir a mudança do papado para França, onde se estabeleceram em 1309. Tendo estudado Direito em Montpellier e em Bolonha, Petrarca fez diversos contatos com indivíduos importantes ao cenário político e cultural da época, com os quais se comunicou por cartas nos anos seguintes e compartilhou seu interesse pela literatura. Em sua volta a Avignon no ano de 1326, começou a trabalhar para o Cardeal Giovanni Colonna, a quem serviu como embaixador em cortes viajando pela Itália e pela França diversas vezes até a morte dele em 1348.

Interessado pela filosofia e pelo modo de escrita da Antiguidade, Petrarca foi classificado através dos séculos como fundador do movimento humanista. O entendimento atual sobre o autor destaca um homem inserido nos principais debates de sua época, que se coloca como um importante pensador frente aos acontecimentos que vivencia, de modo a

¹ Todas as traduções, cortes e grifos em citações são nossas.

² BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarum Libri I-VIII**. State University of New York Press, 1975, p. 422. No original “I had not yet satisfied fortune for it had to attack me again with sharper weapons and had to add even the madness of wicked men to the wrath of God. Woe is me! I am now beginning to fail, and as with the terror that first attacks those who are about to undergo fears, I now tremble with a gloomy cold. I have reached the point where I now fear to recall and relate what must be said”.

³ A expressão “golpes da Fortuna” é uma que o próprio Petrarca emprega diversas vezes nos Familiares ao tratar dos sofrimentos que assolam sua vida. Esses golpes e a compreensão de Petrarca sobre a Fortuna serão contextualizados no texto.

moldar e interpretar seu próprio lugar no mundo e negociar um meio-termo entre tradição e inovação. Petrarca não foi o primeiro a se interessar pelos escritos dos gregos e romanos, mas contribuiu para sua difusão e se inseriu como um pensador base para o que viria a se tornar o Humanismo. Segundo Ascoli, Petrarca representa um exemplo valioso da intersecção problemática entre consciência individual e contexto histórico, entre secular e religioso, entre uma “modernidade” nascente e as complicações políticas, de saúde e relacionais de seu contexto⁴.

Essas questões podem ser analisadas nas 638 cartas do autor que sobreviveram à atualidade. Suas cartas foram organizadas em quatro coleções pelo próprio autor: *Rerum Familiarum Libri*, *Rerum Senilium Libri*, *Epystole e Sine Nomine*, que totalizam 563 epístolas. No total, 638 sobreviveram até a atualidade, das quais 75 não foram compiladas por Petrarca. Esse número que sobrevive aos dias atuais é apenas uma porção das milhares de outras cartas escritas por Petrarca e destruídas, em muitos casos, por ele mesmo. Esse corpus abrange comunicações com 150 destinatários, de cerca de 1318, com um trabalho dedicado à sua mãe, até muito próximo de sua morte, em julho de 1374, com sua última carta à Bocaccio. Para a Idade Média, Petrarca é o autor com maior número de epístolas produzidas às quais ainda hoje se tem acesso⁵.

A coleção mais completa quanto à vida e aos pensamentos de Petrarca é sua coleção *Rerum Familiarum Libri*, composta de epístolas da sua vida adulta. Ao decidir criar sua própria coleção de cartas, a exemplo da recém descoberta coleção de cartas de Cícero, na biblioteca da Catedral de Verona, em 1345, Petrarca passa a reavaliar seus próprios escritos e a organizá-los em uma coleção que viria a se tornar a *Rerum Familiarum Libri*⁶, referida aqui também como Familiares ou RFL. A coleção *Rerum Senilium Libri* será referida como Seniles ou RSL. Com 350 cartas escritas e reescritas para os Familiares entre 1325 e 1366, divididas em 24 volumes, Petrarca compõe um projeto em que busca moldar e interpretar seu próprio lugar no mundo, de modo a ficar conhecido para a posterioridade. Os Familiares formam uma espécie de autobiografia, intencional em todos os detalhes, que é o legado moral de Petrarca.

Dentro da coleção um dos assuntos que mais afeta o autor e que mais exige empenho para ser inserido na coleção de forma condizente com seu objetivo é a Peste de 1348. As cartas que representam a epidemia vivenciada por Petrarca são apenas dez no Familiares, mas

⁴ ASCOLI, Albert Russel. **Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch**, op. cit, p. 1. O modo de compreensão de Petrarca descrito por Ascoli e reproduzido nesse parágrafo é compartilhado pelos autores do Companion.

⁵ KIRKHAM, Victoria. **A Life's Work**, op. cit, p. 21.

⁶ ASCOLI, Albert Russel. **Epistolary Petrarch**, op. cit, p. 121.

são fundamentais para a narrativa de vida do autor. Estudos da última década abriram caminho para repensar os grandes surtos de Peste e seu impacto nas sociedades e indivíduos da Idade Média⁷. Monica Green⁸ desponta como uma das pesquisadoras líderes no assunto e trata da necessidade de se considerar a capacidade dos indivíduos pensarem e agirem frente ao fenômeno epidêmico. Como a doença nunca opera em um “vácuo”⁹, diversas formas de compreender a Peste foram representadas do século XIV em diante. A Peste não teve uma tradução, compreensão ou representação única. Testemunhas e sobreviventes lutaram para encaixar suas experiências em sua visão de mundo, um processo que exige a seleção de memórias que fizessem sentido. As narrativas quanto à Peste passaram a ser generalizantes e universalizantes por razões específicas após 1350, o que refletiu tanto na compreensão da época como na historiografia¹⁰.

Os escritos de Petrarca devem ser inseridos nessa conjectura de modo que sua representação da doença foi constantemente revisitada ao longo dos anos. Petrarca não só transitou entre as regiões possivelmente mais afetadas pela doença, com destaque para a fronteira entre Itália e França¹¹, mas diversos de seus correspondentes também. Segundo Slack¹², deve-se atentar ao exagero em narrativas de pânico que alguns escritores, como Petrarca, e até mesmo historiadores compuseram. As reações à peste, sejam privadas ou públicas, não foram em sua maior parte de “histeria de multidão”. Ao buscar as explicações para a Peste e seus acontecimentos decorrentes, deve-se analisá-los a partir das concepções da época¹³.

⁷ MARSHALL, Louise. **Affected Bodies and Bodily Affect: Visualizing Emotion in Renaissance Plague Images.** In MADDERN, Philippa; MCEWAN, Joanne; SCOTT, Anne M.: *Performing Emotions in Early Europe*, Vol. 11, 2018, p. 97. *Id.* **Manipulating the Sacred: Image and Plague in Renaissance Italy.** *Renaissance Quarterly*, Vol. 47, No. 3, 1994, p. 486-487.

⁸ Monica Green é responsável pela edição mais atualizada quanto aos estudos sobre a Peste. Cf. *Pandemic Disease In The Medieval World: Rethinking The Black Death*, Arc Medieval Press, Kalamazoo and Bradford, Vol. 1, 2015.

⁹ HARRISON, Mark. **A Global Perspective: Reframing the History of Health, Medicine, and Disease.** *Bulletin of the History of Medicine*, vol. 89, No. 4, 2015, p. 639.

¹⁰ CARMICHAEL, Ann G. **Universal and Particular: the language of Plague, 1348-1500.** *Medical History*, Supplement, n. 27, 2008, p. 52.

¹¹ *Id.* **Plague Persistence in Western Europe: A Hypothesis.** In *Pandemic Disease In The Medieval World Rethinking The Black Death*, by Monica Green. Arc Medieval Press, Kalamazoo and Bradford, Vol. 1, 2015, p. 162

¹² SLACK, Paul. **Responses to Plague in Early Modern Europe: The Implications of Public Health.** *Social Research*, Vol. 55, No. 3, In *Time of Plague*, 1988, p 453.

¹³ Alguns trabalhos que tratam das concepções quanto à Peste, ou de saúde, higiene e corpo no fim da Idade Média, podem ser apontados. Dentre eles, GETZ, Faye Marie. **Black Death and the Silver Lining: Meaning, Continuity, and Revolutionary Change in Histories of Medieval Plague.** *Journal of the History of Biology*, Vol. 24, No. 2, p. 265-289, Summer 1991; VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo: Uma história da higiene corporal.** Tradução do Francês: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes. 1996. 297 pg; LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. Introdução: História de um Esquecimento. In LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. **Uma**

Os relatos de Petrarca quanto à Peste foram revistos e utilizados como forma de compreender a epidemia ao longo dos séculos. Contudo, considerando não só o contexto exposto, mas ampliando o escopo do presente trabalho, quando se tratam de relatos inseridos em cartas da Idade Média, a forma da análise é repleta de outras complexidades que só passaram a ser consideradas nas últimas décadas, com destaque ao trabalho de Giles Constable¹⁴. Um único artigo que trata diretamente da Peste na obra de Petrarca foi encontrado e referenciado neste trabalho. Porém como ele é anterior à publicação de Constable, alguns problemas metodológicos foram encontrados¹⁵.

Como a construção textual resulta de complexos processos de produção e transmissão que não devem ser ignorados¹⁶, a representação da Peste nas cartas de Petrarca pode ser analisada tendo como base os estudos recentes sobre o autor e sobre os documentos selecionados. Como as doenças são enraizadas com um significado cultural que não é derivado diretamente da natureza da condição, mas socialmente construído¹⁷, vale revisitar a representação composta por Petrarca. O problema central desta pesquisa então é compreender as maneiras como Petrarca pensou e representou a Peste na sua correspondência pessoal e o que isso pode revelar sobre a percepção social da doença. Nesse sentido, o trabalho visa contribuir com o desenvolvimento da Cultura na Idade Média, destacar a relevância social dos estudos de compreensões e representações de saúde e doença, além de ressaltar a importância da metodologia no estudo de cartas da Idade Média e seu potencial para pesquisas.

Para cumprir esses objetivos, o conceito de representação de Roger Chartier será mobilizado de modo a pensar as construções sociais da realidade, em que Petrarca, a partir de seu entendimento do mundo, fundamenta sua compreensão a partir de suas necessidades, seus interesses e os do grupo em que está inserido. Segundo Chartier¹⁸, as representações visam

história do corpo na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, P. 15-32; e GELTNER, G. **The Path to Pistoia: Urban Hygiene Before the Black Death** *Past & Present*, Vol. 246, N.1, P. 3-33, 2020.

¹⁴ CONSTABLE, Gilles. **Letters and letter-collections**, op. cit.

¹⁵ O artigo de Renee Watkins, intitulado *Petrarch and the Black Death: From Fear to Monuments*, de 1972, foi utilizado neste trabalho de modo crítico, considerando que algumas colocações da autora não condizem com os atuais estudos sobre Petrarca e sobre cartas da Idade Média. Logo, acreditamos que certas considerações da autora se sustentam - como a centralidade da Peste tanto para a criação de uma representação de si de Petrarca, quanto para a construção de sua virtude -, porém a metodologia utilizada considera as cartas de Petrarca como descrições fiéis de sua realidade e de seus sentimentos, o que é bastante problemático. Quando o artigo de Watkins for referenciado neste texto, estarei considerando apenas os argumentos que se sustentam e que podem ser reafirmados pela análise dos Familiares apresentada aqui. Além disso, considero fundamental mencionar a obra da autora, tendo em vista que Watkins foi uma das únicas pesquisadoras que buscou entender a Peste em Petrarca a partir de seu impacto no autor e em sua obra.

¹⁶ FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. **Uma Proposta De Leitura**, op. cit, p. 131.

¹⁷ BARKER, K; CONRAD, P. **The Social Construction of Illness: Key Insights and Policy Implications.** *Journal of Health and Social Behavior*, vol. 51, 2010, p. S67.

¹⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**, op. cit.

construir o mundo social e permitem identificar as maneiras como, em determinada realidade, a esfera cultural é pensada, construída, lida e repercutida. Logo, a significação da Peste vai ser analisada a partir desse foco de criação de discursos, os quais fazem parte de um processo social de construção de sentidos.

A metodologia empregada se baseia no trabalho de Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, que sugere a análise das cartas do período medieval a partir de termos específicos que determinado autor emprega ao tratar de determinada temática - trata-se, portanto, de uma análise semântica. O tema funcionará como núcleo central do levantamento de dados, o que será o fundamento para sua leitura. A leitura se direciona então à presença do vocábulo selecionado, verificando a quais elementos ele se relaciona¹⁹.

Os três vocábulos escolhidos são Fortuna, esperança e medo, do latim *fortuna*, *spes* e *timeo/metus*. Tais termos são continuamente empregados por Petrarca ao se referir à Peste, cada um aparecendo 40 vezes ou mais nas cartas selecionadas para análise. Medo e esperança são conceitos discutidos desde a Antiguidade Clássica, ambos considerados produtos da Fortuna²⁰. Já essa é motivo de deliberação contínua no Renascimento, pensada de forma diferente por cada autor²¹. Nos Familiares, a Fortuna é uma entidade poderosa e volátil, servidora de Deus, por quem interfere nos assuntos humanos.

Como recorte, foram adotadas as 10 cartas da coleção *Rerum Familiarum Libri* que mencionam a epidemia: I, 1, VII, 10, VII, 12, VIII, 7, VIII, 8, VIII, 9, X, 2, XI, 7, XVI, 2 e XXII, 12. Essas epístolas encontram-se compiladas em edições traduzidas do latim ao italiano, ao francês e ao inglês. Neste trabalho, a edição consultada foi a monumental tradução de Aldo Bernardo ao inglês, publicada em três volumes²². As cartas selecionadas tratam da epidemia da Peste em momentos diferentes da vida do autor, seja de forma explícita, com o autor descrevendo sua experiência, ou de forma implícita, em que Petrarca narra acontecimentos ou temores no contexto da Peste, sem se referir a ela. Assim, a maneira como aqueles vocábulos são utilizados por Petrarca, ao que se referem e como se relacionam à sua experiência com a Peste, representando-a de determinado modo, são os guias da análise

¹⁹ FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. **Uma Proposta De Leitura**, op. cit, p. 145-146.

²⁰ AKOPYAN, Ovanes. **Renaissance Consolations: Philosophical Remedies for Fate and Fortune**. In *Fate and Fortune in European Thought, ca. 1400–1650*, by John Sellars. Brill's studies in intellectual history, vol. 327, 2021, p. 14-36.

²¹ CIOFFARI, Vincenzo. **Fate, fortune, and chance**, in *Dictionary of the history of ideas*, vol. 2, by Philip Wiener. Scribner, Nova Iorque, 1973, p. 225–236.

²² As traduções ao inglês são BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarum Libri I-VIII**. State University of New York Press, 1975; *Id. Rerum familiarum libri IX -XVI*. The Johns Hopkins University Press, 1982; *Id. Rerum familiarum libri XVII-XXIV*. The Johns Hopkins University Press, 1985.

permitindo o entendimento não só das associações feitas pelo autor a suas vivências naquela epidemia, como também suas escolhas ao representá-la.

Com esse intuito, este trabalho está dividido em três capítulos. Inicialmente, trato das complexidades do estudo de cartas e coleções de cartas da Idade Média. Perpasso o desenvolvimento da *Ars Dictaminis* às inovações de Petrarca, cujas cartas contém estratégias discursivas e narrativas com objetivos específicos. Mostro como as coleções de cartas, das quais a *Rerum Familiarum Libri* é a mais completa e íntima do período, foram compostas com intenções que ultrapassavam a mera preservação dos documentos. Por fim, penso o potencial das cartas de funcionarem como instrumentos de representação de determinada ideia, conceito ou fenômeno.

O segundo capítulo atenta aos objetivos de Petrarca ao escrever suas obras, inspiradas em textos da Antiguidade Clássica e com finalidades muito bem definidas. A criação de uma imagem de si para a posteridade perpassa a criação não só das coleções de cartas, mas é vital para essas. Desse modo, trato das maneiras como Petrarca busca realizar seus objetivos e demonstrar um ideal de moralidade bastante elaborado. A atuação do autor na criação do próprio corpus documental para forjar uma narrativa de vida e memória sobre si mesmo envolve o grande projeto cultural que são os Familiares, construídos com estratégias que interligam os volumes da coleção e suas temáticas. Discorro, então, sobre a maneira como Petrarca compôs os Familiares, dando destaque ao oitavo livro da coleção.

Finalmente, a partir da narrativa do oitavo volume dos Familiares, o terceiro capítulo centra-se na construção de um ideal de virtude no qual a representação da Peste é fundamental. Início apresentando os problemas da Fortuna, força incontrolável que continuamente afeta a vida de Petrarca. Avanço para a análise das 10 cartas selecionadas e as insiro dentro do contexto e dos objetivos para os Familiares a partir dos conceitos de medo e esperança, emoções nas quais a Fortuna interfere e parte do processo de compreensão e construção da imagem da Peste pelo autor.

1. Estudo de cartas da Idade Média e suas complexidades

1.1 Cartas da Idade Média

Portanto, você desfrutará, como tem feito com meus outros escritos, desse estilo simples, doméstico e amigável, esquecendo aquele poder retórico do discurso que não me falta, nem sobra e que, se sobrasse, eu não saberia onde exercer. E como um seguidor fiel, você encontrará palavras que usamos na linguagem comum apropriadas e adequadas para a expressão de minhas ideias (FAM I,1)²³.

Petrarca escreveu séries de cartas sobre os mais diversos assuntos, desde autoconsolatórias, até petições a governantes, reis, Papas e imperadores. Suas epístolas conferem uma visão multifacetada, histórica e dinâmica do autor e descrevem suas interações interpessoais e vivências, o que permite estudar condições históricas e sociais específicas.

As cartas de Petrarca devem ser inseridas em seu contexto de produção, inserção em uma coleção e tratamento da posterioridade, todos processos envoltos nas intenções e objetivos do autor. Essas fontes resultam de complexos processos de produção e transmissão que não devem ser ignorados. Segundo Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva²⁴, é necessário entender os processos de composição, recepção, circulação e transmissão dos textos para poder interpretá-los em seu contexto de existência, que não é fixo e imutável. Além disso, a autora menciona a importância da compreensão da tradição de criação dos textos, o que visibiliza suas possíveis influências, motivações, aspectos inovadores ou fidelidade a um modelo.

A partir do século XI, a carta se torna o gênero textual mais usual para comunicação no Ocidente. A diversidade de formas e apelos possíveis nesse modelo escrito passam a interessar à crescente população dedicada à vida intelectual e religiosa. Variando de cartas pessoais, de propaganda - com intenções de tornar públicas experiências pessoais-, a cartas políticas, legítimos tratados ou petições a grandes autoridades, esse modo textual adquire certas tendências formais organizadas no *ars dictaminis* ou *dictamen*. Esses eram tratados que

²³ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarum Libri IX-XVI**. The Johns Hopkins University Press, 1982, p. 6-7. No inglês “Therefore, you will enjoy, as you have my other writings, this plain, domestic and friendly style, forgetting that rhetorical power of speech I neither lack nor abound in and which if I did abound in I would not know where to exercise. And as a faithful follower you will find words that we use in ordinary speech proper and suitable for expressing my ideas”.

²⁴ FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. **Uma Proposta De Leitura Histórica De Fontes Textuais Em Pesquisas Qualitativas**. Revista Signum, vol. 16, n. 1, 2015, p. 138-142.

definiam regras para a boa escrita de cartas, sumarizando de noções básicas até o conteúdo normativo²⁵.

A *ars dictaminis* concentrava-se em uma arte também argumentativa em que o objetivo não era apenas informativo, mas o de persuadir o leitor da carta a partilhar dos argumentos apresentados. A retórica e a persuasão se deslocavam de um domínio prioritariamente oral para o extremo domínio da escrita em latim,²⁶ que deveria apresentar uma linguagem adequada para evitar qualquer possibilidade de ofensa e ressaltar a qualidade da prosa do autor.

Ao longo do século XII, esses tratados se popularizaram e contribuíram com a formalização do gênero epistolar. Comunicações políticas, petições e relações de sociabilidade foram instrumentalizadas a partir da normatização e proliferação da utilização da carta²⁷. Essa funcionava como um documento que era sobretudo consciente de seu possível uso. Empregada para criar uma relação de espacialidade e contato com seu possível leitor, a carta detinha um caráter público, que ultrapassava o destinatário final, buscando a construção da presença do autor em um processo de propagação do conteúdo escrito²⁸. Como um meio de comunicação fundamental para a definição e sustentação de laço políticos, as epístolas tinham poder de atuação em um espaço entre os interlocutores, sustentando vínculos informativos e performáticos²⁹.

A maior parte dos manuais de *ars dictaminis* determinava que a carta deveria ser composta de uma estrutura específica, contendo em ordem a saudação, o exórdio, a narração, a petição e a subscrição. De acordo com Cláudia Regina Bovo

A saudação tratava-se do cumprimento ao destinatário da carta, o qual, dependendo de sua condição social, seria referenciado com maior ou menor exaltação; o exórdio era o enunciado que representava o princípio inspirador do texto, no qual o remetente buscava a benevolência do destinatário; a narração ilustrava as circunstâncias imediatas que conduziram o autor do texto à escrita da carta; a petição era a parte central, abrangendo o conteúdo substancial da carta e ligado às duas partes precedentes; finalmente, a subscrição estava submetida diretamente à petição, tendo por objetivo a recapitulação do que foi demandado e a assinatura do remetente³⁰.

²⁵ BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072)**. História (São Paulo) v.34, n.2, jul./dez. 2015, p. 264-265.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*

²⁸ CONSTABLE, Gilles. **Letters and letter-collections**. Turnhout: Brepols, 1976, p. 11-13.

²⁹ BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval**, op. cit, p. 278.

³⁰ *Ibid*, p 266-267.

Apesar de no final Idade Média a *ars dictaminis* ter repercutido em toda a Europa, nem todas as cartas seguiram seus direcionamentos. O objetivo da carta e as intenções do autor eram marcos definidores do modo como a epístola seria escrita, o que não acompanhava necessariamente as regras dos manuais. Os únicos traços estilísticos que marcadamente apareceram em praticamente todas as cartas escritas no período são a saudação e a assinatura³¹.

Essas podem, segundo Giles Constable, ser marcadoras definitivas de que o texto em que estão inseridas seria uma carta. Contudo, o autor afirma que sua ausência não significa que o texto não era originalmente uma carta, uma vez que o remetente podia escolher ocultar sua identidade, como Petrarca em sua coleção *Sine Nomine*³², ou o texto podia ter chegado aos dias atuais após passar por inúmeras alterações ao longo dos séculos³³.

Na Itália, o principal impulso para a crescente escrita de cartas partiu da organização do poder político no século XIII, que tornou o conhecimento da escrita economicamente rentável. Ao mesmo tempo, um crescente respeito pela alfabetização e pelas realizações literárias, unido ao processo de consolidação política, encorajou a criação de chancelarias seculares e eclesiásticas em todos os níveis de poder³⁴.

Nesse contexto, as cartas serviam a propósitos oficiais, o que requeria um modelo elaborado e legitimado de comunicação política. As prescrições estilísticas do *ars dictaminis* desencorajavam a espontaneidade e a expressão direta de pensamento e sentimento que dão caráter individual à carta. Além disso, as demandas políticas significavam que havia um espaço ínfimo para argumentações filosóficas nas cartas. Na correspondência pessoal de Dante, por exemplo, não há revelações de sua intimidade, mas sim um caráter estilístico semelhante às suas cartas políticas.³⁵

Herdeira da Antiguidade, a tradição epistolar carrega os ensinamentos principalmente de Cícero e de Sêneca. Devido em parte à valorização dos autores clássicos e em parte à continuidade da escrita de cartas ao longo do período medieval, a base teórica para a escrita das cartas segue bastante similar.³⁶

Como as necessidades públicas desempenharam um papel predominante para que os manuais de *ars dictaminis* fossem compostos, os escritores buscaram orientação para a

³¹ CONSTABLE, Gilles. **Letters and letter-collections**, op. cit, p. 17-18, 34.

³² Essa obra será contextualizada no início do próximo capítulo.

³³ CONSTABLE, Gilles. **Letters and letter-collections**, op. cit, p. 17-18.

³⁴ WITT, Ronald. **Medieval "Ars Dictaminis" and the Beginnings of Humanism: a New Construction of the Problem**. *Renaissance Quarterly*, vol. 35, n. 1, 1982, p. 4-5.

³⁵ *Ibid*, p. 14-19.

³⁶ *Ibid*, p. 27-32.

composição das cartas nos antigos manuais de oratória, com destaque para a obra de Cícero. Os ensinamentos da oratória advindos da Antiguidade serviram como base para pensar a escrita de cartas e seus manuais na Baixa Idade Média³⁷.

Esse estudo detalhado de livros antigos de oratória serviu para reforçar a tradição do *ars dictaminis* até o século XV. O humanismo italiano, de acordo com Witt, inicialmente surgiu como uma reação às pretensões da tradição retórica medieval. Contudo, os reformadores clássicos foram incapazes de superar a tradição do *ars dictaminis*. Enquanto autores debatiam a importância da oratória no discurso escrito, outros iniciavam uma tradição de estudo e imitação da literatura latina. Mesmo que esse interesse fosse compartilhado por professores de retórica e funcionários de chancelarias, seus estudos permaneceram no lado privado e não público de suas carreiras.³⁸

Embora uma visível mudança na retórica e na oratória deva aguardar até o século XV, uma reforma na escrita de cartas constitui um dos principais elementos humanistas em Petrarca³⁹. Os humanistas permanecem de certo modo dentro da estrutura da epistolografia ditada pelo *ars dictaminis*, ao mesmo tempo que se libertaram de certas amarras tradicionais e deram espaço para a inovação⁴⁰. Petrarca, em sua intersecção entre o homem medieval e o moderno, entre consciência individual e contexto histórico⁴¹, expressa a associação entre a arte da escrita de carta e a arte da oratória, da vida privada com a vida pública, marcos da vida no final da Idade Média e do Renascimento. O próprio autor explicita o assunto em suas cartas, com destaque para I, 9:

O cuidado da mente exige um filósofo, enquanto o uso adequado da linguagem requer um orador. Não devemos negligenciar nenhum deles [...] Nossa fala não é um pequeno indicador de nossa mente, nem nossa mente é um pequeno controlador de nossa fala. Cada um depende do outro, mas enquanto um permanece no peito, o outro emerge abertamente. O primeiro o ornamenta quando está prestes a surgir e o molda como quer; o outro anuncia como é enquanto emerge. As pessoas obedecem ao julgamento de um e acreditam na opinião do outro. Portanto, **ambos devem ser consultados para que o primeiro seja razoavelmente rigoroso com o outro, e o outro seja verdadeiramente magnífico em relação ao primeiro** (FAM I, 9)⁴².

³⁷ WITT, Ronald. **Medieval "Ars Dictaminis" and the Beginnings of Humanism**, op. cit, p. 6

³⁸ *Ibid*, p. 23-25.

³⁹ *Ibid*, p. 26.

⁴⁰ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**. State University of New York Press, 1975, p. 47.

⁴¹ ASCOLI, Albert Russel. **Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch**. In The Cambridge Companion to Petrarch edited by Albert Russell Ascoli and Unn Falkeid, Cambridge University Press, 2015.

⁴² BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**, op. cit, p. 47. No inglês "The care of the mind calls for a philosopher, while the proper use of language requires an orator. We must neglect neither one [...] Our speech is not a small indicator of our mind, nor is our mind a small controller of our speech. Each depends upon the other but while one remains in one's breast, the other emerges into the open. The one ornaments it as it is about to emerge and shapes it as it wants to; the other announces how it is as it emerges. People obey the

Assim, como demonstrado nos escritos de Petrarca, repensar a oratória a partir dos clássicos latinos foi um dos desenvolvimentos da epistolografia da época. Isso tornou os humanistas capazes de integrar o *studia humanitatis*⁴³ com seu trabalho profissional em chancelarias e em escolas de retórica e diversos autores passaram a empregar um estilo mais espontâneo em suas correspondências pessoais. Petrarca marca aqui um grande avanço, sendo o primeiro a escrever suas cartas pensando em si e em seu destinatário como leitores privados. Isso foi possível pois Petrarca detinha uma liberdade intelectual que oficiais de chancelaria e professores não tinham, permitindo que ele escrevesse suas opiniões sobre as mais diversas questões. Além disso, os recursos financeiros de Petrarca lhe proporcionaram uma vida de conforto na qual podia se dedicar à escrita⁴⁴.

Cícero foi uma referência significativa à Petrarca. Após descobrir uma coleção de cartas do antigo escritor em Verona, Petrarca decidiu compilar suas próprias epístolas em uma coleção⁴⁵. Assim, Petrarca leu Cícero para além de seus trabalhos sobre oratória, mas como escritor de cartas, o que permitiu que passasse a se espelhar nele e a expressar pensamentos mais íntimos em suas comunicações epistolares. Em suas epístolas, Cícero não exibiu seu poder de retórica, empregando uma forma mais moderada e pessoal em sua interlocução com o leitor, como em uma conversa⁴⁶. Logo, como Cícero, Petrarca oferece em sua coleção uma série de cartas bastante variadas em temática em que fala aos amigos aquilo que pensava que seria de seu interesse.

O interesse nos escritos de Cícero sobre a amizade e a felicidade promoveu o que Constable chama de “um culto à amizade baseado em um carinho desinteressado” que pode ser visto nas cartas de Petrarca e de outros indivíduos nos séculos finais da Idade Média⁴⁷. Esse desejo de preencher uma lacuna tanto temporal, quanto espacial e íntima entre duas pessoas é visível nas epístolas de Petrarca, representando muitas vezes o único meio de criar e

judgment of one, and believe the opinion of the other. Therefore both must be consulted so that one will be reasonably strict with the other, and the other will be truthfully magnificent toward the first”.

⁴³ *Studia humanitatis*, conceito derivado do trabalho de Cícero e central ao Renascimento, concentrava-se no estudo de gramática, poesia, retórica, história e filosofia moral. Para Petrarca, ele significava o cultivo da mente através do cultivo cuidadoso do uso da fala. BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**. State University of New York Press, 1975, p. 19.

⁴⁴ WITT, Ronald. **Medieval "Ars Dictaminis" and the Beginnings of Humanism: a New Construction of the Problem**. *Renaissance Quarterly*, vol. 35, n. 1, 1982, p. 32.

⁴⁵ *A Epistulae ad Atticum* é uma coleção de cartas composta por Cícero para seu amigo Titus Pomponius Atticus. Essas fornecem não só algumas das informações mais confiáveis para o período que antecedeu a queda da República Romana, mas também uma visão do caráter do autor, ao conter confissão, registro de seu humor e de seu cotidiano. Dela fazem parte 16 livros, que contém cartas de 68 a 44 aC.

⁴⁶ Outras duas obras de Petrarca são desenvolvidas como um diálogo que dramatiza questões de importância ao autor: *Bucolicum Carmen* e *Secretum*.

⁴⁷ CONSTABLE, Gilles. **Letters and letter-collections**, op. cit, p. 32.

manter relacionamentos de importância pessoal ou política⁴⁸. O autor, nesse contexto, é um grande divulgador dessa prática, endereçando a maior parte de suas cartas a amigos próximos e escrevendo extensamente e, de certa forma, informalmente, sobre o valor de suas amizades⁴⁹.

Segundo Bernardo, para Petrarca, o valor da fala residia no seu poder de disseminar conhecimento aos seus interlocutores, de maneira que o discurso dirigido para o exterior detinha valor muito mais alto que o discurso interno, que não servia ao bem dos outros. A difusão da *caritas*⁵⁰ cristã e dos meios de atingir uma vida virtuosa são objetivos fundamentais em suas cartas⁵¹.

Assim, as cartas cumpriam uma significativa função social e política, podendo tratar dos mais diversos assuntos e representando simbolicamente laços de amizade, bem como sinalizando honra em favor do destinatário. Esse estilo foi ativamente cultivado pelos humanistas, para os quais a carta é um documento tanto público como privado que existiu como uma evolução da *ars dictamis*, à qual concedeu o uso da oratória e da epistologia oficial. Essa se mesclou também ao estilo dos escritores da Antiguidade, tecendo um caráter mais livre e pessoal às comunicações epistolares a partir do século XIV.

1.2 Coleções de cartas medievais

Saudações. É possível que alguma palavra sobre mim tenha chegado até você, embora até isso seja duvidoso, já que um nome insignificante e obscuro dificilmente penetrará no tempo ou no espaço. Se, no entanto, você já ouviu falar de mim, você pode desejar saber que tipo de homem eu era, ou qual foi o resultado de meus trabalhos, especialmente aqueles dos quais alguma descrição ou, pelo menos, os simples títulos podem ter chegado a você (RSL, XVIII, 1)⁵².

Em sua Carta para a Posteridade, Petrarca conversa diretamente com seu futuro leitor, tecendo uma narrativa própria que conta a história de si que gostaria que ficasse

⁴⁸ *Ibid*, p. 14-15

⁴⁹ Isso pode ser notado principalmente na sequência de cartas do livro VIII dos familiares, em que descreve seu pesar pela perda de amigos que foram assaltados quando viajavam nas proximidades de Florença. Essa questão é desenvolvida por mim no final do capítulo dois deste trabalho.

⁵⁰ *Caritas* é um conceito bastante complexo. Para o âmbito e o alcance desta monografia, basta considerar a *caritas* uma virtude cristã que envolve o amor ao outro e a Deus.

⁵¹ BERNARDO, Aldo S. *Rerum Familiarium Libri I-VIII*. State University of New York Press, 1975, p. 19.

⁵² ROBINSON, James Harvey; ROLF, Harvey Winchester. *Medieval Sourcebook: Francesco Petrarch: Letters, c. 1372*. *Internet medieval sourcebook*, 2024. No inglês “Greetings. It is possible that some word of me may have come to you, though even this is doubtful, since an insignificant and obscure name will scarcely penetrate far in either time or space. If, however, you should have heard of me, you may desire to know what manner of man I was, or what was the outcome of my labors, especially those of which some description or, at any rate, the bare titles may have reached you”.

conhecida. Desse modo, Petrarca torna suas epístolas instrumentos de construção de um personagem que, a partir de uma longa estruturação de suas cartas em sequência, podem transmitir uma forma biográfica altamente elaborada.

A coleção *Rerum Familiarum Libri* envolve cartas que por um lado fornecem informações históricas e autobiográficas relativamente confiáveis e, por outro, cartas deliberadamente reescritas ou revisadas, às vezes distorcendo as informações inicialmente escritas para fins retóricos, literários e propagandísticos⁵³. Segundo Haseldine, uma carta deve sempre cumprir uma função específica dentro de uma coleção. As cartas medievais que sobrevivem na atualidade representam extratos altamente seletivos e provavelmente revisados das epístolas originais e, por causa disso, uma coleção de cartas deve ser entendida como um empreendimento literário distinto e não como a mera preservação das comunicações iniciais⁵⁴.

Logo, uma carta inserida em uma coleção tinha uma função separada e distinta da carta que foi originalmente escrita. Ao revisar, reescrever ou até mesmo forjar cartas para inseri-las em uma coleção, o autor detinha um objetivo específico que as cartas iniciais potencialmente não poderiam cumprir⁵⁵. Apenas algumas cartas encontram-se preservadas em sua forma original ou em manuscritos autógrafos, sendo que a maioria pode ser encontrada em coleções de cartas de caráter diverso, como compilações posteriores à morte do autor que podem, por exemplo, reunir cartas que ele não queria que fossem publicadas⁵⁶.

Uma coleção de cartas será considerada aqui do modo descrito por Ysebaert como uma “coleção composta conscientemente, para a qual o(s) autor(es) tinha(m) um objetivo específico em mente”⁵⁷. O autor descreve uma série de problemas para a compreensão da formação de uma coleção que, se não considerados, potencializam o risco de entender as cartas inseridas nas coleções de forma incompleta ou, até mesmo, incorreta.

Uma das principais problemáticas para o entendimento da coleção advém da forma como as cartas são transmitidas, particularmente em coleções de cartas. As coleções de cartas não são necessariamente uma compilação de cartas efetivamente enviadas, mas também podem incluir exercícios de estilo ou cartas fictícias. Existe também a possibilidade de o

⁵³ *Ibid.*, p. 122.

⁵⁴ HASELDINE, Julian. **Political Communications, Networks, and Textual Evidence A Cross-Cultural Comparative Approach to Written Sources using Letter Collections**. In De Weerd, Hilde, and Franz-Julius Morche (eds), *Political Communication in Chinese and European History, 800-1600*, Amsterdam, Amsterdam University Press 2021. Ascoli argumenta no mesmo sentido em relação aos Familiares.

⁵⁵ *Ibid.*, p.116-118.

⁵⁶ YSEBAERT, Walter. **Medieval Letters and Letter Collections as Historical Sources: Methodological Questions, Reflections, and Research Perspectives (Sixth-Fifteenth Centuries)**. *Studi Medievali*, Vol. 50, N. 1, junho 2009, p. 33-34.

⁵⁷ *Ibid.*

material reunido para uma coleção não ser de cópias de cartas originais, mas cópias de rascunhos ou cartas inacabadas⁵⁸. Além disso, é importante considerar quem redigia ou aprovava as cartas, qual a base teórica para sua composição, se as cartas foram encomendadas ou escritas à mando de alguma autoridade, se o próprio autor foi capaz de unir o material em uma coleção, quais os critérios para a inserção de determinadas cartas em uma coleção, como e porque as cartas foram colocadas em determinada ordem, qual o objetivo da coleção, como ela foi transmitida para a posteridade e se foi editada em momentos posteriores à vida do autor ou compilador⁵⁹.

No caso dos Familiares, organizados pelo próprio autor em vida com a liberdade de sua condição e objetivos específicos, diversas pesquisas já foram realizadas para garantir a autenticidade da coleção. Não só as cartas inseridas nos Familiares são autênticas, como muitas das suas versões originais⁶⁰, não editadas, sobreviveram até a atualidade⁶¹.

Ainda assim, parte importante dos Familiares é composta por cartas ficcionais, nunca enviadas. Essas são cartas da juventude de Petrarca que não atendiam mais a seu gosto e estilo de escrita ou ao propósito da coleção e cartas nunca enviadas as quais Petrarca datou como se fossem reais, também para atender o propósito da coleção. Ysebaert⁶² explica que a forma como o próprio autor fez alterações radicais em certas cartas intencionava torná-las mais complexas e prazerosas à leitura por meio do emprego de frases rítmicas e uma interpretação e significado mais expressivos. Ademais, a inserção de cartas ficcionais na coleção poderia torná-la mais coerente, preenchendo lacunas.

O primeiro a apontar as cartas fictícias nos Familiares foi Vittorio Rossi, editor de uma obra monumental sobre os Familiares e tradutor das cartas do latim ao italiano. Ele acreditava que Petrarca as usou para ampliar suas opiniões morais, políticas e literárias nas cartas. Giuseppe Billanovich continua seu trabalho identificando a extensão das cartas ficcionais e

⁵⁸ *Ibid*, p. 46.

⁵⁹ *Ibid*, p. 47-48.

⁶⁰ Essas são chamadas formas *gamma*, as quais foram inicialmente mencionadas por Rossi, que as reuniu após uma longa pesquisa que publicaria para a comemoração de 600 anos do nascimento de Petrarca, a *Edizione nazionale delle opere di Francesco Petrarca*. A nomenclatura definida por Rossi ainda é utilizada. Segundo ele, a redação das cartas mais próxima do original caracteriza-se como texto γ ; um rascunho intermediário, como texto β (aqui se encaixam rascunhos de cartas anteriores ao volumes VIII dos Familiares, compostos para a coleção mas reescritos posteriormente); e o texto definitivo, como α .

⁶¹ Não é nosso objetivo aqui traçar uma evolução dos estudos das cartas de Petrarca. Para estudos fundamentais sobre as coleções de cartas de Petrarca, ver as obras de Aldo Bernardo, Vittorio Rossi, U. Bosco, G. Billanovich e E. H. Wilkins. Destaco principalmente a obra monumental ROSSI, Vittorio. **Le Familiari**, 4 vol. Florença, 1933-1934; parte da *Edizione nazionale delle opere di Francesco Petrarca*, e BILLANOVICH, G **Petrarca letterato**: Lo Scrittoio del Petrarca. Roma, 1947. A obra mais recente e atualizada, que contextualiza todos os estudos anteriores, é a de Roberta Antognini, **Il Progetto Autobiografico Delle Familiari Di Petrarca**. Edizione Universitale di Lettere Economia Diritto, 2008.

⁶² YSEBAER, op. cit, p. 59-60.

Aldo Bernardo lança dúvida sobre a autenticidade de mais epístolas⁶³. Isso torna fundamental entender que parte da coleção, especialmente os primeiros oito livros, é composta por cartas fictícias que foram acrescentadas à coleção para produzir o efeito desejado. Petrarca, em seu desenvolvimento como escritor, destruiu muitas epístolas redigidas em sua juventude que provavelmente foram escritas seguindo rigorosamente as regras do *ars dictaminis*. Assim, ele teria reescrito e inventado quase a totalidade dos primeiros livros da coleção no decorrer de alguns meses, próximo do ano de 1350⁶⁴. Contudo, como não sobreviveram as cartas originais anteriores à descoberta da coleção de Cícero, não se pode saber até que ponto as cartas retrabalhadas por Petrarca foram realmente enviadas⁶⁵.

Conforme Witt, as cartas reais serviram para preencher uma lacuna principalmente de espaço na coleção, enquanto as fictícias preencheram a lacuna de tempo, dando consistência à coleção ou até enfrentando o lapso temporal entre o presente de Petrarca e a Antiguidade, como em suas cartas do livro XXIV endereçadas a autores como Cícero e Sêneca⁶⁶.

Mesmo imprescindíveis para a compreensão da coleção com um todo, nenhuma das cartas ficcionais será analisada neste trabalho. Cada carta, original ou não, tinha sua função estabelecida de acordo com as circunstâncias, objetivos e o contexto histórico da sua composição⁶⁷. Portanto, a carta é um objeto de uma intencionalidade e a coleção em que ela está inserida também funciona como instrumento de perpetuação de uma intenção ou de um discurso específico, em cujo valor também está em seu potencial de perpassar e representar discursos que serão transmitidos em determinada sociedade⁶⁸. Elas buscavam construir uma espécie de presença do seu autor ao “promover a circulação de seu conteúdo para um público mais amplo que o destinatário particular”⁶⁹.

Petrarca, dessa forma, encadeia suas cartas de maneira a transmitir uma mensagem a partir da sua união, não somente das cartas separadas. Cada um dos 24 livros dos Familiares atende a uma função específica, além de se comunicar com os volumes anteriores e posteriores.

De particular valor é a distinção teórico-metodológica entre microtextos individuais (neste caso, cartas) e as superestruturas macrotextuais dentro das quais estão contidos [...], e [entre esses microtextos e] as coleções consideradas como todos

⁶³ Segundo Bernardo, a totalidade das cartas ficcionais englobaria todo o livro I dos Familiares, com exceção de I, I, além de III, 8, 19; IV, 1, 17-19; V, 9, 13, 15; VII, 11; IX, 3 e XII, 14-16. Ver BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**. State University of New York Press, 1975.

⁶⁴ *Ibid*, p. 25-31.

⁶⁵ WITT, Ronald. **Medieval "Ars Dictaminis" and the Beginnings of Humanism**, op. cit, p. 31.

⁶⁶ *Ibid*.

⁶⁷ HASELDINE, Julian. **Political Communications**, op. cit, p. 217-218.

⁶⁸ YSEBAER, op. cit, p. 46.

⁶⁹ BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval**, op. cit, p. 270.

coerentes. É uma característica marcante de muitas das obras de Petrarca - e de outros textos-chave da tradição literário-intelectual emergente na Itália - que elas sejam mais facilmente caracterizadas como macro-textos do que como obras narradas e/ou argumentadas com continuidade⁷⁰.

Ascoli entende os Familiares como um “macro-texto” em que cada livro se conecta aos outros de alguma forma, seja pelos assuntos das cartas, sua cronologia, ou uma temática reflexiva. Como exemplo, pode-se citar os volumes VIII e X dos Familiares, organizados por Petrarca em torno de uma tensão profunda no pensamento de Petrarca em seu conflito de consciência entre os mundos ativo e contemplativo, secular e religioso, clássico e católico, público e privado⁷¹. A relação entre os golpes da Fortuna sofridos por Petrarca perpassa também uma série de livros, ganhando força no livro VIII após o primeiro surto de Peste na Europa, e seguindo presente em várias séries de cartas, principalmente nos volumes IX, X e XI. A própria temática da Peste serve de ligação entre os livros por meio dos efeitos de sua experiência por Petrarca, sendo percebida como maneira de ligar a coleção em si, da carta I, I até XXII, 12, e novamente nos Seniles, em sua primeira carta.

Toda a estruturação e conteúdo dos volumes de suas coleções de cartas e as expressões que elas formam em suas interligações foram efeito de estratégias literárias e retóricas habilmente implantadas. Dentro dos Familiares, Petrarca deliberadamente modelou e remodelou a sua própria imagem para os seus contemporâneos e para as gerações futuras, pelas quais ele esperava ser lido e admirado da mesma forma que admirava os autores da Antiguidade, tentando colocar-se ao lado deles como um clássico. Dessa maneira, os Familiares são uma coleção intencionalmente construída para legar ao futuro a construção de si que Petrarca intencionava a partir da elaboração de sequências textuais que nos legaram uma narrativa de conflitos de consciência, dúvidas, anseio pela glória terrena e pela vida posterior, penitência e arrependimento - posturas cuidadosamente forjadas em diálogo contínuo entre cartas, volumes e coleções⁷².

1.3 A representação no estudo de cartas medievais

⁷⁰ ASCOLI, Albert Russel. **Epistolary Petrarch**, op. cit., p. 126. No original “Of particular value is the theoretical-methodological distinction between individual micro-texts (in this case, letters) and the macro-textual superstructures within which they are contained [...] and in the collections considered as coherent wholes. It is a striking feature of many of Petrarch's works, and of other key texts of the emergent literary-intellectual tradition in Italy, that they are more easily characterized as macro-texts than as continuously narrated and/or argued works”.

⁷¹ *Ibid*, p. 126.

⁷² ASCOLI, Albert Russel. **Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch**, op. cit., p. 2.

Depois de pensar um pouco sobre o assunto, inicialmente concluí que o nome “Epístolas” seria adequado para elas. Mas porque muitos antigos tinham usado esse título, e porque eu próprio o tinha feito (para várias peças métricas que tinha dirigido aos meus amigos, como disse anteriormente), não quis usar o mesmo título duas vezes, e gostando da ideia de um novo, decidi chamar a coleção de *Familiarium rerum liber* (FAM I, 1)⁷³.

As cartas de uma coleção contém uma função distinta, mas complementar, aos objetivos de uma coleção. A reputação do autor apresentada à posteridade é central nesse processo de criação de memoriais literários. Compreender a função comunicativa de uma carta em si ou dentro de uma coleção é particularmente complicado para esses documentos da Idade Média⁷⁴.

Conforme Haseldine, a carta original enviada tinha uma função relacionada com as circunstâncias e o contexto histórico da sua composição; já para uma carta inserida em uma coleção, o contexto de produção é a própria coleção. Para apreender o que uma carta significa dentro da coleção, a razão da sua inclusão, o que ela pretende expressar, os seus possíveis objetivos narrativos, e como o compilador pensou sua futura recepção, o mais importante é a correlação entre a carta e os outros textos preservados com ela.⁷⁵

Ao identificar a função comunicativa de cada epístola, é possível compreender com mais precisão os propósitos da escrita e do envio do texto. Para isso, é oportuno classificar as cartas de acordo com sua intenção, o que é mais difícil no caso de Petrarca, que escreveu de forma mais pessoal e não em acórdância com o *ars dictaminis*. Todas as cartas estudadas neste trabalho atendem ao princípio da comunicação com amigos, com apelos para entender sua condição ou expressar os medos e desejos do próprio autor, o que segue uma lógica de comunicação afetiva e desinteressada entre indivíduos. Elas são repletas de reflexões sobre a morte, a esperança, a sorte, a virtude, o sofrimento, o medo e questões religiosas que afetavam a consciência de Petrarca e definiam sua relação com seus mais próximos e íntimos amigos.

Nesse sentido, a Peste é um agente fomentador desses sentimentos e comunicações, que passam a determinar a agência de Petrarca sobre sua vida, sua mente e seus relacionamentos. Em vista disso, o conceito de representação de Roger Chartier⁷⁶ é mobilizado aqui de modo a pensar as construções sociais da realidade nas quais Petrarca

⁷³ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri IX-XVI**, op. cit, p. 11. No inglês “After some thought on the matter, I initially concluded that the name “Epistles” would be suitable to them. But because many ancients had used that title, and because I myself had done so (for various metrical pieces that I had directed to my friends, as I said previously), I did not want to use the same title twice, and liking the idea of a new one, I decided to call the collection *Familiarium rerum liber*”.

⁷⁴ HASELDINE, Julian. **Political Communications**, op. cit, p. 216-218.

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. DIFEL: 2 ed. 2002, p. 16-17

fundamenta sua compreensão da epidemia a partir de suas necessidades, seus interesses e os do grupo de sociabilidade em que está inserido.

Segundo Chartier, a representação pode significar a apresentação pública intencional de algo ou de um indivíduo. Ela é o instrumento de um conhecimento mediado de algo ausente traduzido por uma imagem inteligível. A representação equivale assim a uma correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente que valem um pelo outro, sendo a imagem presente visada como transmissora de uma mensagem específica que caracteriza o objeto ausente na memória como a expressão de uma verdade⁷⁷.

Dessa forma, os dispositivos textuais inscrevem em suas próprias estruturas as expectativas e as competências do futuro público leitor. Contudo, é preciso considerar os discursos em suas articulações e suas estratégias persuasivas próprias, lembrando que as representações não são redutíveis aos temas que elas sustentam⁷⁸. Nesse sentido, deve-se pensar a representação dentro de cartas como um discurso específico que tem frutos mais abrangentes e diversos do que a escrita inicial previa, ao mesmo tempo que para estudar uma temática dentro das cartas deve-se atentar às estratégias e as escolhas representativas do autor para aquele tema, de acordo com seu público previsto.

Outrossim, é imprescindível tratar os discursos em sua descontinuidade ou discordância. Cada texto deve ser compreendido em sua especificidade, dentro de suas condições de produção e de suas possibilidades de transmissão de um discurso que intenta ser repleto de veracidade, julgando juntamente que tal discurso não resultará em uma visão de mundo imutável e unívoca⁷⁹.

Nessa lógica, as cartas podem ser pensadas como documentos históricos e de representação, que permitem melhor compreender seu contexto de produção como parte de uma tradição de criação de documentos com discursos que intencionavam ser públicos. O potencial da carta também está em sua capacidade de perpassar e representar discursos que serão transmitidos e retransmitidos em determinada sociedade, podendo sustentar uma narrativa dentro de um mundo social em que a disputa de narrativas é normativa.

Como as representações, portanto, visam construir uma imagem do mundo social e, ao mesmo tempo, refletir nele, elas permitem identificar as maneiras como, em uma realidade, a esfera cultural é pensada, construída, lida e repercutida. Logo, a significação da Peste dentro das cartas da *Rerum Familiarum Libri* de Petrarca será analisada dentro desse contexto de

⁷⁷ *Id.* À Beira da Falésia: a História entre Certezas e Incertezas. Editora UFRGS: 1 ed. 2002, p. 74-75.

⁷⁸ *Ibid*, p. 76.

⁷⁹ *Ibid*, 77-78.

criação de discursos mutáveis, os quais fazem parte de um processo social de construção de sentidos e de dissimulações, sempre em disputa e reavaliação.

II. A construção da coleção *Familiarum Rerum Libri* e de uma imagem para a posteridade

2.1. Petrarca escritor: a criação de si

Comecei este trabalho como um homem jovem; estou completando-o na minha velhice, ou melhor, estou continuando-o, pois é o único que só a morte pode finalizar. Que outro fim posso esperar das minhas conversas com amigos senão o fim da vida? Ou como poderia eu permanecer em silêncio com eles enquanto ainda vivo, se pretendo falar com eles com meus lábios frios desde o túmulo? Organizei este trabalho não por assuntos, mas cronologicamente, com exceção das últimas cartas endereçadas aos ilustres antigos, que conscientemente reuni num só lugar devido à sua unidade de caráter, e com exceção da primeira carta, que, embora escrita posteriormente, precede suas companheiras para servir de prefácio; quase todas as outras estão organizadas cronologicamente. **Assim, o leitor poderá, se desejar, acompanhar meu progresso e o rumo de minha vida.** Confesso, porém, que em meu desejo de evitar repetir a mim mesmo ou alguma frase duas ou mais vezes, não consegui cumprir minha promessa original. Eu realmente tentei, mas uma infinidade de coisas interferiu – a própria variedade e as convenientes distrações de uma mente enquanto concentrada em outros assuntos (*FAM XXIV, 13*).⁸⁰

Petrarca moveu-se facilmente entre muitos gêneros e esferas de vida diferentes. Looney coloca que “Um de seus eus é o do humanista, o estudioso devotado à recuperação, estudo e promulgação de textos da tradição clássica”⁸¹. Outro é o poeta que busca refletir sobre questões universais em um modelo de grande circulação e admirado desde a Antiguidade. Outro, ainda, é o escritor de epístolas, grande comunicador das mais diversas temáticas que procura se colocar como influência política e de modo de vida. Nesse âmbito encontram-se suas complexas coleções de cartas, obras interligadas que conferem uma visão abrangente sobre sua vida diária e suas intenções. A partir de sua análise e das intenções contidas em suas outras obras, é possível entender como Petrarca moldou sua imagem para a posteridade.

⁸⁰ BERNARDO, Aldo S. *Rerum familiarium libri XVII-XXIV*. The Johns Hopkins University Press, 1985, p. 351. No inglês “ I began this work as a young man; I am completing it in my old age, or rather I am continuing it since it is the only one that death alone can end. What other end can I expect for my conversations with friends but the end of life? Or how could I possibly remain silent with them while still alive if I plan to speak to them with my cold lips from the grave? I have arranged this work not according to subjects but chronologically, with the exception of the last letters addressed to illustrious ancients, which I consciously brought together in one place because of their unity of character, and with the exception of the first letter, which, though written later, preceded its companions to serve as a preface; nearly all the others are arranged chronologically. Thus, the reader may, if he wishes, follow my progress and the course of my life. I confess, however, that in my desire to avoid repeating myself or some phrase two or more times I was unable to fulfill my original promise. I really tried, but a plethora of things interfered—the variety itself and the compelling distractions of a mind meanwhile intent on other matters”.

⁸¹ LOONEY, Dennis. *The Beginnings of Humanistic Oratory: Petrarch’s Coronation Oration*. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 134.

Petrarca modelou uma memória de si para os seus contemporâneos e para as gerações futuras. Suas representações de si, variadas em suas diversas obras, são fruto de estratégias retóricas pensadas para refletir suas intenções pessoais⁸². Conflitos internos, medos e questionamentos, anseio por glórias e fama e seu posterior arrependimento são posturas cuidadosamente construídas em diálogo entre obras e cartas. Ascoli menciona que a própria imagem histórica de Petrarca, que o situa entre o velho e o novo, o medieval e o moderno, é a representação de si que ele mesmo promoveu⁸³.

De acordo com Simone Marchesi, todas as obras de Petrarca partiam de um projeto que buscava torná-lo o principal intelectual e poeta-historiador de seu tempo. Nenhuma delas, porém, adquiriu tanta fama na época como sua *Africa*, escrita por mais de 30 anos e nunca terminada. Concebida como uma resposta aos poemas heróicos medievais e com base na *Eneida* de Virgílio, a *Africa* é uma epopeia que conta a história de Cipião Africano, o Velho, na Segunda Guerra Púnica, e apresenta um panteão grego cristianizado. Com isso, Petrarca visava incitar um tipo essencialmente novo de classicismo⁸⁴. Seu *De viris illustribus* segue o mesmo plano. Reunindo biografias de uma ampla gama de indivíduos que considerava notáveis, Petrarca compõem uma obra com exemplos de conduta baseada nos antigos romanos. Para Petrarca, nenhuma sociedade na história teria se igualado à Roma antiga⁸⁵, ápice da civilização e da moral. Desgostoso e profundamente abalado com a liderança secular e eclesiástica de seu próprio tempo, principalmente com o papado de Avignon⁸⁶, que acreditava ser corrupto, ele esperava que, ao recriar com sua base moral as vidas dos antigos heróis romanos, poderia ajudar a melhorar a conduta de sua sociedade⁸⁷.

“Toda época lamenta sua conduta.” Eu acredito nisso; no entanto, a não ser que esteja errado, nenhuma outra época teve maior justificação para reclamar dos seus

⁸² Embora Petrarca tenha escrito e reescrito suas obras, para a composição dos manuscritos finais ele empregou a mão de obra de escribas contratados sob sua supervisão direta. Maggio Maggi, Gasparo Scuro dei Broaspini e Giovanni Malpaghini trabalharam nos Familiares. Para mais informações, ver o segundo capítulo da obra de Roberta Antognini, *Il Progetto Autobiografico Delle Familiare Di Petrarca*.

⁸³ ASCOLI, Albert Russel. **Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch**, op. cit, p. 6.

⁸⁴ MARCHESI, Simone. **Petrarch's Philological Epic**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 114.

⁸⁵ A relação de Petrarca com Roma envolvia não só sua admiração pela cidade em si, onde escolheu ser laureado em 1341, mas pela história da Roma Antiga e de seus personagens. Ela a menciona em suas cartas como a melhor e mais digna cidade do mundo. Ele visitou a cidade diversas vezes e estabeleceu um projeto cultural para compartilhar os conhecimentos e as histórias de vida daqueles que lia e admirava, além de encorajar uma revolta que acreditava que poderia restaurar o poder e a moral da cidade.

⁸⁶ Petrarca descrevia Avignon como a Babilônia do Oeste, uma oposição à magnificência de Roma. Para ele, não só o papado, como a corte em Avignon, formavam antros de corrupção. Esse pensamento transformou-se em uma coleção de cartas sobre o assunto, como também comentários constantes em seus Familiares.

⁸⁷ WITT, Robert. **The Rebirth of the Romans as Models of Character**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 104.

costumes [...] Estou ciente das feridas sofridas pela Itália no presente e no passado. Ela se tornou forte devido ao infortúnio, desenvolvendo calosidades devido a cicatrizes frequentes, embora não apenas a Itália, mas o mundo inteiro, desde o início, tenha sofrido incontáveis desastres. (FAM XX, 1)⁸⁸.

Confiante em sua autoridade ao tratar da cultura erudita, Petrarca expressa desdém pelo que acredita ser a pobreza cultural de sua época, fazendo disso um impulso para escrever⁸⁹. O tema da virtude, nesse contexto, é um dos que mais perpassa seus escritos. Em seu tratado *De otio religioso*, ele apresenta uma abordagem humanista da solidão religiosa e introduz uma nova perspectiva sobre a atividade espiritual monástica. Escrevendo sobre a atividade monástica como um homem de letras seculares, ele se coloca como aquele que escolheu um segundo caminho que não exclui o primeiro⁹⁰. Logo, Petrarca vê no próprio ato de escrever uma forma de salvação. Dessa forma, como cidadão focado na reforma moral de sua sociedade, Petrarca decide exercer uma influência positiva no mundo através dos seus escritos⁹¹. Representando-se como um novo São Paulo em *De vita solitaria*, o poeta italiano coloca-se como uma nova figura referencial da experiência e da moral humana⁹².

Em suas invectivas, Petrarca encontra espaço para desenvolver essas ideias. Ele apresenta uma tradição da vida moral com a qual se identifica, apoiado nos escritos de Agostinho, Sêneca e Cícero. Alicerçado nesse contexto, Petrarca pensa o declínio da cultura de sua época como fundamento para gerir a sua imagem pública de uma forma que possa contribuir para reverter esse declínio. Segundo Stefano Cracolici, é essa fusão de preocupações emocionais e intelectuais que constitui o aspecto funcional do trabalho intelectual de Petrarca⁹³.

Essencial para a compreensão essa questão está *De remediis utriusque*, um tratado sobre os remédios e meios de lidar com a boa e má Fortuna. Composto entre 1354 e 1360, o

⁸⁸ BERNARDO, Aldo S. *Rerum familiarium libri XVII-XXIV*, op. cit, p. 123. No inglês ““Every age laments its ways.” I believe this; yet unless I am mistaken, no other age was ever more justified in complaining about its customs [...] I am aware of Italy’s wounds suffered in the present and in the past. She has become hardened to misfortune, developing callouses over frequent scars, although not only Italy but the entire world from the beginning has suffered countless disasters”.

⁸⁹ KIRKHAM, Victoria. *A Life’s Work*. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 1.

⁹⁰ O irmão mais novo de Petrarca, Gherardo, é o representante do primeiro caminho. Ele adentra a Ordem Monástica dos Cartuxos em 1343. Gherardo é um correspondente usual de Petrarca e um dos homens que ele mais admirou, principalmente pelo sacrifício necessário ao viver uma vida isolada, privada de bens e vaidades. Por esse motivo, ele se torna a materialização do exemplo de virtude aspirado por Petrarca.

⁹¹ BARSELLA, Susanna. *A Humanistic Approach to Religious Solitude*. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 197-199.

⁹² MAGGI, Armando. “**You Will Be My Solitude**”: **Solitude as Prophecy**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 188.

⁹³ CRACOLICI, Stefano. *The Art of Invective*. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 255-276.

trabalho consiste em 254 diálogos sobre vários atos da Fortuna, nos quais a personagem Razão conversa com Alegria, Esperança, Tristeza e Medo, com o objetivo final da contemplação ou comemoração da morte. Esse tratado não foi uma inovação de Petrarca, mas baseado em leituras de autores como Cícero, Sêneca e Agostinho, tratando de uma temática popular da época. O triunfo de Petrarca ao tratar da Fortuna é centrar-se na resposta individual aos atos da Fortuna⁹⁴, que não somente em seu tratado, mas em suas coleções de cartas, torna-se uma protagonista. Para o autor, a Fortuna seria essencialmente a força do acaso e a virtude, a força para lidar com esse acaso⁹⁵.

Fundamental para o humanismo do autor está a afirmação de que a meditação sobre a experiência é essencial para o conhecimento da verdade. Nessa perspectiva, Petrarca é um escritor centrado em perseguir virtudes não apenas teológicas, mas também morais⁹⁶. De forma macrotextual, essa questão perpassa seus escritos poéticos, tratados e cartas, configurando-se como um de seus objetivos primários demonstrar à sua sociedade e à posteridade a necessidade de buscar a virtude frente às tentações mundanas e os golpes da Fortuna.

Um dos gêneros textuais em que essa questão é mais explicitada é o epistolar. Suas cartas, organizadas nas quatro coleções *Rerum Familiarum Libri*, *Rerum Senilium Libri*, *Epystole e Sine Nomine*, totalizam 563 epístolas compiladas por Petrarca. Outras diversas ou foram intencionalmente destruídas, ou não sobreviveram à passagem do tempo. Esse corpus abrange comunicações com 150 destinatários, de cerca de 1318 ao ano da morte do autor, 1374.

No total, 638 cartas de Petrarca chegaram à atualidade. Dessas, 76 não foram colocadas em uma coleção por ele. Compiladas por estudiosos de Petrarca ao longo dos séculos a partir de fontes dispersas, elas foram organizadas inicialmente em duas coleções distintas, *Variae* e *Miscellaneae*, e hoje se encontram compiladas sobre o nome de *Lettere Disperse*⁹⁷.

Como não foram selecionadas e compiladas por Petrarca, essas cartas permitem acessar textos que escaparam ao rígido controle do autor. As expectativas de audiência para elas eram diferentes daquelas inseridas nas coleções. Ainda assim, elas não podem ser lidas

⁹⁴ KIRCHER, Timothy. **On the Two Faces of Fortune**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 245.

⁹⁵ Essa questão será desenvolvida a partir da análise de suas cartas no próximo capítulo.

⁹⁶ BARSELLA, Susanna. **A Humanistic Approach to Religious Solitude**, op. cit., p. 203.

⁹⁷ Para acesso às cartas não compiladas por Petrarca, ver a edição PANCHERE, Alessandro. **Lettere Disperse: Variae e Miscellaneae**. Fondazione Pietro Bembo, 1994, 563 p. As *Variae* e *Miscellaneae* são compilações incompletas realizadas no século XVIII.

como objetos que fugiram de revisões ou como fontes mais próximas da sinceridade do autor, já que as cartas, de um modo ou de outro, cumpriram o seu propósito de serem enviadas e lidas, o que só ocorria após muita deliberação sobre seu conteúdo por parte de Petrarca. As *Lettere Disperse*, não sujeitas à revisão retrospectiva de Petrarca, nem submetidas à reelaboração para a posteridade, mantém, no entanto, uma relação mais direta com o seu público contemporâneo imediato⁹⁸.

Algumas das cartas que não foram reunidas nem entre os Familiares, nem entre os Seniles, por seu tom altamente crítico ao papado de Avignon, Petrarca compilou em sua obra *Sine Nomine*⁹⁹. Como não há assinatura, a *Sine Nomine* carece de autoridade total do autor, mas tanto pelo estilo característico, como pela temática - que o autor não cessa a tratar, de modo mais sutil, nos Familiares - a obra foi reconhecida como de Petrarca ao circular no início da Idade Moderna¹⁰⁰.

A coleção *Epystole* é composta de correspondências poéticas baseadas nas Epístolas de Horácio¹⁰¹. Ela contém sessenta e seis cartas divididas em três livros. Com a publicação da obra, Petrarca buscava substituir a circulação de certas versões de suas cartas não corrigidas ou não aprovadas por si mesmo¹⁰². Um dos assuntos principais da coleção é renúncia de um homem a todas as coisas mundanas e a consequente libertação das ilusões do mundo¹⁰³. Isso, consequentemente, o tornaria mais próximo da virtude tanto perseguida e desejada por ele.

Esse caminho moral que o autor pretende transmitir perpassa todas as suas coleções de cartas. A coleção *Rerum Familiarum Libri* foi concebida com a intenção de ser lida como um livro de instruções para uma vida virtuosa. De acordo com Giuseppe Mazzotta, os Familiares foram uma forma de Petrarca imaginar a possibilidade de reis, governantes, professores, poetas, chanceleres e cardeais levarem sua experiência de vida em consideração e refletirem sobre seus conselhos¹⁰⁴. Bastante heterogêneas em assunto, as cartas, contudo, devem ser

⁹⁸ WESTWATER, Lynn Lara. **The Uncollected Poet**, op. cit, p. 302.

⁹⁹ ASCOLI, Albert Russel. **Epistolary Petrarch**. In *The Cambridge Companion to Petrarch* edited by Albert Russell Ascoli and Unn Falkeid, Cambridge University Press, 2015, p. 121.

¹⁰⁰ MARTINEZ, Ronald. **The Book without a Name: Petrarch's Open Secret**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 292.

¹⁰¹ Horácio publicou suas cartas em dois volumes, nos anos de 20 e 14 a.C. Com caráter ético e meditativo, até mesmo satírico, ele trata de sua própria vida e de conselhos aos seus leitores, recomendando um estilo de vida reservado e concentrado no estudo, que ele mesmo diz ter adotado. A correspondência à obra de Petrarca é evidente.

¹⁰² VELLI, Giuseppe. **Poetic Journal**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 277.

¹⁰³ *Id. Petrarch's "Epystole"*. *Italica*, Vol. 82, No. 3/4, 2005, p. 370.

¹⁰⁴ MAZZOTTA, Giuseppe. **Petrarch's Epistolary Epic: Letters on Familiar Matters**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 318.

entendidas em sua relação umas com as outras dentro da coleção, o que expõe uma linha de desenvolvimento psicológico do autor e seus objetivos ao longo da evolução da coleção. Mazzota coloca que a partir de acontecimentos de sua própria vida, Petrarca encontrou um modo de levar uma mensagem aos seus leitores:

Assim como Cícero e Sêneca, Petrarca dispensa prescrições sobre questões de ética: o valor da moderação e da castidade, as recompensas da amizade, regras para jantar, preocupação com a condição de amigos distantes, tranquilidade de espírito, como conter sentimentos de ansiedade sobre a fuga do tempo, o louvor à vida solitária, o cultivo do corpo e da alma, os apelos à paz, como suportar a dor, como exercer a virtude diante das adversidades da fortuna, como evitar o sofrimento, oferecer consolo em casos de morte, e assim por diante. Mas como um livro de ética - um termo que deve ser entendido como a arte de viver - só pode emergir da textura da vida de alguém, Petrarca inclui na sua coleção relatos daquilo que ele próprio realmente viveu¹⁰⁵.

Essa obra exponencial, que compila 350 cartas de quase 50 anos, se lida como uma unidade, desvela os meios como Petrarca imaginou um mundo alternativo ao existente, mas baseado em sua experiência de vida, com o qual pode conceber um grande projeto de cultura, seu modelo ideal da experiência real¹⁰⁶. Esse projeto, envolto no classicismo e na moralidade católica, é gerido pelo seu círculo restrito de amizades, pelas elites intelectuais, e por personagens de poder. Assim, os Familiares são elevados a uma obra chave do cânone de Petrarca ao apresentar seu plano extraordinariamente estruturado, lúcido e autoconsciente que, mesmo em meio a aparentes contradições, como em certas cartas que tratam da Peste, é concebido com um objetivo específico que as justifica.¹⁰⁷

De 1361 até o fim de sua vida, as cartas que seguem as temáticas e objetivos expressos nos Familiares são, em sua maior parte, compiladas em uma segunda coleção, a *Rerum Senilium Libri*. Os Seniles consistem em 128 cartas, divididas em 18 livros, que finalizam com sua Carta para a Posteridade. Petrarca se imagina, aqui, como se transmitindo uma mensagem após o fim de sua vida¹⁰⁸, repensando suas experiências e refletindo sobre sua moralidade como um assunto já passível de ser analisado, considerando sua vida e sua

¹⁰⁵ *Ibid*, p. 309. No original “Much like Cicero and Seneca, Petrarch throughout dispenses prescriptions about questions of ethics: the value of moderation and chastity, the rewards of friendship, rules for dining, care about the condition of faraway friends, tranquility of mind, how to contain feelings of anxiety about the flight of time, praise of the solitary life, cultivation of body and soul, appeals to peace, on how to bear grief, how to exercise virtue in the face of fortune’s adversity, avoid suffering, offer consolation for death, and so forth. But because a book of ethics, a term to be understood as the art of living, can only emerge out of the texture of one’s life, Petrarch includes in his collection accounts of what he himself has actually lived through”.

¹⁰⁶ *Ibid*.

¹⁰⁷ *Ibid*, p. 319.

¹⁰⁸ WALLACE, David. **Letters of Old Age: Love between Men, Griselda, and Farewell to Letters**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 321.

possibilidade de ação já encerradas¹⁰⁹. Sua imagem para a posteridade pretende ser a herança de um indivíduo comprometido com uma vida puramente espiritual, intelectual e ética¹¹⁰.

Petrarca foi um homem inserido nos principais debates de sua época, que se colocou como um importante pensador frente aos acontecimentos que vivenciou. De modo a moldar e interpretar seu próprio lugar no mundo, juntamente com seu desejo de produzir modelos morais e textuais que outros pudessem imitar¹¹¹, ele legou à posteridade uma extensa gama de descrições de experiências que moldaram sua compreensão sobre a época em que vivia - dentre elas, a Peste de 1348.

2.2. A composição dos Familiares

Não devo negar que senti certa vergonha; pois sem o controle da razão senti que minha mente e meu estilo foram arrastados junto com meus sentimentos para além do que eu pretendia, algo que considero muito perturbador. Mas o que considero um insulto ainda maior é que **durante um ano inteiro ou consideravelmente mais tive poucas ocasiões, não de fazer, mas certamente de escrever qualquer coisa digna de um homem, como resultado dos trovões e tempestades da sorte Fortuna vindos de todos os lados** (FAM VIII, 7)¹¹².

Quando a Peste assolou a Europa, Petrarca já compilava suas cartas de um modo inteligível e cronológico, o que mudaria com o passar dos anos e com o avanço de seus objetivos para os Familiares. Como ele conta, a Fortuna e a Peste atuaram de modo a atribuir sua vida, suas escolhas e sua escrita.

De 1345 a 1356, Petrarca tinha organizado oito livros dos 12 planejados para a coleção. Em 1359, o número havia passado a vinte e em 1366, três anos após terminar de escrever para a coleção, os Familiares estavam finalizados e continham 350 cartas distribuídas em 24 livros. A coleção é dedicada a seu amigo Ludwig van Kempfen, apelidado de Sócrates, a quem a primeira carta dos Familiares é endereçada¹¹³. Embora muitas cartas, além da primeira, tenham sido extensivamente revistas, reprimidas ou inventadas para inserção na coleção, elas fornecem informações autobiográficas confiáveis e permitem entender o processo de escolha pelo qual Petrarca selecionou e revisou as epístolas a serem incluídas¹¹⁴.

¹⁰⁹ ASCOLI, Albert Russel. *Epistolary Petrarch*, op. cit, p. 121.

¹¹⁰ *Ibid*, p. 135.

¹¹¹ *Id*. *Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch*, op. cit.

¹¹² BERNARDO, Aldo S. *Rerum Familiarium Libri I-VIII*, op. cit, p. 416. No inglês “ I shall not deny that I did feel some shame; for without the control of reason I felt my mind and my style pulled along with my feelings beyond what I intended, something I find most disturbing. But what I feel to be an even greater insult is that for a whole year and considerably more I have had little occasion, not, indeed, to do, but certainly to write anything worthy of a man as a result of fortune’s thundering and storming on all sides”.

¹¹³ KIRKHAM, Victoria. *A Life’s Work*, op. cit, p. 22.

¹¹⁴ ASCOLI, Albert Russel. *Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch*, op. cit, p.1.

Como já abordado, as coleções epistolares medievais eram compostas com uma seleção cuidadosa das cartas e com propósitos específicos. Os Familiares foram construídos como coleção à exemplo da *Ad Atticum* de Cícero e com base nos manuais de *ars dictaminis*, combinação que gerou uma forma inovadora de compreender a comunicação epistolar.

Concebendo a carta como uma conversa, Petrarca pretendia oferecer na coleção uma série de cartas tratando de todos os tipos de assuntos, pelas quais expressava seus pensamentos e suas dificuldades morais aos mais diversos correspondentes. A orientação ética de seus estudos foi reforçada por uma leitura intensiva de Cícero, a partir da qual Petrarca repensou seu propósito como escritor e passou a se considerar um orador, aquele que detém a missão de transmitir determinada mensagem. Sua vida, em grande parte livre de preocupações financeiras e orientações políticas, permitiu que Petrarca seguisse em seus projetos literários. Dessa maneira, Petrarca estabeleceu uma voz pessoal para expressar um novo conjunto de ideias e emoções centradas na sua experiência e subjetividade, sempre com a intenção de comunicar uma mensagem específica e bastante elaborada¹¹⁵.

No início da composição dos Familiares, essa mensagem não era tão bem delineada. As cartas da primeira metade de sua vida trataram de suas amizades, sua vida junto à corte papal em Avignon, os abusos e pecados de sua juventude - que na época não eram vistos como tais - e seu trabalho a seu patrão Giovanni Colonna, cardeal a quem muito admirava.

A parte inicial da coleção, então, especialmente os primeiros oito livros, é composta por cartas fictícias que foram acrescentadas à coleção para produzir os efeitos desejados. A imagem de um homem culto, desejoso de proporcionar aos seus amigos sábias lições derivadas das mentes dos antigos¹¹⁶, unida a uma visão crítica sobre sua época, fornecem o tom aos primeiros livros, mais narrativos que reflexivos. As cartas ficcionais, portanto, parecem fazer a ligação para uma passagem de visão de mundo à outra, dando unidade à coleção e apresentando sutilmente temáticas que viriam a ser tratadas mais adiante.

Com o passar do anos, Petrarca viaja com frequência pela Itália e pela fronteira com a França, nunca se estabelecendo definitivamente em um lugar. Seus interesses passam a se tornar mais singulares ao longo de seu desenvolvimento intelectual e ele passa a preocupar-se com seu potencial como comunicador. Lidando com o que chama de “golpes da Fortuna” ao longo da década de 1340, a natureza da coleção passa a divergir de cartas em que relata suas experiências para cartas em que seu exemplo de conduta frente às suas vivências é pensado como um arquétipo da virtude. Aos argumentos dos antigos, são adicionadas gradualmente

¹¹⁵ WITT, Ronald. *Medieval "Ars Dictaminis" and the Beginnings of Humanism*, op. cit, p. 34-35.

¹¹⁶ BERNARDO, Aldo S. *Rerum Familiarium Libri I-VIII*. State University of New York Press, 1975, p. 31.

citações de obras e de escritores católicos fundamentais à teologia da época, como Agostinho e a própria Bíblia. A coleção, então, passa a tomar forma nesse contexto.

Relembrar, recontextualizar e contar a própria vida são os guias do processo criativo. A estratégia da sequência epistolar leva sempre à incompletude, tornando a narrativa dos Familiares uma que termina apenas com a morte de seu autor. Ao ser estruturada por meio de uma série de “presentes” que existem em cada carta, a coleção é composta da tensão das epístolas e da tensão da sucessão de cartas, de sua história conjunta formada em uma dispersão das facetas do autor - que cresce em sua virtude - ao longo dos anos¹¹⁷.

Na década de 1350, Petrarca realiza uma seleção inicial das cartas já redigidas e enviadas. Unida a uma harmonização de seus conteúdos e uma revisão estilística, esse processo leva a construção da obra em sua totalidade, tornando-a muito maior do que o significado de cartas individuais. A mensagem global então excede as ocasiões que justificaram a escrita e o envio das próprias cartas: estabelece-se uma mensagem literária que tem estrutura e razões próprias. A colocação de Velli de que a “realidade é apenas o ponto de partida deste trabalho petrarquiano”¹¹⁸, pode-se aplicar à composição de todas as suas coleções de cartas.

Os Familiares são estruturados em unidades temáticas distribuídas ao longo do fluxo do discurso epistolar. Logo, cada um dos 24 volumes da coleção tem um sentido próprio, ao mesmo tempo que se interliga em uma hábil estratégia de paralelos, contrastes e equilíbrio aos outros volumes.

Segundo Bernardo, ao tentar dar à coleção um ar de unidade, incluindo nela cartas equilibradas e de tom e caráter apropriados, Petrarca evitou a deformidade temática que uma ordem cronológica estrita promoveria¹¹⁹. Isso não significa, contudo, que a coleção não é ordenada através da passagem tempo, mas que os paralelos são mais importantes para a unidade e mensagem da coleção do que o ano de escrita - ou reescrita - de determinada carta.

Os efeitos da Peste formam um desses paralelos que perpassa volumes dos Familiares aos Seniles. Os golpes da Fortuna, por sua vez, tornam-se mais frequentes nas épocas de Peste, atingindo seu ápice, mas são repensados por Petrarca ao menos uma vez em todos os volumes dos Familiares. Esse equilíbrio de temáticas, que são revisitadas e reconsideradas por Petrarca ao longo da formação da coleção, não mantém sua estrutura

¹¹⁷ ANTOGNINI, Roberta. **Il Progetto Autobiografico Delle Familiare Di Petrarca**, op. cit, p. 112.

¹¹⁸ VELLI, Giuseppe. **Poetic Journal**, op. cit, p. 277.

¹¹⁹ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**. State University of New York Press, 1975, p 20.

epistolar original, seja pelo autor não conservar sua visão original quando inseriu uma carta na coleção, seja por ela não corresponder aos seus objetivos literários.

Essa preocupação artística de Petrarca em dar forma à coleção como um todo também se reflete em procedimentos que ele adotou para aumentar a eficácia discursiva em etapas específicas na evolução da coleção. A destruição de muitas epístolas redigidas em sua juventude - provavelmente escritas de acordo com as regras do *ars dictaminis* - fez parte desse processo. Presume-se que o autor teria reescrito e inventado quase a totalidade dos primeiros livros da coleção, para se adequarem à sua proposta e a seu estilo literário próximo do ano de 1350¹²⁰. O fato de Petrarca ter tido uma grande quantidade de material para trabalhar pode ser lido em trechos de cartas, como a introdutória e a final dos Familiares a seu amigo Sócrates¹²¹, e numa comparação das versões originais que resistiram até a atualidade com suas correspondentes retrabalhadas na coleção¹²².

Petrarca manteve cópias da maioria das cartas que escreveu, o que possibilitou montar os Familiares. Bernardo presume que o autor deve ter tido motivos para não inserir diversas delas em pelo menos alguma de suas quatro coleções. Ele elenca uma série de razões para certas cartas terem sido excluídas dos Familiares, como um conteúdo demasiado pessoal ou que não interessaria a seus leitores por ser muito limitado; um conteúdo que precisa de anexos e explicações para seu leitor compreender o contexto; o valor pequeno da carta em si, devido à natureza de seu conteúdo ou a seu assunto frequentemente repetido na coleção; um conteúdo comprometedor ou degradante para o próprio Petrarca ou para o destinatário - razão para Petrarca não ter assinado o *Sine Nomine* -; a composição da carta conter alguma falha aos olhos de Petrarca ou ela não combinar com tom sério e composto dos Familiares por ser muito irônica ou anedótica¹²³. A exclusão, contudo, não foi a única forma pela qual Petrarca evitou conteúdos degradantes à sua imagem. A inclusão de informações inverídicas que ajudaram a criar uma narrativa de moralidade e de devoção cristã também foi utilizada.

Seus desenvolvimentos sobre celibato nos Familiares e Seniles, por exemplo, são matéria de debate. Petrarca afirma em sua Carta à Posteridade que ele havia alcançado o celibato, aspecto essencial de sua jornada em busca da virtude cristã, no ano de seu quadragésimo aniversário. Porém, em entradas de um diário escrito pelo autor, ele narra encontros sexuais que teve com mulheres até 10 após essa data. Esse é um exemplo de

¹²⁰ *Ibid*, p. 25-31.

¹²¹ Para os trechos dessas cartas, rever as citações nas introduções aos capítulos.

¹²² BERNARDO, Aldo S. **The Selection of Letters in Petrarch's Familiares**. *Speculum*, vol. 35, n. 2, 1960. p. 280.

¹²³ *Id*. **The Selection of Letters in Petrarch's Familiares**, op. cit, p. 282.

re-datação para que sua busca da virtude se encaixasse em sua narrativa de vida, criando um fluxo de conquistas e avanços rumo à conclusão de suas coleções de cartas. Segundo Witt, Petrarca tratou dessa questão “oferecendo aos seus leitores o ideal quase monástico de um estudioso cristão devoto, nutrido na solidão, imperturbável pelos impulsos da carne e ilustrado por sua própria vida”¹²⁴.

A composição dessa imagem ou reputação do autor, apresentada para a posteridade, foi central no processo de criação de uma coleção de cartas, uma espécie de memorial literário¹²⁵. Petrarca apresenta-se como alguém que luta para construir e fortificar sua virtude e para isso deve parecer aos seus amigos um personagem ética e moralmente confiável. Sobre o pano de fundo histórico de sua vida e a submissão de suas cartas a uma disciplina retórica, Petrarca inicia uma prática de simulações e dissimulações em que cria a si como um personagem fictício¹²⁶. Ao dramatizar seus conflitos internos, ele utiliza perguntas e respostas para levar seu público a compartilhar de sua opinião¹²⁷. Isso advém de uma tradição do *ars dictaminis*, arte argumentativa em cujo objetivo centra-se a ideia de persuadir o leitor a partilhar dos argumentos apresentados¹²⁸.

Como a carta detinha um caráter público em que a construção da presença do autor, a partir da propagação do conteúdo escrito, era parte de sua finalidade¹²⁹, a imagem de si que Petrarca visava criar com os Familiares deveria ser muito bem pensada e construída. Essa seria comprometida com a inclusão de certas epístolas na coleção, prejudicando sua idealização como homem de virtude, centrado e moral. Cartas ao tribuno Cola di Rienzo, por exemplo, formam parte significativa das comunicações de Petrarca em sua vida adulta¹³⁰. Essas mostram Petrarca como um fervoroso defensor da Tribuna Romana que depositava sua esperança na reconstrução do poder da Roma Antiga, razão pela qual Cola liderou uma revolta falha. Apenas uma carta endereçada a Cola foi inserida nos Familiares (VII, 7), com um tom bastante diferente de suas cartas originais: Petrarca repreende aquele a quem

¹²⁴ WITT, Ronald. **Petrarch, Creator of the Christian Humanist**. In *Petrarch and Boccaccio: The Unity of Knowledge in the Pre-Modern World*, by Igor Candido. De Gruyter, 2018, p. 72-75.

¹²⁵ HASELDINE, Julian. **Political Communications**, op. cit, p. 218.

¹²⁶ MAZZOTTA, Giuseppe. **Petrarch's Epistolary Epic**, op. cit, p. 315-316. Para além da consideração de Mazzotta de que Petrarca se cria como em uma ficção, vale observar que os termos “ficção” e “fictício” não eram contemporâneos ao autor. Para avançar na pesquisa, é interessante entender como o próprio Petrarca pensava a representação de si. Para isso, a busca por vocábulos como *imitatio*, *inventium* e *artificium* nos Familiares pode ser uma etapa importante a ser cumprida em outros estudos.

¹²⁷ MARSH, David. **The Burning Question**, op. cit, p. 212.

¹²⁸ BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval**, op. cit, p. 264-265.

¹²⁹ CONSTABLE, Gilles. **Letters and letter-collections**, op. cit, p. 11-13.

¹³⁰ Essas são 38, 40, 492 e 48 das epístolas *Variae*, hoje compiladas como *Lettere Disperse*.

admirava por ter abusado de seu poder¹³¹. Ao reescrever, Petrarca remove a possibilidade de levar a discussão à questão real, voltando sua atenção a uma reflexão moral sobre o acontecido - algo que faz com frequência nos Familiares. A habilidade retórica de Petrarca se destaca aqui em seu poder de fazer episódios biográficos tornarem-se casos exemplares¹³².

Nesse sentido, a conveniência política e o dano a sua imagem que uma associação a um homem que Petrarca passa a considerar - ao menos na carta inserida nos Familiares - não-virtuoso parece ser a principal razão para a exclusão das diversas cartas endereçadas à Cola. De maneira análoga, a reestruturação da carta inserida na coleção é uma apresentação da realização de seus objetivos para os Familiares.

A partir dessa análise, é possível afirmar que as seguintes considerações formaram pelo menos parte dos critérios usados por Petrarca para decidir se uma carta era ou não digna de ser incluída nos *Rerum familiarium libri*: a carta deve tratar de assuntos de interesse geral, representar uma unidade completa em si ou contribuir para a formação de tal unidade como parte de uma série consecutiva; seu valor deve residir somente em si, não deverá repetir ideias ou temas encontrados em outras cartas; deve tratar de assuntos que não prejudiquem a imagem de Petrarca e nem sua redação, nem seu conteúdo devem aparentar erros ou falta de dedicação à escrita¹³³.

Esses mecanismos de seleção revelam a maneira como Petrarca compôs sua coleção e criou sua imagem para a posteridade. As já mencionadas *Lettere Disperse* são interessantes nesse contexto por permitir entender decisões editoriais e artísticas que foram tomadas na preparação das coleções. A lente da exclusão também põe em foco certos aspectos da representação de si feita por Petrarca e da sua alteração ao longo do tempo. Cada carta que sobreviveu fora de uma coleção testemunha o que Petrarca decidiu revelar de si mesmo aos seus contemporâneos, mas escolheu excluir nas suas cartas destinadas à posteridade. De acordo com Lynn Westwater, o contraste entre as *Lettere Disperse* e os Familiares revela os meios com os quais Petrarca tentou realçar ou minimizar certos aspectos de sua experiência de vida ao reescrever suas cartas¹³⁴.

Para tornar a coleção coesa, era necessária a eliminação de contradições e a criação de um certo fluxo narrativo. A formação da unidade temática ou da unidade em cada volume dos Familiares deveria ser formada por assuntos de interesse geral aos seus futuros leitores, ao

¹³¹ BERNARDO, Aldo S. **The Selection of Letters in Petrarch's Familiares**, op. cit, p. 284.

¹³² WESTWATER, Lynn Lara. **The Uncollected Poet**, op. cit, p. 307.

¹³³ BERNARDO, Aldo S. **The Selection of Letters in Petrarch's Familiares**, op. cit, p. 287.

¹³⁴ WESTWATER, Lynn Lara. **The Uncollected Poet**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 301-303, 308.

mesmo tempo que transmitia informações sobre si em uma sequência aproximadamente cronológica. Para isso, uma grande quantidade de cartas precisaram ser reescritas ou inventadas¹³⁵.

Tomando como caso para investigação o livro VIII dos Familiares, podem-se apresentar os mecanismos que Petrarca utilizou para dar sentido e unidade ao volume por meio da reestruturação de algumas epístolas. Originalmente, as 10 cartas do volume VIII totalizavam cinco epístolas, que foram então divididas para formar outras cinco¹³⁶. Esse processo, como todos os outros usados para montar a coleção, foi muito bem elaborado por Petrarca para garantir unidade ao volume, mas também para se adequar aos objetivos específicos da construção de sua personalidade e história de vida nos Familiares.

A sobrevivência de partes originais das cartas 2 à 5 e 7 à 9¹³⁷ evidenciam o esforço exercido por Petrarca ao dividir as cartas únicas de modo a produzir um efeito artístico totalmente ausente nas versões originais. Ao dividir as cartas para formar outras que parecem completas por si só, Petrarca datou cada divisão com um dia diferente do mesmo mês. Assim, Petrarca divide a narrativa de uma única experiência em quatro partes componentes que podem ser comparadas aos atos de uma tragédia, que alcança seu auge nas cartas de 7 à 10¹³⁸.

Pela centralidade que o volume VIII assume no desenvolvimento psicológico de Petrarca, estabelecendo uma marca para seu crescimento e pensamentos posteriores, a narrativa das cartas divididas representa um marco fundamental na formação do acervo, o que certamente não teria ocorrido na versão original. Na sua forma final, as epístolas passam uma sensação de progressão gradual da história e do tempo que faltava anteriormente, criando um suspense para o ato dramático final. Essa dramatização também aparece em outras obras de Petrarca, principalmente quando o autor expõe seus conflitos internos¹³⁹.

O tema principal da forma original das cartas do volume era o desejo de Petrarca de passar seus últimos anos junto a seus três amigos mais íntimos, Luca, Mainardo e Sócrates, em vista da devastação causada pela Peste de 1348 que resultou na perda de seus outros amigos. A narrativa contada por Petrarca é de que, ao saber que Luca e Mainardo haviam lhe

¹³⁵ BERNARDO, Aldo S. **Letter-Splitting in Petrarch's Familiares**. *Speculum*, vol. 33, n. 2, 1958, p. 237.

¹³⁶ *Ibid.*

¹³⁷ As formas originais das cartas 2-5 podem ser encontradas como a VI epístola do apêndice literário das *Variae*. As versões *gamma* das cartas 7-9 não foram identificadas nos *Variae*. O único autor que cita uma possível fonte onde essas foram reproduzidas é Bernardo. Sua referência é ROSSI, Vitorio.. **Le Familiari**, vol. II. p. 194-209. A compilação recente de todas as cartas não compiladas por Petrarca, trechos de cartas ou rascunhos, intitulada *Lettere Disperse*, não pode ser consultada para este trabalho, bem como a obra de Rossi.

¹³⁸ BERNARDO, Aldo S. **Letter-Splitting in Petrarch's Familiares**, op. cit, p. 238.

¹³⁹ MARSH, David. **The Burning Question: Crisis and Cosmology in the Secret**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 212.

visitado durante sua ausência, ele decide escrever cartas aos dois pedindo que voltem a visitá-lo em vez de seguir sua jornada à Avignon, evocando imagens idílicas de uma vida que poderiam ter juntos. Petrarca, então, escreve novamente aos amigos em resposta a uma carta fictícia que teriam lhe enviado. Finalmente, supostamente um mês mais tarde, ele recebe a notícia de que Mainardo e Luca haviam sido atacados por bandidos nas proximidades de Florença, ocasião que deixou um morto e o outro desaparecido.

A partir da estruturação dessa narrativa, Petrarca cria uma atmosfera que se torna gradualmente mais tensa e contribui fortemente para a eficácia dramática das cartas finais do livro. Inicialmente, Petrarca mostra ao seu leitor suas esperanças aumentando ao pensar em viver sua velhice acompanhado de quem tanto admirava, após ter lidado com a morte de tantos amigos para a Peste. Logo, porém, a Fortuna destrói suas esperanças, deixando-o em um estado de grande ansiedade e medo que afetará sua vida e sua escrita dali em diante. Em comparação à narrativa das formas *gamma*, pode-se ver a habilidade de Petrarca de construir um evento literário dramático que servirá, em muitas formas, de base para o prosseguimento da coleção. Não obstante, esse evento não foi pensado pelo autor dessa forma inicialmente. As cartas originais revelam um sentido bastante diferente em sua narrativa quanto aos sentimentos do autor¹⁴⁰.

As formas *gamma* das cartas do oitavo volume dos Familiares fornecem a única prova de que as cartas dos Familiares são o resultado de um minucioso processo de divisão, simulação e reconstrução. Desse modo, não é possível saber quais outras cartas teriam passado pelo mesmo processo, mas deve-se ter em mente essa possibilidade¹⁴¹. A narrativa reconstruída do livro oito, aqui citada, serve para demonstrar que os Familiares de Petrarca foram cuidadosamente planejados e altamente polidos, tendo um efeito artístico como preocupação primária e uma construção narrativa que visa demonstrar, a partir do suporte dos golpes da Fortuna, a constituição de uma vida de virtude, como objetivo.

Petrarca pôde imaginar um mundo alternativo ao existente e assim conceber um grande projeto de cultura. Ao pensar em si como uma figura literária, ele se concebe multifacetado, como um sábio com uma mensagem e conselhos a transmitir e um dissimulador em palavras, recriador de sua própria experiência¹⁴².

¹⁴⁰ BERNARDO, Aldo S. **Letter-Splitting in Petrarch's Familiares**, op. cit, p. 240.

¹⁴¹ *Ibid*, p. 241.

¹⁴² MAZZOTTA, Giuseppe. **Petrarch's Epistolary Epic**, op. cit, p. 315-318.

III. A Representação da Peste no *Rerum Familiarum Libri*

3.1 A Fortuna e a busca pela virtude

Ao viver eu aprendi a lidar com as batalhas da vida: agora enfrento os golpes da Fortuna não com os lamentos e reclamações de outrora, mas com a pele endurecida de um espírito mais forte; e embora uma vez acostumado a vacilar, agora permaneço firme (FAM XI, 2)¹⁴³.

A experiência de vida de Petrarca foi entrecortada diversas vezes pelo que o autor denomina “golpes da Fortuna”. A experiência real e a experiência recontada nos Familiares diferem no contexto que, em sua coleção, esses golpes servem de motivação para um desenvolvimento narrativo. A partir das dificuldades enfrentadas pelo autor, como a morte de entes queridos, a falha revolta de Cola di Rienzo pela restauração da glória de Roma, a discordância que tinha em relação ao governo das cidades no norte da Itália e do Reino da Sicília, a corrupção que via na corte e no Papado de Avignon e, acima de tudo, a Peste de 1348, a vida de Petrarca se torna uma constante de sofrimentos e lutas.

Uma das mais fortes representações desse sofrimento em seus Familiares encontra-se em uma narrativa de pesar que se desenvolve para criar uma imagem de Petrarca como homem virtuoso. A comparação entre as formas *gamma* e as formas finais das cartas do volume VIII demonstra a diferença entre sua representação inicial e posterior de certos acontecimentos e a composição de uma progressão gradual da narrativa que cria uma sensação de suspense que transpassa o volume¹⁴⁴.

O livro VIII, nesse sentido, é um marco para o crescimento da coleção, tecendo a base para a composição dos volumes seguintes. A partir da grande quebra de esperanças contidas na narrativa, os volumes seguintes tratam, em meio a outros assuntos, das tentativas do autor se reerguer após a perda de amigos e da consequente destruição do sonho de viverem juntos, no qual Petrarca parecia depositar o encargo da construção e manutenção de sua felicidade.

Nesse volume se encontra a única epístola de Petrarca nos Familiares cujo tema é a Peste de 1348 - a carta VIII, 7, resultado do processo de divisão de uma carta e a parte inicial da narrativa que resultará na morte dos amigos e na sua desesperança futura. Desse modo, a

¹⁴³ BERNARDO, Aldo S. *Rerum familiarum libri IX -XVI*, op. cit, p. 87. No inglês “By living I have learned to deal with the battles of life: now I confront fortune’s blows not with the laments and groans of yesteryear, but with the thick skin of a hardened spirit; and though once accustomed to faltering, I now stand firm”.

¹⁴⁴ MARSH, David. *The Burning Question*, op. cit, p. 212.

Peste é colocada como tema e razão central em uma narrativa base para os 14 volumes seguintes dos Familiares, organizados de modo a continuar a história de vida apresentada e idealizada por Petrarca.

É nesse contexto de medo e reflexão sobre a própria experiência de vida que, menos de um ano após a composição da forma *gamma* da carta VIII, 7, Petrarca passa a se dedicar enfaticamente à compilação dos Familiares¹⁴⁵. Como ele mesmo coloca em sua carta introdutória à coleção:

Assim, esta coleção considerável e variada de escritos manteve-me ocupado durante vários dias e me fez concentrar-me com deleite e certo apego nas minhas próprias criações [...] Mas a lembrança da brevidade da vida tomou conta de mim. Eu realmente temia uma emboscada, pois o que é mais passageiro, pergunto, do que a vida, e o que é mais certo do que a morte? (FAM I, I)¹⁴⁶.

Ao reexaminar seu trabalho, Petrarca assume a possibilidade da proximidade de sua própria morte, se não pela Peste, por algum outro golpe da Fortuna. A escrita e a reescrita de suas cartas, dali em diante, são parte de uma consciente e necessária preparação para a morte e do legado que deixaria. A certeza da morte passa então a ser tema fundamental dos Familiares, junto com a tentativa do autor de aceitar seu próprio fim e de se preparar para ele. Assim, Petrarca reestrutura sua coleção, inicialmente pensada em 1345 para preservar sua experiência e lições exemplares para a posteridade, para recontar sua trajetória que, a partir de 1350, passa a expressar sua busca pela moralidade e modo de vida cristão, com o objetivo de que sua vida servisse como um manual de instruções para o alcance de uma vida virtuosa¹⁴⁷. A evolução da coleção, dessa maneira, acompanha a evolução do autor.

De acordo com Ronald Witt, as primeiras gerações de humanistas integraram sua visão quanto aos escritos da Antiguidade com sua moral cristã. Foi Petrarca quem, próximo de seus 40 anos, passou a conciliar uma paixão pela Antiguidade com crenças cristãs¹⁴⁸. Ele estrutura uma forma autobiográfica em suas cartas de modo a apresentar-se como um estudioso cristão, não só enfatizando certos aspectos de sua história de vida e inventando

¹⁴⁵ WATKINS, R. **Petrarch and the Black Death: From Fear to Monuments**. Studies in the Renaissance. Vol. 19, 1972, p. 200.

¹⁴⁶ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**, op. cit, p. 4. No inglês “Thus, this sizeable and varying collection of writings kept me busy for several days and made me concentrate with delight and attachment on my own creations [...] But the recollection of the brevity of life overcame me. I feared indeed an ambush, for what is more fleeting, I ask, than life, and what more determined than death?”.

¹⁴⁷ WATKINS, Renne. **Petrarch and the Black Death**, op. cit, p. 200-201.

¹⁴⁸ WITT, Ronald. **Petrarch, Creator of the Christian Humanist**, op. cit, p. 65-66.

outros, mas também ordenando e reescrevendo suas cartas, principalmente até o oitavo volume dos Familiares¹⁴⁹.

A moralidade cristã, que ultrapassa o amor pelos antigos escritores gregos e romanos, é colocada como centro da personalidade de Petrarca nos Familiares. Essa postura domina os trabalhos de sua maturidade, citados no capítulo anterior. O efeito dessa revisão, como expõe Watkins, parece ser mais uma tentativa de Petrarca encobrir do que de revelar qualquer desenvolvimento de seus gostos e crenças. O autor, através de sua recriação da experiência da Peste, fez com que seus textos expressassem uma soma de mudanças - logo, é impossível ter certeza da ligação entre seu estado de espírito e seus escritos em momentos biográficos específicos. O que é possível tomar como referência é o fato de essa recriação e seu posicionamento com um exemplo de moral católica ser intencional¹⁵⁰.

Intimamente associada ao retrato do estudioso cristão presente em seus escritos, está a imagem de Agostinho e de suas Confissões¹⁵¹. Uma marca da obra de Petrarca está em sua capacidade de expor suas ideias como consequências do seu próprio desenvolvimento espiritual, incorporando a doutrina católica no drama de sua própria vida de forma detalhada, de modo a garantir que essa se enquadrava na imagem que pretendia projetar¹⁵². A lógica desse desenvolvimento na coleção foi pensada da primeira à última carta dos Familiares, outra razão para a reescrita dos primeiros volumes, anteriores à redefinição dos objetivos da coleção.

Logo, Petrarca repensou não só seu próprio trabalho, mas sua própria vida. A razão para essa reconstrução de si e de sua imagem encontra-se imbuída no final da década 1340 e os severos golpes que ela traria. Em 1348, quando Petrarca tinha 44 anos, a Peste o isolou de vários de seus melhores amigos, de seu principal patrono e de sua musa Laura. Todos esses ele viria a perder até o final do ano. Como os Familiares, substancialmente, advém de comunicações entre amigos, em uma rede de sociabilidade que formatava o modo de Petrarca ver a si mesmo e compreender suas relações, é natural que, como menciona Watkins “a peste foi uma circunstância externa que impôs exigências especiais à consciência de Petrarca¹⁵³”. Seu crescente ascetismo, conseqüentemente, é bastante intensificado. Da incerteza da época,

¹⁴⁹ BERNARDO, Aldo S. **Letter-Splitting in Petrarch's Familiares**, op. cit, p. 241.

¹⁵⁰ WATKINS, Renne. **Petrarch and the Black Death**, op. cit, p. 200-201.

¹⁵¹ As Confissões de Agostinho são uma forma narrativa autobiográfica do autor, na qual relata a sua vida antes de se converter ao cristianismo. Ele reflete em sua maturidade sobre sua experiência de vida, seus erros e arrependimentos. Com isso, um de seus objetivos era levar à conversão de seus leitores e oferecer uma referência para tal conversão. Pode-se traçar diversos paralelos entre as Confissões e os Familiares.

¹⁵² WITT, Ronald. **Petrarch, Creator of the Christian Humanist**, op. cit, p. 70.

¹⁵³ WATKINS, Renne. **Petrarch and the Black Death**, op. cit, p. 200-201.

de suas perdas e da aparente proximidade da própria morte, o autor parece ter composto uma necessidade de meditar sobre sua vida passada e julgá-la severamente¹⁵⁴.

Desse modo, em 1350, quando os Familiares passam a assumir sua forma final e a serem escritos com objetivos específicos em mente, Petrarca tem de lidar com uma série de conflitos pessoais e narrativos. Ele precisa reestruturar suas cartas quanto à Peste, advindas desse momento altamente incerto, e inseri-las em sua história de vida de maneira verossímil à coleção. Ao iniciar esse trabalho, ele conta:

Mas quando comecei a folhear os papéis empilhados aleatoriamente, sem nenhuma ordem específica, fiquei surpreso ao notar quão variado e quão desordenado seu aspecto geral parecia. Eu dificilmente conseguia reconhecer alguns deles, não tanto por causa da sua forma, mas **por causa da natureza alterada da minha própria compreensão** (FAM I,1)¹⁵⁵.

O fato de Petrarca ter realizado uma revisão substancial de suas cartas já foi confirmado e tratado anteriormente. As revisões quanto à Peste, porém, não somente se inserem nesse contexto atribulado, mas tratam diretamente de seus efeitos. Na década de 1350, ao revisitar suas cartas para a coleção, ele parece encontrar motivos para conflito com seus pensamentos originais. Nessa conjuntura, além das cartas, a imagem da própria Peste é revisada, sendo que sua representação final divergirá da encontrada nas versões *gamma*.

A carta VIII, 7 mostra Petrarca horrorizado por perder praticamente todos os amigos e sua rede de sociabilidade, tornando-o um sobrevivente solitário. Essa visão sobre si mesmo é refletida na revisão de sua carta VIII, 7, cuja parte da versão *gamma* resistiu aos dias atuais. De acordo com Watkins, que realizou a comparação entre as duas versões atentando à descrição da Peste, a revisão resulta num grau elevado de uma expressão de pesar e sofrimento que não existiam na versão original, que tendia mais a um questionamento quanto à epidemia¹⁵⁶.

Isso forma a base do volume VIII dos *Rerum Familiarum Libri*. A perda e o luto relativos à epidemia são os instrumentos narrativos que alavancam os desenvolvimentos seguintes nos Familiares. As consequências da doença são escritas como mais impactantes à consciência de Petrarca que a própria epidemia. Dessa maneira, a representação que a Peste assume nas cartas dos Familiares é um motivo que se apresenta como razão da busca pela

¹⁵⁴ *Ibid.*

¹⁵⁵ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarum Libri I-VIII**, op. cit, p. 4. No inglês “But when I began turning over the papers piled at random in no particular order, I was astonished to notice how varied and how disordered their general aspect appeared. I could hardly recognize certain ones, not so much because of their form but because of the changed nature of my own understanding”.

¹⁵⁶ WATKINS, Renne. **Petrarch and the Black Death**, op. cit, p. 200-201.

virtude. Proponho que a representação da Peste como causa para pesar e sofrimento sejam consideradas uma composição original e intencional que serve como base para o desenvolvimento da narrativa de virtude que dá motivo à coleção.

Ainda assim, representações encontradas em certos poemas que tratam da Peste correspondem às ideias de sua prosa¹⁵⁷, o que permite supor uma unidade na compreensão de Petrarca sobre a epidemia e suas consequências ao longo da reescrita de suas obras na década de 1350. Contudo, mesmo que essa visão represente o fluxo de consciência do próprio Petrarca, não se pode considerar a revisão quanto à Peste puramente como uma forma autobiográfica verídica que atenda aos pensamentos do autor em determinada época. Watkins denota que a representação da doença na obra RFL, por exemplo, têm um correlato interno e também externo. Petrarca se coloca, em seu poema *Ad Se Ipsum*, como um pecador para o qual o único refúgio é sua fé, o que faz com que evolua de um sobrevivente com medo da morte, para um indivíduo preocupado com a salvação de sua alma¹⁵⁸. Ao enfrentar as tragédias ocasionadas pela Peste, ele se encontra perfeitamente consciente de que uma mudança radical em sua vida é mais necessária do que nunca¹⁵⁹.

É um trajeto semelhante que seu personagem, imagem criada de si mesmo, vai perpassar nos Familiares a partir da primeira carta relativa à Peste. O resultado final, na coleção, será um exemplo de fortitude e virtude de alguém que, perpassando os golpes da Fortuna, seus medos e esperanças, chegará o mais próximo possível da virtude necessária para a salvação de sua alma. Para isso, é necessário entender exatamente o que o autor considerava por virtude, tema essencial dos debates da época no Norte da Itália, para então progredir quanto à maneira como a Peste se insere de forma essencial nessa história de vida altamente elaborada.

Segundo Barsella, a virtude é entendida por Petrarca como um pré-requisito para alcançar a tranquilidade da mente. Essa envolveria a aceitação da eternidade da morte e da volatilidade da vida humana, em cujo objetivo estaria a apreensão do melhor caminho a seguir para se preparar para a vida eterna¹⁶⁰. Essa visão é derivada de uma longa tradição de pensamento sobre a virtude que torna-se uma categoria base para o pensamento político no Renascimento, sendo destacada como qualidade civil. A virtude estaria intrinsecamente

¹⁵⁷ *Ibid*, p. 204-205.

¹⁵⁸ *Ibid*.

¹⁵⁹ VELLI, Giuseppe. **Poetic Journal**, op. cit, p. 280.

¹⁶⁰ BARSELLA, Susanna. **A Humanistic Approach to Religious Solitude**, op. cit., p. 204.

conectada à fortuna, uma insegurança contínua tanto na vida privada, como na política. Resistir aos imprevisíveis golpes da Fortuna era um requisito geral para alcançar a virtude¹⁶¹.

Divergências quanto a essa compreensão envolvem as diversas formas que a fortuna assumiu historicamente¹⁶². Como divindade, para os romanos ela representava um poder desconhecido cujos efeitos pareciam escapar da regularidade e das leis de causalidade¹⁶³. Ligando-a a doutrina cristã, Agostinho relaciona-a à Providência como controladora de todas as coisas, pois seria inconcebível que Deus permitisse à Fortuna poder sobre sua criação. A Providência assume o acompanhamento religioso da fortuna, sendo que tudo que estivesse fora de seu controle não poderia ser aceito, principalmente outra divindade. Assim, à Fortuna restaram todas as ocorrências que não se enquadravam logicamente em um universo providencialmente governado¹⁶⁴.

Em Boécio, a personificação da Fortuna é mais importante do que em qualquer escritor anterior. As características atribuídas historicamente à ela, como sua instabilidade, sua irracionalidade, seu temperamento volátil, aparecem como aspectos de sua personificação. A construção dessa figura se aproxima de uma divindade e ainda assim retém os elementos que promovem seu desenvolvimento conceitual, formando o cerne das representações pictóricas através da Idade Média e no início do Renascimento. Mais importante à conceitualização de Petrarca, está a noção derivada de Boécio de que os resultados dos golpes da Fortuna, independentemente de serem destrutivos, são sempre positivos, pois não há possibilidade da Providência divina ser causadora de mal¹⁶⁵.

Dante traz também um vasto escopo dos conceitos de Fortuna, ligados ao destino e ao acaso. A ordem de poder seria estabelecida em Deus, Providência, Destino e Fortuna. O destino inclui a regularidade da Natureza e a Fortuna inclui a irregularidade de todos os acasos. A distinção entre os bens da alma e os bens do corpo, ou bens externos, é mantida durante o período de Dante sendo que a Fortuna está sempre encarregada de apenas bens exteriores, nunca os bens da alma. A virtude, como Petrarca também pensaria, é o poder do indivíduo que intencionalmente o guia para um fim desejado; já o poder que involuntariamente o afasta do fim desejado é a Fortuna¹⁶⁶.

¹⁶¹ POCOCK, Jonh Greville Agard. **The Machiavelian Moment: Florentine Political Thought and the Atlantic Republican Tradition**. Princeton University Press, Princeton, 1975, p. 38-41.

¹⁶² Seria impossível, no volume deste trabalho, tratar de toda a história da significação da Fortuna. Logo, permeio apenas pelas compreensões e pelos autores dos quais mais deriva a visão de Petrarca.

¹⁶³ CIOFFARI, Vincenzo. **Fate, fortune, and chance**, op. cit, p. 226.

¹⁶⁴ *Ibid*, p. 230-231.

¹⁶⁵ *Ibid*, p. 232.

¹⁶⁶ *Ibid*, p. 233.

Com Petrarca, a Fortuna assume um significado semelhante, retomando seu conteúdo moral. A filosofia de vida de Petrarca está diretamente relacionada ao seu pensamento sobre a influência da Fortuna nos assuntos humanos. Ele não denota diferença entre Fortuna e destino ou Providência: tudo assume a forma única da Fortuna. Assim, Deus regularia sua vontade pelas ações da Fortuna, submissa a ele. Ele expõe nos Familiares:

A Fortuna não é apenas uma deusa incontrolável e cruel, mas sim uma serva do Senhor e a mais enérgica executora da vontade divina. Ela age secretamente de maneiras extraordinárias e inconcebíveis, enquanto seus jogos são sempre tão misteriosos e tão variados quanto são muitas vezes tristes e chorosos. Não há dúvida de que foi nesta nossa época que ela deu o exemplo mais perfeito de sua inconstância (FAM, VIII, 1)¹⁶⁷.

De forma análoga a Dante, Petrarca aceita que o domínio da Fortuna está nos bens exteriores, que são de Deus, e logo, mesmo cruel, ela não poderia ser causadora do mal, que surgiria do uso indevido desses bens externos pelos indivíduos¹⁶⁸. Os bens interiores, a alma, seriam de única responsabilidade dos próprios indivíduos. Derivado disso está o problema de como conduzir a vida tendo em vista a existência inquestionável do elemento da Fortuna, com o qual Petrarca lida ao confrontá-la com os vários momentos de esperança e medo, felicidade ou tristeza humanas.

Logo, a compreensão da virtude e da Fortuna perdem seu caráter civil e público importantes aos romanos e ao Renascimento, se atendo ao indivíduo privado¹⁶⁹. Da mesma forma, é essa a maneira que Petrarca parece dirigir sua vida: um homem que contempla a vida solitária e foge, na sua maturidade, das cortes e intrigas políticas.

A compreensão dos fins da Fortuna e o bom uso desses bens afetados por ela servem em Petrarca como uma preparação para a morte e para a eternidade. Ele resolve as discrepâncias entre homem e Fortuna os colocando num sistema em que a virtude, alcançada pela superação dos golpes da Fortuna, é um requisito necessário proposto a cada indivíduo para o alcance do bem maior, a vida eterna.

O que ele mostra, fundamentalmente, nos Familiares é a construção que leva a esse fim - uma história de vida em que a noção de virtude é elaborada e, de certo modo, vivida. Essa noção não se encontra em uma única obra de Petrarca, mas é espelhada em outras. Em

¹⁶⁷ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**, op. cit, p. 389. No inglês “Fortune is not only an uncontrollable and cruel goddess, but rather a servant of the Lord and most energetic executrix of the divine will. She acts secretly in extraordinary and inconceivable ways, while her games are always as mysterious and varied as they are often sorrowful and tearful. There is little doubt that in this age of ours she has given no more perfect example of her fickleness”.

¹⁶⁸ CIOFFARI, Vincenzo. **Fate, fortune, and chance**, op. cit, p. 233-234

¹⁶⁹ BARSELLA, Susanna. **A Humanistic Approach to Religious Solitude**, op. cit, p. 204.

seu *De remediis utriusque fortuna*, composto na década de 1350, época da formação essencial dos Familiares, ela trata dos perigos da Fortuna e de remédios para combatê-los. Assunto presente na consciência de Petrarca, o processo de alcance da virtude é traduzido nas palavras de Kircher:

As faces justas e sujas da fortuna podem incitar o excesso de confiança ou o desespero; essas duas faces exigem que [a Fortuna] seja resistida com temperança ou sofrida com paciência, como recomendam os sábios estóicos e cristãos. Mas a obra compromete e complica esta visão através da sua sensibilidade poética que desafia a estagnação. Esta sensibilidade inquieta mostra que a Fortuna não é apenas um oponente moral da virtude, mas, além disso, uma figura existencial que representa o fluxo da história e do tempo. A face existencial da Fortuna no *De remediis* não é o *Fatum* estóico ou a Providentia cristã, aos quais devemos nos submeter. É uma força mais dinâmica inerente à condição humana, que supera conclusões estáticas e exige que se reconheça o fluxo temporal da própria consciência¹⁷⁰.

Petrarca visava que seu público recorresse ao *De remediis* em busca de consolo e orientação, como os Familiares serviriam para guiá-lo na vida diária. A boa sorte excessiva não seria boa para a construção de caráter. Para lidar com isso, o indivíduo deveria aceitar a má Fortuna, pois seus frutos o ajudariam em sua jornada em busca da virtude. Para os futuros leitores, Petrarca destaca o poder da ação do indivíduo sobre o poder da Fortuna por meio da superação das sensações como esperança e medo¹⁷¹ - se essas não existissem, a Fortuna não poderia atuar sobre elas. Como a inexistência das emoções seria impossível, as dificuldades e os conflitos seriam inevitáveis. Segundo Coogan, “Petrarca oferece um remédio contra o acaso em que basicamente o homem nega os efeitos da boa Fortuna pela moderação, da má pela paciência”¹⁷².

A Fortuna, então, funciona como o instrumento sempre presente que desperta as paixões que inviabilizam o progresso na jornada em busca da virtude. Essa busca nunca tem fim, mas depende da sorte, da instável Fortuna. Ela auxilia Deus a fornecer provas nas quais os indivíduos devem testar sua fé e sua moral para se superarem, ou serem subjugados. A virtude se expressa na tranquilidade da mente, na superação pela fé, na aceitação da morte, mas ela só surge em meio à adversidade. A sua tarefa, embora nunca completa, acompanha as mudanças no caráter do ser humano ao longo do tempo: daí a enormidade da tarefa e também

¹⁷⁰ KIRCHER, Timothy. **On the Two Faces of Fortune**, op. cit, p. 247. No original “Fortune’s fair and foul faces may incite overconfidence or despair; these two faces require that it be either resisted with temperance or suffered in patience, as the Stoic and Christian sages recommend. But the work compromises and complicates this view through its poetic sensibility that defies stasis. This restless sensibility shows Fortune to be not merely a moral opponent of virtue, but moreover an existential figure representing the flow of history and time. The existential face of Fortune in the *De remediis* is not the Stoic *Fatum* or Christian *Providentia*, to which one must submit. It is a more dynamic force inherent in the human condition, which overcomes static conclusions and demands that one recognize the temporal flux of one’s awareness”.

¹⁷¹ COOGAN, Robert. **Petrarch and More's Concept of Fortune**. *Italica*, vol. 46, n. 2, 1969, p. 168.

¹⁷² *Ibid*, p. 169.

a sensação inerente de incompletude e de fragmentação¹⁷³. O ser humano é mutável, a virtude não.

As obras de Petrarca, então, vão dialogar com a superação de desafios para o alcance da virtude, desafios ocasionados pela Fortuna que age sobre as coisas mundanas, provocando sensações com as quais o indivíduo deve aprender a lidar. Estabelecendo que a virtude era categoria essencial do pensamento de Petrarca e que suas cartas, a partir da representação da experiência da Peste, permitem à coleção tomar seu rumo em vista do desenvolvimento do personagem em busca da virtude, agora é possível entender como essa representação é simulada, construída e inserida na história de vida do autor.

3.2 Entre a Fortuna, o medo, a esperança

A vida do homem na Terra é uma guerra (XVI, 6)¹⁷⁴.

Petrarca voltava à Itália após uma longa estadia na França quando os primeiros sinais de epidemia tornavam-se visíveis. Em Verona, ele escreve a Giovanni dell' Incisa, seu parente e amigo, prior do monastério de San Marco em Florença, para contar as dificuldades enfrentadas por ele no início do ano de 1348. Nessa cartas, a Peste não passa de mais uma de suas inúmeras causas para sofrimento:

Eu não esconderia sequer uma coisa: as dificuldades da viagem, a peste deste ano que tem machucado e destruído o mundo inteiro, especialmente ao longo da costa, a minha dor e, salvo erro, o mau e injusto tratamento de minha terra natal; nada teria me desviado da minha viagem original, pois já tinha completado a parte mais difícil e chegado a Génova (FAM VII, 10)¹⁷⁵.

A Peste ainda não o havia afetado diretamente, mas ele parece ao menos ter uma ideia das proporções da epidemia. Como de costume dali em diante, a representação da doença não será frequente em suas comunicações, mas no momento em que ela é descrita, é descrita com elevado descomedimento em comparação às outras temáticas.

¹⁷³ KIRCHER, Timothy. *On the Two Faces of Fortune*, op. cit, p. 249-253.

¹⁷⁴ BERNARDO, Aldo S. *Rerum familiarium libri IX-XVI*, op. cit, p. 303. No inglês “The life of man on Earth is warfare”.

¹⁷⁵ *Id.* *Rerum Familiarium Libri I-VIII*, op. cit, p 356. No inglês “I would not hide even this one thing: the difficulties of the journey, the plague of this year which has trampled and destroyed the entire world, especially along the coast, my grief, and, unless I am mistaken, the evil and unjust treatment of my homeland would not have turned me from my original journey since I had already completed the most difficult part of my effort, and had arrived at Genoa”.

A carta VII, 10, datada de 7 de abril de 1348, fornece a primeira menção à epidemia nos Familiares. A Peste aqui não passa uma breve menção em meio ao contexto atribulado em que Petrarca se encontra. Seu primeiro choque direto com a epidemia se dá na metade do ano e é apresentado na terceira carta sequencial à Giovanni dell' Incisa, cuja forma *gamma* é de 11 de maio de 1348, mas foi inserida na coleção com a datação de 11 de abril¹⁷⁶, de forma a complementar as cartas anteriores. Nela, Petrarca expressa seu pesar pela morte de Franceschino degli Albizzi, o primeiro amigo a perder para a Peste.

Oh, o que aconteceu? O que eu ouço? Ó enganosa esperança dos mortais, ó preocupações inúteis, ó precária condição humana! Não há nada pacífico para o homem, nada estável, nada seguro: aqui vemos o poder da fortuna, ali as armadilhas da morte, e lá a adulação do mundo que se esvai: nós, miseráveis mortais, somos perturbados por todos os lados, e rodeados por tantas armadilhas, como ousamos prometer a nós mesmos alguma felicidade (FAM VII, 12)¹⁷⁷.

A brevidade da vida e a proximidade da morte passam a ser, dali em diante, temas recorrentes nos Familiares. Petrarca inaugura, nesse contexto, um método narrativo que empregará de forma semelhante no futuro ao tratar da Peste: a criação da esperança, sua destruição e substituição de pelo medo, para então apresentar a conclusão negativa da trama. A sequência de cartas 10, 11 e 12 do livro VII em que isso se expressa foi evidentemente reescrita, fato estabelecido não só pela existência de formas *gamma*, mas também pela forma textual. Franceschino, conta Petrarca, estava em trânsito para encontrá-lo, o que torna o autor repleto de felicidade. Ele utiliza recursos para aumentar a tensão narrativa: trata da vontade de encontrar o amigo e do que farão quando ele chegar, ressaltando a raridade da amizade e do amor verdadeiros. Porém, em meio a sua jornada, Franceschino sucumbe à doença.

Devo entregar-me a lágrimas e suspiros e, no lugar do meu amigo perdido, abraçar incessantemente a minha tristeza? Ou devo me esforçar para apaziguar minha mente e escapar das ameaças ecoantes da fortuna para dentro da fortaleza da minha razão? Esse último parece preferível, o primeiro mais agradável; a virtude me leva a um; o sentimento me inclina ao outro (FAM VII, 12)¹⁷⁸.

¹⁷⁶ Todas as datações utilizadas neste capítulo advém do trabalho de compilação de todas as informações sobre as cartas dos Familiares realizado por Roberta Antognini.

¹⁷⁷ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**, op. cit, p. 361. No inglês “Alas, what has happened? What do I hear? Oh deceitful hope of mortals, oh useless cares, oh precarious human condition! There is nothing peaceful for man, nothing stable, nothing safe: here we see the power of fortune, there the traps of death, and there the flattery of the fleeing world: we wretched mortals are best on every side, and surrounded by so many pitfalls how dare we promise ourselves any happiness?”.

¹⁷⁸ *Ibid.* P. 364. Em inglês “Shall I indulge in tears and sighs and in place of my lost friend shall I embrace my sorrow incessantly? Or shall I strive to appease my mind and to escape from the echoing threats of fortune into the stronghold of my reason? The latter appears preferable, the former more pleasing; virtue drives me to one; feeling bends me to the other”.

A representação que Petrarca cria é a do choque da perda, da realidade do luto. Ele já insere na epístola o debate quanto ao seu desenvolvimento pessoal que se tornaria comum na coleção. A partir da primeira notícia de morte ele reflete sobre o mundo terreno, a fragilidade humana e as decepções causadas por sua esperança de felicidade e pelos golpes incessantes da Fortuna. Ainda assim, a imagem construída no desenvolvimento da epístola não é uma de luto, pois as memórias positivas que restaram do amigo parecem mais fortes e duradouras que a dor da perda. Petrarca não se posiciona em conflito direto com a morte, mas retrata um apego à vida apesar do sofrimento. Há um certo tom do valor moral de sua experiência – deve aprender a não confiar na sua própria esperança, a ser um homem racional. Essa razão deve ser conquistada, já que sua extensa gama de estudos não lhe foram favoráveis nessa esfera.

Quase nunca examinei algo como agora examino a mim mesmo, e devo confessar, não sem vergonha, que encontro em mim mais sentimento e menos força do que pensava; pois eu costumava pensar (e isso era apropriado devido à minha ampla leitura e longa experiência de vida) que havia me fortificado contra todos os golpes e injustiças da fortuna. Infelizmente eu estava errado: não havia nada mais frágil que eu, nada mais fraco (FAM VII, 12)¹⁷⁹.

As conquistas não parecem se concretizar nesse momento, mas a carta abre portas para desenvolvimento e reflexões futuras. A noção de esperança como enganosa e do ser humano como uma criatura estranha, incapaz de abandoná-la, refletem na dificuldade de aprender e aplicar as lições na sua própria vida. Petrarca descreve ser incapaz de não ter esperança, não importa quantos golpes a vida lhe dá. Contudo, ele sabe que não há nada seguro e bom na vida terrena: sua esperança pode ser confirmada pela Fortuna, mas não pode confiar nela. Ambas andam juntas: uma é interior e falsa; a outra, externa, tem poder sobre ele e o afeta. Assim, a esperança parece ser entendida numa escala de gradação: é o desejo de felicidade que pode ser superado pela realidade concreta.

A razão, para Petrarca, parece ser a que tem caráter religioso, como para Agostinho. Suas emoções o traem, e seguir a razão significa superar as contínuas ameaças da Fortuna e se fortificar. Petrarca tenta seguir as lições que sabe serem importantes: amar a pobreza e não se importar com coisas terrenas. Porém, ele se mostra um homem que ama e deseja, em sua vaidade, o que o mundo terreno tem a oferecer.

¹⁷⁹ *Ibid.* P. 363. No inglês “Almost never have I examined anything as I now have myself, and I must confess not without shame that I find more feeling in me and less strength than I thought; for I used to think (and it was proper because of my wide reading and long experience in life) that I had hardened myself against all blows and injustices of fortune. Unhappily I was wrong: there was nothing softer than I, nothing weaker”.

Mas o que posso dizer? Sei que as coisas são sólidas e as esperanças vazias; Sei que quem perde a esperança não perde nada – não me expressei bem, na verdade ganha muito. No entanto, falo como especialista quando digo que assim como **nada menor do que a esperança pode ser perdido, da mesma forma não há nada que seja mais problemático**. A razão é que muitas vezes as coisas que esperamos tornam-se mais valorizadas do que as coisas que possuímos, e muitas vezes sabemos, ao alcançá-las, o quanto a esperança por posses nos enganou. É por isso que **cada vez que a esperança desaparece antes do acontecimento real, consideramo-nos afligidos por graves inconvenientes**. Deus, portanto, antecipou meu plano e declarou desnecessários os cuidados que considerava adequados, para que, **sendo ensinado dessa maneira, eu reconhecesse que as opiniões dos homens são vãs**. (FAM VII, 10)¹⁸⁰.

Mesmo sabendo o quanto a esperança é vazia, enganadora e problemática, o autor está em conflito. Sua razão não consegue resolver o problema: como se pode esperar felicidade se a Fortuna é mentirosa, inconstante, não confiável, e fere, como fez com Franceschino? Essa experiência negativa virá a torná-lo amargo em seu sofrimento, mas no final o libertará, após anos de luta interna.

Essa questão é representada de forma mais explícita no livro VIII, já mencionado, em cuja formação há a divisão de cartas e a criação de tensão e clímax essenciais para o desenvolvimento da coleção. Segundo Roberta Antognini, o oitavo livro “tem uma função de resumo, um fim que preludia um novo começo, uma virada fundamental na vida de seu autor”¹⁸¹. Nele se encontra a única epístola dedicada exclusivamente à descrição da Peste, a carta VIII, 7. Não por acaso ela foi inserida nesse contexto de renovação.

Resultante da divisão de uma carta em três, a VIII, 7 marca o início de uma narrativa. Datando-a em 20 de junho de 1349, Petrarca dá a entender que teve tempo para refletir sobre a situação epidêmica do ano anterior. Essa reflexão se estende à inserção da carta nos Familiares, para a qual foi reescrita.

Ah, irmão, irmão, irmão (um novo tipo de começo para uma carta, mas na verdade um antigo usado por Marco Túlio há quase mil e quatrocentos anos); ah, querido irmão, o que devo dizer? Por onde devo começar? Para onde devo me direcionar? **Em todos os lugares vemos tristeza, em todos os lados vemos terror**. Em mim você pode ver o que leu em Virgílio a respeito de uma cidade tão grande, pois “por

¹⁸⁰ *Ibid.* P. 257. No inglês “But what can I say? I know that things are solid and hopes empty; I know that whoever loses hope loses nothing— I said too little, for indeed he gains a great deal. Yet I speak as an expert when I say that just as nothing smaller than hope can be lost, in the same way there is nothing which is more troublesome. The reason is that often the things we hope for become more valued than the things we possess, and we often know by attaining them how much the flattering hope of possessions has deceived us. This is why every time hope disappears before the actual event, we consider ourselves afflicted by serious inconvenience. God therefore forestalled my plan and declared unnecessary the cares which I considered proper, so that being taught in such fashion I would recognize that the opinions of men are vain”

¹⁸¹ ANTOGNINI, Roberta. **Il Progetto Autobiografico Delle Familiares Di Petrarca**. Edizione Universitale di Lettere Economia Diritto, 2008, p. 169.

todos os lados há um luto cruel, por toda parte há tremores e inúmeras imagens de morte”. **Querido irmão, quem dera eu nunca tivesse nascido ou tivesse morrido antes!** Se sou levado a desejar isso agora, o que você acha que eu estaria dizendo se tivesse chegado a uma idade verdadeiramente avançada? Ah, se eu nunca chegasse a esse ponto. Mas eu sinto que devo, não porque viverei mais, mas porque sofrerei uma morte mais longa. **Na verdade eu conheço o meu destino e aos poucos entendo para onde estou caminhando nesta vida problemática e infeliz.** Ah, querido irmão! Estou profundamente perturbado por dentro e tenho pena de mim mesmo (FAM VIII, 7)¹⁸².

O prelúdio dessa carta a seu amigo Sócrates, a quem dedica todos os Familiares, talvez seja uma das expressões mais conhecidas geradas pelo primeiro surto da Peste na Europa. O autor projeta uma imagem de destruição, na qual a vida é sinônimo de sofrimento. É interessante que, o drama exposto na descrição da Peste, não vai se limitar a ela, mas parece ser mais parte da narrativa do que da intenção de representação da própria doença, o que se torna compreensível na análise das cartas seguintes.

VIII, 8, parte da mesma forma *gamma* que a carta anterior, está datada com o mesmo dia. Nela, Petrarca descreve a morte de seu amigo Paganino da Milano, que diz ter presenciado.

Ele passou aquela noite calmamente em meio a dores excruciantes e foi levado por uma morte súbita naquela manhã. E em concordância com os tempos fatais, antes que três dias terminassem, seus filhos e toda a sua família o seguiram (FAM VIII, 8)¹⁸³.

Além do comentário sobre a vida e a morte do amigo, Petrarca usa a carta para confirmar a anterior quanto aos efeitos da Peste e para antecipar a próxima, clímax da sequência. Quando coloca que

Estou protegendo meus olhos tão exaustos pelos infortúnios anteriores e estou reservando o que resta das minhas lágrimas para os próximos infortúnios (FAM VIII, 8)¹⁸⁴.

¹⁸² BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**, op. cit, p. 415. No inglês “Oh brother, brother, brother (a new kind of beginning for a letter, indeed an ancient one used by Marcus Tullius almost fourteen hundred years ago); alas dearest brother, what shall I say? Where shall I begin? Where shall I turn? Everywhere we see sorrow, on all sides we see terror. In me alone you may see what you read in Virgil concerning so great a city, for “on all sides there is cruel mourning, everywhere there is trembling and countless images of death.” Dear brother, would that I had never been born or had died earlier! If I am compelled to wish this now, what do you think I would be saying if I had arrived at a truly old age? Oh would that I never reach that point. But I feel I shall, not because I shall live longer, but because I shall suffer a longer death. Indeed I know my destiny and I slowly understand what I am heading for in this troublesome and unhappy life. Alas, dear brother! I am deeply troubled from within and take pity on myself”.

¹⁸³ *Id.* **Rerum Familiarium Libri I-VIII**, op. cit, p. 421. No inglês “He spent that night calmly amidst his excruciating pains, and was overtaken by a sudden death that morning. And in keeping with the fatal times, before three days were over, his children and all his family followed him”.

¹⁸⁴ *Ibid.* No inglês “I am protecting my eyes so exhausted from preceding misfortunes, and am reserving what remains of my tears for impending misfortunes”.

O autor adianta a temática seguinte. Ele data VIII, 9 em 22 de junho, dando a ilusão de que a passagem de tempo forneceu novas informações sobre as quais poderia escrever. Petrarca sofre outro golpe da Fortuna, sucessivo aos anteriores da Peste e da morte de Paganino. Parece não haver pausa, tempo para respirar. Escrever sobre seu sofrimento e planejar sua vida em vista dos acontecimentos torna-se necessário. Três amigos apenas sobraram após a epidemia: deveriam se unir e viver suas vidas em contemplação com a pouca felicidade que lhes restou.

Como já exposto, a descrição das sensações quanto à epidemia não se resume a ela, mas é a mesma para os eventos posteriores. A representação da Peste parece ser mais importante como parte da narrativa do que algo intencional. A mesma trama, o mesmo tom é conferido aos eventos das cartas VIII, 7, VIII, 8 e VIII, 9. Iniciando com o terror do ano de 1348, na confirmação dos pensamentos a partir da morte do amigo, a história segue para o último refúgio de esperança de Petrarca, no qual deposita toda a sua chance de felicidade. Como hábito, a Fortuna o golpeia e destrói suas expectativas, construídas sobre duas cartas de desolação e um breve trecho de ilusão por um futuro melhor.

Dois dos amigos que lhe restaram o visitaram quando ele não estava em casa. Seu amor e companheirismo é incorporado no ato de os amigos terem dormido na cama do autor, simulando sua presença. Logo após, Petrarca volta a casa e descobre que os amigos haviam passado por lá: os perdera por pouco. Enquanto a tensão na narrativa cresce, a ansiedade por notícias dos amigos também. O pior aconteceu: um fora assaltado e morto na estrada e o outro estava desaparecido. Sobre a base de morte e tristeza, Petrarca formou uma história em que o final positivo com o reencontro dos amigos parece iminente, é o epítome de sua felicidade, até que essa é destruída.

Fechando minhas portas a todos os consoladores, devo dedicar-me exclusivamente à dor, e ou aliviar minha mente com lágrimas, ou oprimi-la, ou diminuir meu desejo de luto ou satisfazê-lo, e devo mostrar minhas preocupações pelos meus amigos com lacrimejantes e lamentosos olhos porque foram agarrados por mãos ímpias. **Agora estou sendo atormentado não por uma, mas por três paixões da mente: esperança, medo e tristeza** (FAM VIII, 9)¹⁸⁵.

Razão e sentimento novamente disputam sua atenção. Petrarca sofre em sua ansiedade com esperança de que o amigo desaparecido tenha sobrevivido, o que é pior que a certeza das mortes dos outros.

¹⁸⁵ *Ibid.* P. 426. No inglês “Shutting my doors to all consolers, I ought to devote myself alone to grief, and either lighten my mind with tears or oppress it, either lessen my desire for mourning or satisfy it, and I should show my concerns for my friends with tearful and wailing eyes because they have been seized by ungodly hands. I am now being tormented not by one but by three passions of the mind: hope, fear, and grief”.

Com tanto suspense e ansiedade mental, eu mantenho uma vigilância cuidadosa em todas as estradas e prendo a respiração a cada barulho alto. Já se passaram assim quinze dias. **Se este período de tempo fosse comparado com os infortúnios dos muitos anos passados, acredito que superaria todos eles facilmente** (FAM VIII, 9)¹⁸⁶.

De todos os golpes da Fortuna, o medo pela morte do amigo e a esperança de que esteja vivo, formam o pior cenário que ela já viveu. Ao fazer essa colocação, ele coloca a incerteza como algo pior que a própria Peste ou a morte. Não é o luto da perda, mas a esperança pela vida, o medo pela morte e o sofrimento pelo acontecido que conturbam sua mente. O problema não está no presente nem no passado, nem nas mãos de Petrarca. É projetado para o futuro, para o desconhecido. Medo e Esperança andam juntos, são as “paixões da mente” e causam agonia na espera, que se concluirá com a ação Fortuna. O enfrentamento disso com virtude e razão parece impossível. A paz e a felicidade nunca estiveram tão distantes:

Eu ainda não havia satisfeito a Fortuna pois ela teve de me atacar novamente com armas mais afiadas e ainda adicionar a loucura dos homens ímpios à ira de Deus (FAM VIII, 9)¹⁸⁷.

A despeito disso, Petrarca não parece ter sofrido o suficiente, ou não aprendeu sua lição para que a Fortuna ficasse satisfeita. Ela invejava Petrarca e seus amigos que não haviam sido atingidos pela epidemia:

Nós parecíamos estar muito felizes. A mais cruel fortuna invejou-nos e porque ainda não nos tinha elencado como vítimas da tragédia mundial, ficou indignada. (FAM VIII, 9)¹⁸⁸.

Cansado, ele diz reservar suas lágrimas para sofrimentos futuros. Sabe que ocorrerão outros golpes e não expressa qualquer esperança de felicidade. Anteriormente, ainda havia chance de melhora futura. Agora, não lhe resta nada.

Miserável homem, você empreendeu uma tarefa enorme e problemática que é inútil e implacável. Você deve procurar outra fonte para suas lágrimas; as causas recentes e continuamente renovadas do luto tornam impossível que olhos excessivamente cansados, exaustos e secos produzam lágrimas suficientes. Portanto, esquecido de si mesmo e insatisfeito com sua própria miséria e doença com a qual você sofreu

¹⁸⁶ *Ibid.* No inglês “In such suspense and anxiety of mind, I keep a careful lookout on all roads and hold my breath at every loud noise. I have now gone fifteen days. If this period of time were to be weighed against the misfortunes of the many past years, I believe that it would easily outweigh them”.

¹⁸⁷ *Ibid.* P. 422. No inglês “I had not yet satisfied fortune for it had to attack me again with sharper weapons and had to add even the madness of wicked men to the wrath of God”.

¹⁸⁸ *Ibid.* P. 423. No inglês “We appeared to be too happy. Most cruel fortune envied us and because she had not yet cast us all down as victims of the world’s tragedy, she was indignant”.

consciente e voluntariamente, o que mais você está fazendo senão oferecer veneno aos seus amigos a quem você prometeu uma cura? **Melhor que você chore sozinho ou aprenda a suportar as coisas mortais com a equanimidade de um mortal; e percebendo que não só você ou seus amigos, mas todos os seres vivos estão sendo arrebatados, é hora de você acabar com suas reclamações inúteis** (FAM VIII, 7)¹⁸⁹.

Pior que sua própria miséria é o fato de o autor, cuja obra deveria inspirar e consolar as mentes alheias, escrever apenas sobre seus sofrimentos, ansiedades e fraquezas. Como o resto da coleção, essa imagem de si é construída deliberadamente. Petrarca se mostra um homem enfraquecido, perdido em suas sensações, medos e esperanças, que sempre se provam falsas. Mas como ele faria para que seus leitores acreditassem nessa época em que só sofrimentos persistem?

Se alguém escapou, o próximo ano está preparando a sua colheita para que tudo o que sobreviveu àquela tempestade está sendo perseguido pela foice da morte. Como pode a posteridade acreditar que houve um tempo sem inundações, sem fogo vindo do céu ou da terra, sem guerras ou outros desastres visíveis, em que **não apenas esta ou aquela parte do mundo, mas quase todo ele permaneceu sem habitantes?** (FAM, VIII, 7)¹⁹⁰.

A representação que Petrarca faz da época da Peste é hiperbólica, repleta de tons carregados, descrevendo somente os piores cenários possíveis. Esses não podem ser generalizados, tendo em vista que o autor seguiu uma vida praticamente normal, viajando sem passar necessidades durante a epidemia. O recurso ao qual ele opta para convencer o leitor da tragédia do ano de 1348 é o questionamento, fazendo com que suas conclusões sejam lidas e desconstruídas seguidamente. Ninguém, diz Petrarca, parece ter resposta para a Peste. Ao intencionar convencer o leitor de suas palavras, ele nega os argumentos de autoridade.

Consulte os historiadores: eles estão calados; questione os cientistas: eles estão estupefatos; pergunte aos filósofos: eles encolhem os ombros, franzem as sobrancelhas e ordenam o silêncio levando os dedos aos lábios (FAM VIII, 7)¹⁹¹.

¹⁸⁹ *Ibid.* P. 416. No inglês “Wretched man, you have undertaken a huge and troublesome task which is useless and implacable. You must seek another source for your tears; the recent and continually new causes of grief make it impossible for excessively tired, exhausted, and dried-up eyes to produce sufficient tears. Therefore, forgetful of yourself and dissatisfied with your own misery and illness which you incurred knowingly and willingly, what else are you doing but offering poison to your friends to whom you had promised a cure? Better that you should either cry alone or learn to bear mortal things with the equanimity of a mortal; and noting that not only you or your friends alone, but all living beings are being snatched away, it is time that you put an end to your useless complaining.”

¹⁹⁰ *Ibid.* P. 416-417. No inglês “If anyone escaped, the coming year is gathering its harvest so that whatever survived that storm is being pursued by death’s sickle. How can posterity believe that there was once a time without floods, without fire either from heaven or from earth, without wars, or other visible disaster, in which not only this part or that part of the world, but almost all of it remained without a dweller?”

¹⁹¹ BERNARDO, Aldo S. **Rerum familiarium libri I-VIII**, op. cit., p. 417. No inglês “Consult the historians: they are silent; question the scientists: they are stupified; ask the philosophers: they shrug their shoulders, they wrinkle their brows and they order silence by holding their fingers to their lips”.

Na busca por respostas, ele se volta inicialmente ao secular, mas não as encontra. Não parece haver razão lógica para tanta destruição. Então ele logo volta aos argumentos religiosos. Ao primeiro negar o secular, para depois questionar o religioso, Petrarca cria uma ordem que parece levar a uma única conclusão possível. Ao debater sobre as razões de Deus, ele não as descarta facilmente como fez com os argumentos seculares.

Não nego que mereçamos estas coisas e coisas ainda piores; mas nossos ancestrais também as mereceram, e imagine se nossos descendentes não às merecerão! Por que, então, ó juiz abençoado, por que a violência de sua vingança é tão extraordinária em nossos tempos? Por que é que quando a culpa não está ausente, faltam exemplos de punição justa? **Pecamos tanto quanto qualquer um, mas só nós estamos sendo punidos. Só nós, eu digo; pois ousa afirmar que se os castigos de todos os séculos** - posteriores àquela arca famosa que transportou os restos dos mortais sobre mares informes - **fossem comparados aos atuais, eles se assemelhariam a agradáveis atividades, jogos e momentos de descontração deliciosos** (FAM VIII, 7)¹⁹².

Teria Deus mandado a Peste devido aos pecados da raça humana? Mas por que justamente no tempo de Petrarca, em que não se pecou mais nem menos que anteriormente? Petrarca diz que seria injusto punir alguns pelo pecado de todos, e Deus é sempre justo. Então há duas conclusões possíveis: ou a razão para Deus enviar a Peste será para sempre desconhecida, tornando necessário que as pessoas aceitem a justiça e os motivos divinos, ou Deus teria enviado a Peste para tornar os humanos mais fortes e em certo sentido, purificá-los. Inaceitável, expõe Petrarca, seria questionar Deus - porém em sua fraqueza, é justamente isso que ele parece fazer:

Ou talvez seja verdade, como suspeitam algumas grandes mentes, que Deus não se importa com as coisas mortais? Que tal loucura nem sequer entre em nossas mentes: se Você não se importasse, essas não existiriam. Qual deve ser a nossa opinião sobre aqueles que atribuem o nosso bem-estar não a Deus, mas à natureza, quando nos dedicamos ao estudo das Suas verdades? (FAM VIII, 7)¹⁹³.

Há uma certa contradição nesse argumento, pois o primeiro instinto de Petrarca foi justamente buscar explicações na esfera secular para a Peste. Essa posição serve para mostrar

¹⁹² *Ibid.* No inglês “I do not deny that we deserve these things and even worse; but our ancestors also deserved them, and would that our descendants will not! Why is it, then, oh most blessed judge, why is it that the violence of your vengeance lies so extraordinary upon our times? Why is it that when guilt is not absent, examples of just punishment are lacking? We have sinned as much as anyone, but we alone are being punished. Alone, I say; for I dare assert that if the punishments of all the centuries, subsequent to that most famous ark that bore the remains of mortals over unformed seas, were compared to present ones, they would resemble delightful activities, games, and moments of ease”.

¹⁹³ *Ibid.* P. 418. No inglês “Or is it perhaps true as is suspected by certain great minds that God cares not for mortal things? Let such madness not even enter our minds: if You did not care they would not be. What must be our opinion of those who attribute our welfare not to God but to nature, when we have been dedicated to the study of Your truths?”.

o autor em seu mais íntimo conflito, que precisa de uma resolução. Petrarca deve aprender a confiar em Deus e aceitar que há algo divino em seu sofrimento. Assim, ele se coloca em um estado de busca por uma “purificação” – o que o levaria, nos anos seguintes, à narrativa de vida devota.

Por que fingir, querido irmão, já que estamos realmente sozinhos. Acredito que foi o propósito de Deus despojar-nos dos doces encantos e impedimentos desta vida para que possamos agora desejar mais livremente a próxima vida (FAM VIII, 7)¹⁹⁴.

Desse modo, ele termina a carta VIII, 7 colocando na vida posterior sua reflexão. Caracteristicamente auto consolatória, Petrarca se julga como na moral de outras pessoas por ter aparentemente abandonado a moral católica e ser tão fraco a ponto de não conseguir reaver sua busca por ela. Ele fala a si mesmo para tornar-se virtuoso. Em relação a sua versão *gamma*, essa carta aumenta o impacto da Peste e sua própria fraqueza¹⁹⁵.

Antes da Peste, ele tinha esperança por coisas boas; após, esperança para que a morte chegasse logo e pudesse escapar de tanto sofrimento. Seu medo se relaciona à vergonha da reação de outros frente a sua “fraqueza”. Não há, portanto, virtude no modo como Petrarca reagiu à Peste. A força da Fortuna o afeta independentemente de sua condição - o problema está centrado em sua reação indigna ao seu presente momento.

Seu medo pela morte dos amigos, principalmente do único que parece lhe restar em 1349, Ludwig van Kempen, apelidado de Sócrates, é aparente na carta VIII, 9. A escala de sua ansiedade é novamente apresentada em uma relação de medo e esperança, ambos enganosos e capazes de resultados impactantes. Petrarca representa seu medo como comportamento inapropriado, na medida em que deveria focar na verdade, não na sua imaginação.

Pois ouvi dizer que aquela peste do ano passado, que parecia ter terminado, está novamente invadindo as margens do Ródano, e espero certamente que você não esteja morto! Mas o que estou tentando fazer no meu infortúnio? **Será que o meu infortúnio recente é insuficientemente real e verdadeiro a menos que na minha miséria eu também me volte para os fictícios e futuros infortúnios?** Que Deus mude tudo isso para melhor, de forma que **com tanta frequência quanto eu for enganado por falsas esperanças, eu possa uma vez ser enganado por um falso medo** (FAM VIII, 9)¹⁹⁶.

¹⁹⁴ *Ibid.* P. 419. No inglês “Why pretend, dear brother, for we are indeed alone. I believe that it was God’s purpose to strip us of the sweet charms and impediments of this life so that we might now more freely desire the next life”.

¹⁹⁵ WATKINS, Renee Neu. **Petrarch and the Black Death: From Fear to Monuments**. Studies in the Renaissance, Vol. 19, 1972, p. 201.

¹⁹⁶ BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**, op. cit, p. 427. No inglês “For I hear that that plague of last year which seemed to have ended, is again invading the banks of the Rhone, and I certainly hope that you are not dead! But what am I trying to do in my misfortune? Is my recent misfortune insufficiently real and true, unless in my misery I also turn to fictitious and future ones? May God change all of this for the good so that as often as I am deceived by false hope I might once be deceived by a false fear”.

As cartas do X livro apresentam uma continuação de seu conflito de consciência. Na única carta em que há menção da Peste, X, 10, medo, esperança e Fortuna seguem envolvendo sua apreensão pela vida de Sócrates em um debate sobre o que sentir, o que seria próprio sentir e o que seria próprio desejar a Sócrates. Após não obter respostas às cartas enviadas ao amigo, imaginar sua morte é recorrente na mente de Petrarca. Em setembro de 1349 ele escreve:

Embora eu saiba o que desejo, não sei o que esperar, resultando assim numa multidão de pensamentos conflitantes em minha mente. Sua vida ou morte não são levados como descontração dentro da medida total da minha vida. Sua idade, sua moderação e seu estado de saúde me dão esperança de que você esteja vivo, mas a contagiosidade da peste recorrente, bem como o ar insalubre que, segundo relatos, mais uma vez passa sobre você, me apavora. (FAM X, 10)¹⁹⁷.

Petrarca diz saber o que deseja - a vida do amigo -, mas não sobre o que ter esperança. Logo, parece haver um desenvolvimento narrativo e de pensamento quando trata sobre a positividade da morte. Mesmo que os mortais não possam evitar o pior, que é aquilo que não podem controlar, os mais sábios têm noção de que a morte é justa e oferece liberação - para Petrarca, a morte seria uma libertação de seus constantes conflitos. Ele afirma que nada é melhor ou mais justo que a morte, mas assume que o assunto é ambíguo e ele não pode defini-lo, pois somente Deus conhece a morte e não se pode conhecer as razões de Deus. Aqui há um crescimento, envolto na aceitação e possível positividade da morte, que não existia na carta VIII, 7.

Ainda assim, são as incertezas que definem esse período da vida de Petrarca, e, mais uma vez, ele delibera muito mais sobre as incertezas do que sobre as certezas. A espera única é por notícias ruins. Assim, seu medo é produzido na crença da morte de amigos, concomitantemente à apreensão, produzida na crença da presença de amigos, pois enquanto vivos, a morte pode arrebatá-los. Portanto, ele quer que seus medos recaiam sobre aquilo que é falso, na ideia de que o amigo esteja morto, mesmo que sua morte o coloque mais próximo a Deus.

Apesar do desenvolvimento, Petrarca se mostra ainda temente àquilo de pouca importância: seus medos e esperanças, confirmados ou não pela Fortuna.

¹⁹⁷ *Id. Rerum familiarium libri IX -XVI*, op. cit, p. 55. No inglês “While I know what I desire, I do not know what to hope for, thus resulting in a crowd of conflicting thoughts in my mind. Your life or death is not of light moment within the total measure of my life. Your age, your moderation, and your state of health afford me hope that you are alive, but the contagiousness of the recurring plague as well as the unhealthy air which, according to reports, once again rages over you, terrifies me”.

Confesso que, oscilando entre relatos incertos sobre sua condição, inclino-me para o pior, embora o que é melhor ou pior para o homem só Deus saiba, não qualquer indivíduo. **Mas estou falando como fazem os mortais que chamam o que não podem evitar de pior, enquanto, como sabem os sábios, nada é melhor, nada é mais justo do que a morte**, que nos liberta totalmente dessas amarras e nos oferece a liberdade eterna. Como o assunto é muito ambíguo e, creio, conhecido apenas por Deus [...] considero mais prudente suspender o julgamento sempre que a certeza completa está envolvida (FAM X, 10)¹⁹⁸.

Ele elabora o assunto, voltando sua atenção à descrição da própria aflição, em XI, 7:

Finalmente, quando nós poucos que parecíamos ter evitado a calamidade pública nos rendemos à esperança de que a morte estava cansada e a ira do Senhor apaziguada, um tremor incomum, sobre o qual você provavelmente ainda não sabe, abalou a própria Roma (FAM XI, 7)¹⁹⁹.

O autor passa a desejar a morte de si mesmo. Alcançou finalmente o fim previsto por Deus, como exposto em sua conclusão da carta VIII, 7 - aprender com os golpes da Fortuna a desejar a proximidade de Deus na morte. Contudo, ele deve arcar ainda com outro golpe. A carta XI, 7 relembra os terremotos que assolaram a Itália em 1348 e 1349, junto à Peste. Eles destruíram boa parte de Roma, o que Petrarca pode ver ao ir a cidade no Jubileu de 1350²⁰⁰. O terremoto é outro dos inumeráveis golpes que Petrarca e a Itália sofrem de modo seguido e ele se mostra impossibilitado de imaginar coisas piores do que os acontecidos de sua época: terremotos, destruição, guerra, Peste. Aqueles que o lerem no futuro não acreditarão nos males do passado:

O que devo fazer primeiro, lamentar ou ficar com medo? Em todos os lugares há motivos para medo, em todos os lugares há motivos para sofrimento; nem qualquer mal presente não pressagia uma tragédia mais séria no futuro, embora eu mal consiga pensar no que esperar que possa ser de uma natureza mais séria (FAM XI, 7)²⁰¹.

¹⁹⁸ *Ibid.* No inglês “I confess that, fluctuating between uncertain reports about your condition, I incline toward the worst, although what is best or worst for man only God knows, not any individual. But I am speaking as mortals do who call what they cannot avoid the worst lot, while as wise men know, nothing is better, nothing is more just than death, which liberates us fully from these bonds and offers us eternal freedom. Because the matter is very ambiguous and, as I believe, known only to God [...] I consider it more prudent to suspend judgment whenever ultimate certainty is involved”.

¹⁹⁹ *Ibid.* P. 97. No inglês “Lastly, when we few who seemed to have avoided the public calamity had surrendered to the hope that death was weary and the Lord’s anger appeased, an unusual tremor about which you probably still do not know shook Rome itself”.

²⁰⁰ Um jubileu é uma ocasião especial da Igreja Católica que envolve a remissão de pecados e peregrinações para locais sagrados. O Jubileu de 1350 foi o segundo decretado por um Papa, após pedidos de diversas personalidades de influência da época, como Petrarca. Apesar disso, o próprio Papa não esteve presente. Ocorrido em Roma, esse jubileu levou milhares de pessoas à cidade, onde puderam trocar experiências e formar novos contatos. Foi nessa ocasião que Petrarca conheceu Boccaccio.

²⁰¹ BERNARDO, Aldo S. **Rerum familiarium libri IX -XVI**, op. cit, p. 99. No inglês “What should I do first, lament or be frightened? Everywhere there is cause for fear, everywhere reason for grief; nor does any present evil not forebode a more serious tragedy in the future, although I can barely perceive what to expect of a more serious nature”.

Petrarca só voltará a tratar da Peste, outra vez com o amigo Sócrates, nessa mesma carta. Com a passagem de tempo de 1349 à 1351 ele cresce em sua busca pela virtude e, aos poucos, chega a conclusões quanto aos seus conflitos internos. O terremoto que veio assolar a cidade mais amada por Petrarca recebe descrição semelhante à Peste: ele tornou as cidades vazias, os cemitérios repletos de mortos. A tragédia é elevada a um grau inimaginável. Uma comparação entre dois trechos dessa carta pode ser proveitosa nesse sentido:

Finalmente, quando nós poucos que parecíamos ter evitado a calamidade pública nos rendemos à esperança de que a morte estava cansada e a ira do Senhor apaziguada, um tremor incomum, sobre o qual você provavelmente ainda não sabe, abalou a própria Roma. **Ele foi tão forte que nada parecido acontecia desde a fundação da cidade a mais de dois mil anos atrás** (FAM XI, 7)²⁰².

Confesso que os acontecimentos atuais me dispuseram a acreditar em muitas coisas, pois todo tipo de mal foi experimentado pela raça humana. Não devo falar das inundações, das tempestades e dos incêndios pelos quais cidades inteiras pereceram recentemente, das guerras que assolam o mundo e que estão a causar grande matança de pessoas, ou **da peste vinda do céu que é inigualável através dos tempos. São assuntos conhecidos de todos, testemunhados por cidades vazias e campos sem agricultores, lamentados por um mundo aflito e quase deserto e pelo rosto choroso, por assim dizer, da própria natureza** (FAM XI, 7)²⁰³.

Tanto o terremoto quanto a Peste são os piores já presenciados desde a Antiguidade; ambos são calamidades impensáveis testemunhadas por todos. Essa imagem semelhante questiona a descrição uma da Peste - ela não parece em si pior que os terremotos ou outros golpes da Fortuna. Na própria VIII, 9, Petrarca afirma que os efeitos de sua ansiedade pelos amigos são piores que os da Peste para si. Ela tem o poder de alavancar mudanças e estar na origem de sofrimentos, mas não causa sofrimento por si só.

Uma representação diferente, mas equivalente às anteriores, é revelada por Petrarca ao escrever para o irmão em janeiro de 1353. A esse ponto, as cartas que mencionam a Peste estão cada vez mais espaçadas e o autor havia voltado a Avignon, onde vivia isolado da corte, tentando manter uma rotina simples e ascética. Como narrado, em um jantar Petrarca encontra

²⁰² *Ibid.* No inglês “Lastly, when we few who seemed to have avoided the public calamity had surrendered to the hope that death was weary and the Lord’s anger appeased, an unusual tremor about which you probably still do not know shook Rome itself. It was so strong that nothing similar had occurred since the city’s founding over two thousand years ago”.

²⁰³ *Ibid.* No inglês “I confess that present events have disposed me to believe a great deal, since every kind of evil has been experienced by the human race. I shall not speak of the floods, the storms, and the fires by which entire cities have recently perished, of the wars raging throughout the world that are causing great slaughter of people, or of the plague from heaven that is unequalled through the ages. These are matters known to everyone, witnessed by vacant cities and fields without farmers, mourned by an afflicted and nearly deserted world and by the tearful face, so to speak, of nature herself”.

dois monges da mesma ordem que seu irmão, que relembram como Gherardo agiu frente à Peste. Ao se negar a deixar o monastério onde vivia e fugir da doença, ele foi o único em meio a 34 monges a sobreviver.

Eles avidamente abordaram o assunto, dando relatos maravilhosos sobre você, mas um em particular: **quando a peste que se espalhou por todas as terras e mares, por sua vez, alcançou você**, invadindo aqueles campos onde você serve a Cristo, seu prior, de outra forma um santo e um homem zeloso, como eu pessoalmente sei, ficou tão aterrorizado com a aflição inesperada que insistiu em fugir. À maneira de um cristão e filósofo, você respondeu que o conselho dele era bom, desde que houvesse algum lugar inacessível à morte; diante da insistência dele para que todos saíssem mesmo assim, você respondeu com firmeza que ele poderia ir aonde achasse adequado, mas que **você permaneceria no posto que acreditava que Cristo havia confiado a você** (FAM XVI, 2)²⁰⁴.

Gherardo não fugiu pois a morte poderia encontrá-lo em qualquer lugar. Ele permanece no posto designado a ele por Deus e sobrevive. Essa carta, logo, assume uma função muito interessante na coleção por ser repleta de não-ditos, além de representar uma quebra no modo como Petrarca escreve sobre a Peste e seus efeitos: pela primeira vez, há um tom de positividade.

Essa carta não tem nenhum dos conceitos escolhidos para estudo – medo, esperança e Fortuna. Até esse ponto, todos formaram representações negativas do processo como o autor compreende a Peste e a si mesmo. Ao tratar de seu irmão, o que acontece é exatamente o contrário, o que faz com que nenhum dos termos precisa ser empregado. Gherardo é colocado como o oposto do irmão, a pessoa a quem Petrarca mais admirava e seu exemplo. Gherardo seria abençoado pela Fortuna, pois é virtuoso. Mesmo que essa tenha sido em algum momento negativa, ele a usou para fortalecer sua fé. A esperança não é necessária e o medo, em frente à Peste, foi inexistente. Gherardo é a imagem virtuosa do homem que Petrarca visa se tornar.

Essa é também a única carta em que Petrarca fala sobre sobrevivência. Em seu caráter positivo, ela é muito menos elaborada que as outras. O autor realizou uma escolha narrativa diferente, muito mais sucinta e repleta de silêncios. O discurso em relação à Peste foge da morte, para a vida.

A Peste parece ter sumido de suas mais frequentes considerações, com apenas menções pontuais nos livros XI e XVI. Porém, em 1360, ela volta não só às reflexões de

²⁰⁴ *Ibid.* P. 293. No inglês “They eagerly took up the subject, giving wonderful reports of you, but one in particular: when the plague that had spread over all lands and seas had in turn reached you, invading those fields where you serve Christ, your prior, otherwise a holy and zealous man as I personally know, was so terrified by the unexpected affliction that he urged flight. In the manner of a Christian and philosopher, you replied that his advice was good, provided there was any place inaccessible to death; at his insistence that everyone leave nonetheless, you answered more resolutely that he might go where he thought proper, but that you would remain in the post you believed Christ had entrusted to you”.

Petrarca como também à própria Itália. A Albertino da Canobio, amigo e médico, ele relata em outubro de 1360:

Ciente de tudo isso, o que mais posso fazer senão aguardar a morte ou prosseguir alegremente e inafetado? Pois morrer com alegria é a nossa maior felicidade, enfrentá-la com terror excessivo a nossa maior fraqueza; permanecer destemido em meio a coisas que parecem assustadoras e contemplar a morte com olhos firmes são realmente o caminho e o dever de um homem de verdade (FAM XXII, 12)²⁰⁵.

Como o irmão, Petrarca deve enfrentar a morte com serenidade. A diferença é que, agora, ele pode fazer essa afirmação com a convicção de que essa possibilidade é real para si.

Flaco disse muito bem: “O poder imprevisto da morte varreu as nações e continuará a fazê-lo”. Se eu fugisse da peste, que até agora só aterrorizou em vez de invadir esta cidade, quão numerosas e variadas seriam as flechas da morte na perseguição de fugitivos, e embora eu possa me esquivar de algumas delas, exponho minha vida a outras! (FAM XII, 12)²⁰⁶.

Fugir de um golpe da Fortuna é se expor a outro e fugir da morte, a única e inevitável certeza da vida, é estupidez. As cartas assumem um tom de clareza, Petrarca já não coloca questionamentos aos golpes da Fortuna e à morte, mas se expressa como alguém que está pronto para aceitar o futuro. Com a passagem da primeira carta com menção da Peste, no livro VII, à última, no livro XXII, mais de 10 se passaram, anos em que o autor se propôs uma busca incessante da melhor vida possível. Ele expressa:

O medo é verdadeiramente rápido, mas a morte é mais rápida e a Fortuna ainda mais; será mais uma honra para nós sermos encontrados firmes do que impedidos de fugir. Aguardemos então com espírito sereno na terra o que nos foi decretado no céu (FAM XXII, 12)²⁰⁷.

De lição da sequência de cartas do livro VIII para simulação do real, aguentar os golpes da Fortuna pelo desenvolvimento da virtude parece algo sólido no final dos Familiares. Sofrer sem medo nem esperanças, com constância e confiança em Deus confere paz e serenidade a mente atribulada de Petrarca. Ele mesmo, há anos, aconselhava

²⁰⁵ *Id. Rerum familiarium libri XVII-XXIV*, op. cit, p. 237. No inglês “Aware of all this, what else can I do except await death or proceed cheerfully and undaunted? For to die joyfully is our utmost happiness, to face it with excessive terror our greatest weakness; to remain fearless amidst things that appear frightful and to gaze upon death with steadfast eyes is truly the proper course and duty of a real man”.

²⁰⁶ *Ibid.* No inglês “Flaccus said it very well, “The unforeseen power of death has swept away nations, and will continue to do so.” Were I to flee the plague, which has thus far terrified rather than invaded this city, how very numerous and varied would be death’s arrows in pursuit of fugitives, and though I may dodge a number of them, I expose my life to another!”.

²⁰⁷ *Ibid.* P. 239. No inglês “Fear is truly swift, but death is swifter and fortune even more so; it will be more to our honor to be found standing firm than forestalled in flight. Let us with serene spirits, then, await on earth what has been decreed for us in heaven”.

Enquanto isso, submeta sua mente vacilante ao apoio da virtude e da constância, para que, mesmo que a terra trema, sua mente possa ter uma morada estável. Como diz Horácio: “Se o mundo desmoronar, deixe a mente sofrer destemidamente as ruínas (FAM XI, 7)²⁰⁸.

A construção intencional e muito bem planejada de seu personagem, em meio a cartas que vão se tornando cada vez mais fortes e repletas de certeza, é confirmada na primeira carta da coleção. Escrita por volta de 1350, quando passava a compilar suas cartas, Petrarca escrevia como se do futuro para o passado:

A Fortuna me exauriu com batalhas longas e sérias. Enquanto meu espírito e minha coragem duraram, resisti e incentivei outros a fazerem o mesmo. Quando a inimiga, com sua força e seus ataques, começou a fazer vacilarem meu espírito e minha resistência, meu glorioso estilo pereceu e eu me vi rebaixado a essas lamentações que agora me desagradam. Talvez a devoção dos meus amigos me desculpe. Apenas saber da segurança deles foi suficiente para me impedir de gemer diante das feridas do destino. Todos esses amigos, no entanto, em pouco tempo foram destruídos com um único golpe, e quando o mundo inteiro aparentava estar morrendo, parecia mais desumano do que viril não se comover com isso (FAM I, 1)²⁰⁹.

Inaugurando os Familiares, essa carta reflete sobre todos os golpes sofridos pelo autor. Com a Peste, ele diz ter passado a escrever com menos força. Essa questão está realmente presente nos Familiares, em cujos livros VIII, IX e X encontram-se as cartas mais fracas, menos virtuosas, mais repletas de lamentações. Ainda assim, Petrarca já previa que os Familiares tomariam outro rumo, uma mais forte e virtuoso, em seu final. Na mesma carta, ele escrevia:

[...] à medida que envelheço, pareço ficar mais forte contra os golpes e as injustiças da Fortuna. Finalmente, ainda não se sabe como me sairei nas provações da vida, pois não ousa tentar fazer quaisquer promessas. Isto é verdade, porém: neste momento o meu espírito é tal que nunca sucumbirei a mais nada (FAM I,1)²¹⁰.

²⁰⁸ *Id. Rerum familiarium libri IX -XVI*, op. cit, p. 100-101. No inglês “Meanwhile submit your vacillating mind to the support of virtue and constancy so that, even if the earth quakes, your mind may have a stable abode. Indeed as Horace says, “If the world were to crumble, let the mind fearlessly suffer the ruins”.

²⁰⁹ *Id. Rerum Familiarium Libri I-VIII*, op. cit, p. 12. No inglês “Fortune exhausted me with long and serious battles. As long as my spirit and courage lasted, I resisted it and urged others to do the same. When the enemy with her strength and attacks began to make my spirit and resistance waver, the grand style perished and I found myself descending to these lamentations which now displease me. Perhaps the devotion of my friends will excuse me. Just knowing of their safety was sufficient to prevent me from groaning at the wounds of fate. All these friends, however, in no time at all were destroyed in almost one stroke, and when the whole world seemed to be dying it appeared inhuman rather than manly not to be moved by it”.

²¹⁰ *Ibid.* P. 14. No inglês “[...] as I grow older I seem to become stronger against the blows and injustices of fortune. Finally how I fare in the trials of life remains to be seen, for I dare not try to make any promises. This much is true, however, that right now my spirit is such that I shall never succumb to anything further”.

Petrarca sabia que trataria seu futuro e comporia suas futuras cartas com mais fortitude. Tudo se enquadra na lógica dos Familiares, do seu início ao seu final. Mostrando uma vida que é, como ele mesmo coloca, uma “guerra”, com sucessivos golpes, Petrarca usa da experiência da Peste para impulsionar sua narrativa em direção de seu objetivo.

A Peste é recorrente no pensamento de Petrarca, mas não dominante. Ela assume um papel de fator de desestabilização e enfraquecimento do autor, que é equivalente ao papel de outras tragédias da vida de Petrarca, aos outros constantes golpes da Fortuna. Seu diferencial está no fato de que ela funciona como uma alavanca para o desenvolvimento da coleção. Como Petrarca expunha suas ideias como consequências diretas de seu próprio desenvolvimento narrado nas cartas, ele pode incorporar a virtude no drama de sua própria vida a partir dos acontecimentos dos anos de 1348 e 1349.

A habilidade retórica de Petrarca se destaca em seu poder de fazer episódios biográficos tornarem-se casos exemplares²¹¹. Logo, a maneira como reage inicialmente à morte de amigos em razão da Peste é questionada pelo próprio autor em suas cartas. Ele precisa tornar essa experiência uma razão para a busca da vida assética, da moralidade não possuída por ele.

Entender a Peste em Petrarca, portanto, é ler entre a experiência descrita e a intenção da descrição dessa experiência. Os efeitos da epidemia parecem então mais degradantes à vida do autor do que a Peste em si, sendo a representação da Peste sempre negativa, mas nunca debilitante à vida do autor. Isso difere da perda dos amigos, que compunham o mundo de sociabilidade do autor, cuja perda pela Peste é devastadora. Os efeitos da doença são alçados à ação da Fortuna e à reação humana, que pode ter resultados tanto positivos, como em Gherardo, quanto negativos.

A representação da Peste é o que impulsiona a narrativa e reflete em diversos outros assuntos. Sua representação avançou junto com a vida do autor, sendo inserida em seu contexto de reforma em busca da virtude. Tornando a coleção cada vez mais reflexiva do que experiencial, como havia começado, a Peste permite um discurso cada vez mais desenvolvido sobre Fortuna e virtude. O modo como Petrarca representa a Peste, assim, perpassa os desafios do medo e da esperança e os golpes da Fortuna. Desse modo, ele pode traçar a narrativa de superação de ambos, que leva à virtude. Para tal, o autoquestionamento, a autoconsolção e a autodepreciação são peças estratégicas substanciais.

²¹¹ WESTWATER, Lynn Lara. **The Uncollected Poet**, op. cit, p. 307.

Devido à elaboração de uma memória para a posteridade, aqueles que lerem a coleção colocarão sua atenção na fé de Petrarca, construída ao longo da sequência de cartas do volume VIII em diante. A esperança é negativa no presente da Peste, mas confirmada em um futuro em que Petrarca seria visto como queria ser visto. O tema da morte, que passa a aparecer com cada vez mais frequência em sua correspondência, é um reflexo de sua consciência pesarosa e atribulada. Seu trabalho e a subsequente fama que ganharia por ele parecem criar barreiras para a sensação de morte próxima provocada pela epidemia. Em vista disso, ele se coloca em diálogo com passado e futuro para demonstrar a superação das dificuldades que encontra em seu caminho, de modo a convencer que a busca pela virtude foi embasada pelo seu passado, é seu objetivo em seu tempo presente, e será conquistada no futuro.

A representação da Peste em Petrarca tem efeitos variáveis, o que fundamenta a compreensão da epidemia a partir das vontades literárias e intenções de criação de um legado do autor, o que não torna os meios de se pensar a Peste únicos e estáveis. Dessa maneira, a representação da Peste para o autor não se forma unicamente de sua experiência da epidemia, mas é entremeada pelo contexto da coleção e pela sua construção literária em cima das noções de Fortuna, medo e esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou demonstrar que a Peste de 1348 foi um dos marcos definidores na construção e na estruturação da coleção *Rerum Familiarum Libri* de Petrarca. Sua representação serve como fundamento para a narrativa que busca forjar uma forma de memória específica sobre o autor.

A escrita de cartas na Idade Média envolvia a intenção de tornar públicas experiências pessoais. Nessa esfera, não só as cartas de Petrarca foram enviadas, mas ele mesmo compôs uma coleção para que suas experiências, então altamente elaboradas na narrativa de sua própria vida, fossem lidas e tomadas como exemplos de moralidade. Para isso, uma evolução da *ars dictaminis*, tradição da composição de cartas e arte argumentativa, cujo objetivo era informativo e persuasivo, foi necessário. A reforma na escrita de cartas constitui um dos principais elementos humanistas em Petrarca²¹², que não superou de todo a *ars dictaminis*, mas permitiu uma nova maneira de pensar as comunicações a partir da arte da união da escrita de carta e da arte da oratória, da vida privada com a vida pública.

Dentro das principais intenções de Petrarca estava o desejo de preencher uma lacuna tanto temporal, quanto espacial e íntima entre duas pessoas, um meio de criar e manter relacionamentos²¹³. Como para Petrarca o valor da fala residia no seu poder de disseminar conhecimento aos seus interlocutores, o discurso era dirigido para o exterior e para a difusão da *caritas* cristã. Inspirado nas epístolas de Cícero, ele inseriu a experiência de sua própria vida em suas cartas, além de um interesse pela divulgação de sua experiência e de seus pensamentos mais íntimos. Visto que as cartas detinham a função de construir uma espécie de presença do seu autor ao promover a circulação de seu conteúdo²¹⁴, a fusão do exemplo da Antiguidade com a tradição da *Ars dictaminis* funcionou muito bem dentro do quadro proposto pelo autor.

Ao pensar em criar sua coleção de cartas, Petrarca teve de revisar suas cartas e seus objetivos para elas. Uma carta inserida em uma coleção tinha uma função separada e distinta da carta que foi originalmente escrita. Propondo-se criar uma imagem de si para a posteridade, Petrarca insere suas cartas em um contexto biográfico em que um objetivo específico deve ser cumprido. Logo, muitas epístolas tiveram de ser revisadas, reescritas ou até mesmo forjadas²¹⁵.

²¹² *Ibid*, p. 26.

²¹³ *Ibid*, p. 14-15

²¹⁴ BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval**, op. cit, p. 270.

²¹⁵ *Ibid*, p.116-118.

Nos Familiares, compostos por 24 volumes que cobrem décadas da vida do autor, os primeiros oito livros foram compostos cartas fictícias que foram acrescentadas à coleção para produzir efeitos desejados: a imagem de um homem culto, desejoso de proporcionar aos seus amigos sábias lições derivadas das mentes dos antigos²¹⁶. Desse ponto em diante, seus interesses passam a se tornar mais singulares ao longo de seu desenvolvimento intelectual. A natureza da coleção passa a divergir de cartas em que relata suas experiências para cartas em que seu exemplo de conduta frente às suas vivências é mais importante. Aos argumentos dos antigos, são adicionadas gradualmente citações de obras e de escritores católicos.

Toda a estruturação e conteúdo dos volumes de suas coleções de cartas e as expressões que elas formam foram habilmente interligadas, efeito de estratégias literárias e retóricas implantadas. Dessa maneira, os Familiares são uma coleção intencionalmente construída para legar ao futuro a construção de si que Petrarca intencionava a partir da elaboração de seqüências textuais que legaram uma narrativa de conflitos de consciência, dúvidas, anseio pela glória terrena e pela vida posterior, posturas cuidadosamente forjadas²¹⁷. Nada, nos Familiares, é produto do acaso.

Nesse sentido, a representação da Peste é complementamente intencional, mesmo em meio à narração de dúvidas, luto e alguns quadros contraditórios àquilo em que o próprio autor baseia sua reflexão: a fé em Deus. Em vista disso, o conceito de representação de Roger Chartier²¹⁸ foi mobilizado de modo a pensar as construções nas quais Petrarca fundamenta sua compreensão da epidemia. Segundo Chartier, a representação pode significar a apresentação pública intencional de algo, visando transmitir uma mensagem específica como a expressão de uma verdade²¹⁹.

Assim, cada carta deve ser compreendida em sua especificidade, dentro de suas condições de produção e de suas possibilidades de transmissão. Os medos e esperanças de Petrarca são posturas cuidadosamente construídas em diálogo entre as cartas dentro dos Familiares. Seus escritos e seu desejo de que esses ficassem conhecidos são compostos com a justificativa de que esse seriam de utilidade aos seus leitores, principalmente moral. Ao construir, então, uma narrativa em que sua história de vida é pensada como um arquétipo da busca pela virtude, Petrarca busca se situar como um dos grandes homens da História, os quais, devido a sua virtude, não seriam esquecidos.

²¹⁶ BERNARDO, Aldo S. *Rerum Familiarium Libri I-VIII*. State University of New York Press, 1975, p. 31.

²¹⁷ ASCOLI, Albert Russel. *Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch*, op. cit, p. 2.

²¹⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*, op. cit, p. 16-17

²¹⁹ *Id. À Beira da Falésia*, op. cit, p. 74-75.

Confiante, então, em sua autoridade ao tratar de cultura, Petrarca expressa desdém pela pobreza cultural que achava ser prevalente em sua época, em contraste com a Antiguidade Clássica que tanto admirava, fazendo disso um impulso para escrever²²⁰. A coleção *Rerum Familiarum Libri* foi concebida com a intenção de ser lida como um livro de instruções para uma vida virtuosa, um manual cultural para que seus leitores levassem sua experiência de vida em consideração ao refletirem sobre seus conselhos e formas de atuação frente a empecilhos - golpes da Fortuna²²¹. Bastante heterogêneas em assunto, as epístolas originais, reconstruídas ou fictícias estruturam a coleção por meio de uma série de “presentes” que formam tensão em sua sucessão²²². A estratégia da sequência epistolar leva sempre à incompletude, tornando a narrativa dos Familiares uma que termina apenas com a morte de seu autor, prevista e pensada na própria coleção.

A composição dessa imagem ou reputação do autor foi central no processo de criação de uma coleção de cartas²²³. Petrarca apresenta-se como alguém que luta para construir e fortificar sua virtude e para isso deve parecer um personagem ética e moralmente confiável. Sobre o pano de fundo histórico de sua vida e a submissão de suas cartas a uma disciplina retórica, Petrarca inicia uma prática de simulações e dissimulações em que cria a si como um personagem fictício²²⁴. Ele se coloca como uma figura referencial da experiência e da moral humana, forjando na coleção o que seria seu modelo ideal da experiência real vivida. Isso o guia na estruturação da coleção e seus assuntos.

Nesse contexto, o volume VIII dos Familiares assume uma centralidade no desenvolvimento narrativo de Petrarca. Com a Peste, ele constrói um evento literário dramático que servirá, em muitas formas, de base para o prosseguimento da coleção. Diferindo muito da versão original das cartas desse volume, ele utiliza de estratégias, como a mencionada *letter-splitting*, e de argumentos pré-estabelecidos para decidir como e por que certas cartas seriam inseridas na coleção e nesse volume. Assim, ao revisar e dividir cartas escritas anteriormente, ele recria a própria experiência, tornando-se um dissimulador em palavras. Petrarca teve o êxito de expor suas ideias como consequências do seu próprio desenvolvimento espiritual, incorporando a doutrina católica no drama de sua própria vida. A lógica desse desenvolvimento na coleção foi pensada da primeira à última carta dos

²²⁰ KIRKHAM, Victoria. *A Life's Work*, op. cit, p. 1.

²²¹ MAZZOTTA, Giuseppe. *Petrarch's Epistolary Epic*, op. cit, p. 318.

²²² ANTOGNINI, Roberta. *Il Progetto Autobiografico Delle Familiars Di Petrarca*, op. cit, p. 112.

²²³ HASELDINE, Julian. *Political Communications*, op. cit, p. 218.

²²⁴ MAZZOTTA, Giuseppe. *Petrarch's Epistolary Epic*, op. cit, p. 315-316.

Familiares. A habilidade retórica de Petrarca se destaca aqui em seu poder de fazer episódios biográficos tornarem-se casos exemplares²²⁵, como acontece com as vivências da Peste.

É dentro desse complexo contexto que se tentou entender a representação da doença nas cartas de Petrarca. A virtude, ideal muito refletido por ele e presente em várias de suas obras, é marca fundamental da trajetória na qual a Peste se insere. Para isso, os conceitos de Medo, Esperança e Fortuna, utilizados para entender a epidemia, se apresentam na narrativa como chaves de leitura para a construção dessa virtude e para o processo de representação e compreensão da Peste. Petrarca circunscreve a representação da Peste na construção de seu objetivo para os Familiares. Sua mudança de vida, em rumo ao alcance da sonhada virtude, é entrecortada pelo que chama de “golpes da Fortuna”, uma força submissa a Deus, o acaso, que age na natureza provocando ocorrências que afetam os seres humanos. A virtude é pré-requisito para alcançar a tranquilidade da mente, só alcançada na aceitação da eternidade da morte e da volatilidade da vida humana²²⁶, envolta nos imprevisíveis golpes da Fortuna que devem ser enfrentados pelo indivíduo²²⁷.

A Peste é tratada nos Familiares como um dos golpes mais fortes, inesperados e devastadores da época de Petrarca. Para colocar sua experiência da epidemia em texto, Petrarca precisa reexaminar sua postura inicial quanto à doença, que não faria sentido na progressão da coleção. A escrita e a reescrita de suas cartas, dali em diante, são parte de uma consciente e necessária preparação para a morte e do legado que deixaria. A evolução da coleção, assim, acompanha a evolução do autor.

Em 1348, quando Petrarca tinha 44 anos, a Peste o levou a perder seus mais próximos amigos. Seu crescente ascetismo, conseqüentemente, é bastante intensificado. Das 10 cartas analisadas, as primeiras mostram Petrarca horrorizado por perder sua rede de sociabilidade, tornando-o um sobrevivente solitário. A destruição acarretada pela Peste é descrita com descomedimento elevado em comparação a outras temáticas. Ainda assim, a Peste não passa de mais um desafio, de um golpe da Fortuna, de uma causa para sofrimento dentre inúmeras outras. O que lhe resta dos amigos perdidos seria preservado, por meio de memórias positivas. Apesar de tudo, há um apego à vida que resiste. O desenvolvimento da narrativa perpassa as sensações que a epidemia provocou no autor. A esperança resiste, mas o medo a substitui e a Fortuna o confirma.

²²⁵ WESTWATER, Lynn Lara. **The Uncollected Poet**, op. cit, p. 307.

²²⁶ BARSELLA, Susanna. **A Humanistic Approach to Religious Solitude**, op. cit, p. 204.

²²⁷ POCOCK, Jonh Greville Agard. **The Machiavelian Moment**, op. cit, p. 38-41.

As cartas seguintes apresentam uma imagem diferente. A esperança torna-se também negativa. A ansiedade pela notícia de vida ou morte de entes queridos é narrada como pior que a própria Peste. A representação dessa parece ser mais importante como pano de fundo da narrativa do que parte dela. Toda representação deve ser considerada intencional, o que torna a imagem da Peste, de Petrarca como homem enfraquecido que não consegue superar suas próprias sensações, relevantes em sua busca por respostas e por uma conclusão quanto à epidemia.

Petrarca já pensa a vida como sinônimo de sofrimento, se prepara para a morte e passa até a desejá-la. Toda a sua reflexão se volta à vida posterior. Seu comportamento não-virtuoso deve ser mudado, seu foco deve ser voltado à verdade, não à sua imaginação e a seus sentimentos. No lugar do medo da morte, surge o desejo da morte, um anseio pela proximidade de Deus e liberdade de sofrimento que ela traria. Tudo que ele questionou em sua fraqueza agora é envolto na certeza da fé.

Essa recriação narrativa dos desenvolvimentos obtidos a partir de experiência da Peste e o posicionamento advindo disso que resulta num exemplo de moral católica, foram construções intencionalmente simuladas nos Familiares²²⁸. A experiência real e a experiência recontada nos Familiares diferem no contexto que, em sua coleção, o golpe da Peste serve de motivação para um desenvolvimento narrativo. As consequências da doença são escritas como mais impactantes à consciência de Petrarca que a própria epidemia. Dessa maneira, a representação que a Peste assume nas cartas dos Familiares é um motivo que se apresenta como razão da busca pela virtude. Essa representação como causa para pesar e sofrimento é uma composição original e intencional que serve como base para o desenvolvimento da narrativa de virtude que dá motivo à coleção.

A descrição da Peste é semelhante à descrição de outros eventos catastróficos, como no exemplo trazido anteriormente dos terremotos de 1348 e 1349. A Peste teve o poder de alavanca, impulsionadora de mudanças internas em Petrarca, não em sua condição de vida. Ela não foi representada de uma única forma, mas aquilo que deriva dela, a reação dos seres humanos, é o efeito que importa. A Peste foi uma experiência, certamente, terrível para o século XIV, mas no final, para Petrarca, ela provocou o início de uma busca que teve resultado positivo. As maneiras como ele a representa, causadora de empecilhos a serem superados internamente, perpassa a sua aceitação, pois é enviada divina. O agente negativo, a Fortuna, também adquire caráter positivo: os golpes negativos são os que promovem um

²²⁸ WATKINS, Renne. **Petrarch and the Black Death**, op. cit, p. 200-201.

crescimento na fé. A esperança e o medo são sensações terrenas desimportantes no quadro maior, mas necessárias aprender a lidar com os golpes da Fortuna - ela sempre confirma uma das sensações, abrindo dois caminhos possíveis, mas só um que converge com o objetivo proposto. Nesse sentido, a esperança também vem a se tornar uma experiência tão negativa quanto o medo, porém uma experiência que tem o poder de ensinar uma lição. No quadro de desenvolvimento moral apresentado por Petrarca, e quebrado pela Peste, sua fraqueza - envolta em suas esperanças e medos - vai ser substituída pelo ascetismo que promove o crescimento vertical da virtude. A experiência negativa virá a torná-lo amargo em seu sofrimento, mas no final será produtiva às suas intenções.

Como a doença e suas representações nunca operam em um “vácuo”²²⁹, diversas formas de compreender a Peste foram representadas do século XIV em diante. Petrarca lutou para encaixar suas experiências em sua coleção, tornando-a uma impulso de desenvolvimento. Não se pode saber o quanto desse desenvolvimento foi tão real à Petrarca quanto ele descreve na coleção, mas pode-se compreender que ela foi uma forma impactante e uma causa real de pesar ao atingi-lo indiretamente pela morte de amigos. Descrita de forma agravada, sua representação como epidemia não é pior que outras causas de pesar. Descrita como razão de sofrimento, ela não é pior que o sofrimento em si. Inserida como fundamento para um contexto de desenvolvimento moral, ela vai aos poucos afetando menos a consciência de Petrarca e aparece raras vezes na coleção após o livro X. O que permanecesse, até o livro XXIII, é a certeza de que o autor chega mais perto de seu objetivo.

A Peste em Petrarca, portanto, é uma experiência trágica, mas um dos alicerces que sustenta os Familiares. A compreensão social da doença não foi única, e sua propagação, não foi livre de intenções. Em muitas formas, ela se assemelha a outras tragédias, mas foi a escolhida por ele, por seu grau de impacto real em sua rede de sociabilidade que formatava sua existência social, para demonstrar o potencial da virtude de levar o ser humano a algo melhor, mais próximo a Deus, e, claro, livre de golpes da Fortuna e de sofrimento.

²²⁹ HARRISON, Mark. *A Global Perspective*, op. cit, p. 639.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

BERNARDO, Aldo S. **Rerum Familiarium Libri I-VIII**. State University of New York Press, 1975.

BERNARDO, Aldo S. **Rerum familiarium libri IX -XVI**. The Johns Hopkins University Press, 1982.

BERNARDO, Aldo S. **Rerum familiarium libri XVII-XXIV**. The Johns Hopkins University Press, 1985.

ROBINSON, James Harvey; ROLF, Harvey Winchester. Medieval Sourcebook: Francesco Petrarch: Letters, c 1372. **Internet medieval sourcebook**, 2024. Disponível em: <<https://sourcebooks.fordham.edu/source/petrarch1.asp>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

Bibliografia consultada

AKOPYAN, Ovanes. **Renaissance Consolations: Philosophical Remedies for Fate and Fortune**. In *Fate and Fortune in European Thought, ca. 1400–1650*, by John Sellars. Brill's studies in intellectual history, vol. 327, 2021, p. 14-36.

ANTOGNINI, Roberta. **Il Progetto Autobiografico Delle Familiars Di Petrarca**. Edizione Universitale di Lettere Economia Diritto, 2008.

ASCOLI, Albert Russel. **Introduction to The Cambridge Companion To Petrarch**. In *The Cambridge Companion to Petrarch* edited by Albert Russell Ascoli and Unn Falkeid, Cambridge University Press, 2015.

Id. **Epistolary Petrarch**. In *The Cambridge Companion to Petrarch* edited by Albert Russell Ascoli and Unn Falkeid, Cambridge University Press, 2015.

BARKER, K; CONRAD, P. **The Social Construction of Illness: Key Insights and Policy Implications**. *Journal of Health and Social Behavior*, Vol. 51, p. S67-S79, 2010.

BARSELLA, Susanna. **A Humanistic Approach to Religious Solitude**. In *Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 197- 210.

BERNARDO, Aldo S. **Letter-Splitting in Petrarch's Familiars**. *Speculum*, vol. 33, n. 2, p. 236-241, 1958.

Id. **The Selection of Letters in Petrarch's Familiars**. *Speculum*, vol. 35, n. 2, p. 280-288, 1960.

BILLANOVICH, G. **Petrarca letterato: Lo Scrittoio del Petrarca**. Roma, 1947.

BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072).** *História* (São Paulo) v.34, n.2, p. 263-285, jul./dez. 2015.

CARMICHAEL, Ann G. **Plague Persistence in Western Europe: A Hypothesis.** *In Pandemic Disease In The Medieval World Rethinking The Black Death*, by Monica Green. Arc Medieval Press, Kalamazoo and Bradford, Vol. 1, p. 158-183, 2015.

CARMICHAEL, Ann G. **Universal and Particular: the language of Plague, 1348-1500.** *Medical History, Supplement*, n. 27, p. 17-52, fevereiro 2008.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a História entre Certezas e Incertezas.** Editora UFRGS: 1 ed. 2002. 280 p.

Id. **A História Cultural entre práticas e representações.** DIFEL: 2 ed. 2002.

CIOFFARI, Vincenzo. **Fate, fortune, and chance,** *in Dictionary of the history of ideas*, vol. 2, by Philip Wiener. Scribner, Nova Iorque, 1973, p. 225–236.

CONSTABLE, Gilles. **Letters and letter-collections.** Turnhout: Brepols, 1976.

COOGAN, Robert. **Petrarch and More's Concept of Fortune.** *Italica*, vol. 46, n. 2, p. 167-175, 1969.

FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. **Uma Proposta De Leitura Histórica De Fontes Textuais Em Pesquisas Qualitativas.** *Revista Signum*, vol. 16, n. 1, p. 131-?, 2015.

GELTNER, G. **The Path to Pistoia: Urban Hygiene Before the Black Death** *Past & Present*, Vol. 246, N.1, P. 3-33, 2020.

GETZ, Faye Marie. **Black Death and the Silver Lining: Meaning, Continuity, and Revolutionary Change in Histories of Medieval Plague.** *Journal of the History of Biology*, Vol. 24, No. 2, p. 265-289, Summer 1991.

GREEN, Monica H. **Editor's Introduction to Pandemic Disease In The Medieval World: Rethinking The Black Death.** *In Pandemic Disease In The Medieval World Rethinking The Black Death*, by Monica Green. Arc Medieval Press, Kalamazoo and Bradford, Vol. 1, 2015.

Id. **Taking "Pandemic" Seriously: Making the Black Death Global.** *In Pandemic Disease In The Medieval World Rethinking The Black Death*, by Monica Green. Arc Medieval Press, Kalamazoo and Bradford, Vol. 1, 2015.

KIRCHER, Timothy. **On the Two Faces of Fortune.** *In Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works*, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 245-254.

KIRKHAM, Victoria. **A Life's Work.** *In* Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 1-32.

HARRISON, Mark. **A Global Perspective: Reframing the History of Health, Medicine, and Disease.** *Bulletin of the History of Medicine*, vol. 89, No. 4, 2015, p. 639-689.

HASELDINE, Julian. **Political Communications, Networks, and Textual Evidence A Cross-Cultural Comparative Approach to Written Sources using Letter Collections.** *In* De Weerd, Hilde, and Franz-Julius Morche (eds), *Political Communication in Chinese and European History, 800-1600*, Amsterdam, Amsterdam University Press 2021.

LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. *Introdução: História de um Esquecimento.* *In* LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, P. 15-32.

LOONEY, Dennis. **The Beginnings of Humanistic Oratory: Petrarch's Coronation Oration.** *In* Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 131 –140.

MAGGI, Armando. **“You Will Be My Solitude”:** Solitude as Prophecy. *In* Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 179 – 196.

MARCHESI, Simone. **Petrarch's Philological Epic.** *In* Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 113-130.

MARSH, David. **The Burning Question: Crisis and Cosmology in the Secret.** *In* Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 211-218.

MARSHALL, Louise. **Affected Bodies and Bodily Affect: Visualizing Emotion in Renaissance Plague Images.** *In* MADDERN, Philippa; MCEWAN, Joanne; SCOTT, Anne M.: *Performing Emotions in Early Europe*, Vol. 11. P. 73-106, 2018.

Id. **Manipulating the Sacred: Image and Plague in Renaissance Italy.** *Renaissance Quarterly*, Vol. 47, No. 3, p. 485- 532, Autumn, 1994.

MARTINEZ, Ronald. **The Book without a Name: Petrarch's Open Secret.** *In* Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 291-300.

MAZZOTTA, Giuseppe. **Petrarch's Epistolary Epic: Letters on Familiar Matters.** *In* Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 309-320.

PANCHERE, Alessandro. **Lettere Disperse: Variae e Miscellaneae.** Fondazione Pietro Bembo, 1994, 563 p.

POCOCK, Jonh Greville Agard. **The Machiavelian Moment: Florentine Political Thought and the Atlantic Republican Tradition.** Princeton University Press, Princeton, 1975. 569 p.

ROSSI, Vittorio. **Le Familiari.** 4 vol. Edizione critica. Florença: G. C. Sansoni, 1933-1942.

SLACK, Paul. **Responses to Plague in Early Modern Europe: The Implications of Public Health.** Social Research, Vol. 55, No. 3, In Time of Plague, p. 433-453, 1988.

VELLI, Giuseppe. **Petrarch's "Epystole".** Italica, Vol. 82, No. 3/4, p. 366-379, 2005.

Id. **Poetic Journal.** In Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 277-290.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo:** Uma história da higiene corporal. Tradução do Francês: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes. 1996. 297 pg.

WALLACE, David. **Letters of Old Age: Love between Men, Griselda, and Farewell to Letters.** In Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 321-332.

WATKINS, Renee Neu. **Petrarch and the Black Death: From Fear to Monuments.** Studies in the Renaissance, Vol. 19, p. 196-223, 1972.

WESTWATER, Lynn Lara. **The Uncollected Poet.** In Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 301-308.

WITT, Ronald. **Medieval "Ars Dictaminis" and the Beginnings of Humanism: a New Construction of the Problem.** Renaissance Quarterly, vol. 35, n. 1, p. 1-35, 1982.

Id. **Petrarch, Creator of the Christian Humanist.** In Petrarch and Boccaccio: The Unity of Knowledge in the Pre-Modern World, by Igor Candido. De Gruyter, 2018, p. 65-77.

Id. **The Rebirth of the Romans as Models of Character.** In Petrarch: a Critical Guide to the Complete Works, by Victoria Kirkham and Armando Maggi. University of Chicago Press, 2009, p. 103-112.

YSEBAER, Walter. **Medieval Letters and Letter Collections as Historical Sources: Methodological Questions, Reflections, and Research Perspectives (Sixth-Fifteenth Centuries).** Studi Medievali, Vol. 50, N. 1, 2009, p. 41-73.